

Fetische

Carina Luft

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Você pode encontrar mais obras em nosso site: [Epubr.club](https://epubr.club) e baixar livros exclusivos [neste link](#).



Aos que passaram,
aos que ficaram,
e aos que virão.

“Este mundo é o campo de batalha de seres atormentados e agonizantes que continuam a existir somente devorando-se uns aos outros.”

Arthur Schopenhauer

Quarta-feira, 21 de janeiro

Ao descer do ônibus, na rodoviária, usando óculos escuros, Patrícia segue com passos pausados, ombros caídos e mãos nos bolsos em direção à rua à procura do táxi prefixo 2425. Olhando sempre à frente, coloca a mão na bolsa e retira um cartão, mostra ao motorista e pergunta se ele conhece o endereço. Com sorriso fixo e hálito ruim, ele confirma e abre a porta traseira. A moça vira o rosto para não sentir ainda mais o cheiro. Ele sai rápido e faz a volta pela frente. Ao sentar, repete o endereço. Ela olha com desdém e a cabeça confirma. Ele continua falando enquanto dá partida no carro. Comenta o calor, a seca que assola a Região Sul e os prejuízos que a estiagem trouxe ao município. Sentada com os braços moles sobre o colo e o rosto franzido, a moça não diz uma palavra. Observando-a pelo espelho, ele resolve mudar de assunto.

— Modelo? — repete, em tom de surpresa, movimentando a cabeça para cima e para baixo. Ajeita-se no assento e questiona o motivo que a trouxe a Adenauer, uma cidade tão pequena.

Enjoada do cheiro ruim e do carro emporcalhado, do calor e do desgaste da viagem, fala breve.

— Calce? — ele franze o rosto. — Ah! Veio experimentar sapatos na fábrica dos Weissmann?

Desponta uma ligeira impaciência enquanto os olhos do taxista a enquadram no espelho retrovisor à espera de uma resposta.

— Não! Fotos pra uma campanha.

— Campanha, aqui?

Patrícia, sem que um traço do rosto se mova, simplesmente repete:

— Fotos pra uma campanha.

O homem sorri, movimentando apenas um lado da boca, e balança suavemente a cabeça. Não fala nada, e o carro avança pelas ruas secundárias de Adenauer.

De repente, uma freada brusca, uma buzina e reclamações. O táxi cruza uma preferencial sem parar.

— Ô filho da puta! Não olha por onde anda?

Coloca a cabeça para fora e responde:

— Não enche o saco, ô veado!

Volta, direciona o olhar ao retrovisor, ajeita-o e emoldura o belo rosto de Patrícia.

— Esses alemão são uns grosso! A senhorita me desculpa... Então, a senhorita vai fazer uma publicidade pros Weissmann?

— É. Fui convidada pra posar.

— Vão lançar sapato novo?

— Uma coleção de sandálias.

— E tu já conhece o pessoal da fábrica? — pergunta, coçando a cabeça com a mão direita.

No rosto da moça, desenha-se uma expressão retesada; ela não responde.

— E como veio parar aqui?

Patrícia sente-se obrigada a conversar. Conta que um amigo fotógrafo, morador de Adenauer há pouco tempo, a convidou. Ele conseguiu as fotos, anunciando um dos primeiros trabalhos da modelo.

O taxista revela outro sorriso, de quem não fala, apenas ri.

— É a primeira vez em Adenauer?

— Sim.

— E veio sozinha?

— Sim.

Atravessam uma longa rua deserta. No fim, alcançariam a estrada de Araricá, que liga Adenauer a Leuna.

— E como funciona esse negócio de fotografia?

Patrícia fica quieta.

— Me desculpa a intromissão, mas a senhorita veio sozinha, não conhece a fábrica, pediu pra levar lá, não trouxe nada junto. Seu

amigo vai estar esperando?

Uma agitação começa a crescer no peito de Patrícia e transparece no rosto. As perguntas, os risos, o jeito do desconhecido, o calor, o cheiro fétido e a pressa de chegar fazem-na cuspir uma resposta.

— É claro que sim!

— Mas ele tá lá sozinho?

— Não. O pessoal da produção também tá lá.

— Hummm. A senhorita viaja sempre sozinha?

Patrícia retira da bolsa uma caixa de lenços: puxa um, outro sai grudado. Desliza-os suavemente pela testa, desce pela fronte até encontrar as maçãs, passa pelo buço, chega ao queixo e, mergulhada em seus pensamentos, firma o olhar num ponto fixo. Então, amassa os papéis, apertando-os firme entre os dedos. Olha o pulso, larga o lenço no colo, ajeita o relógio e suspira. Remexe na bolsa, pega o celular e verifica as ligações recebidas, como se ali estivesse uma possibilidade de mudar o rumo das coisas. Eles rodam há algum tempo, e Patrícia não avista a fábrica, tampouco sinais dela.

— Então, o fotógrafo é amigo. Que bom, né? Assim, a senhorita sempre tem serviço, né?

O taxista diminui a velocidade, para na sinaleira e, enquanto aguarda o sinal abrir, amenidades saem de sua boca, sempre rindo, riso baixo num tom de menosprezo. Ela o olha de soslaio.

— Tu conhece o Alberto?

— Por que, dona?

— Foi ele que disse pra eu pegar o teu táxi.

— Aqui, todo mundo se conhece, dona! Cidade pequena é assim mesmo — gira a cabeça, mirando-a de esguelha, por cima do ombro direito. — Então, é a primeira vez em Adenauer? — e arranca o carro.

— Sim.

— Sabia que Adenauer foi um distrito de Leuna até o finzinho de 88? — diz, olhando pelo espelho lateral, certificando-se de que poderia virar à esquerda. — Aqui, tem muito alemão, dona. Quase só alemão. Eles vinham pra cá atrás de terras pra trabalhar e abriam

caminho na mata, que eles chamavam de picada. A primeira família foi a de Axel Adenauer, daí o nome Picada Axel, depois é que virou Adenauer. Só que... bem, as redondezas cresce e aqui não passa de um lugarzinho comum.

Patrícia permanece rígida, cada vez mais fechada em seus pensamentos. “Por que não chegamos? Por que me foi recomendado esse motorista? Por que estamos rodando tanto? Por que tanto mistério?”.

— Mas tem umas lojinhas, mercadinhos, uma sorveteria pequena, farmácia, uma pizzaria, que tem comida por peso de meio-dia e pizza de noite, ainda tem a pensão da Dona Nedir, um lugar simples, sabe?, mas limpinho e muito bom. Depois, tem a lotérica do Seu Gedião e uma danceteria que inaugurou faz pouco tempo. Um espetáculo! A senhorita devia conhecer.

Patrícia comunica-se consigo mesma, enquanto o motorista avança em seu discurso enfadonho.

— A população não passa dos dezenove mil — diz, balançando a mão, indicando incerteza. — Mas — olha novamente pelo espelho lateral — tem um polo com fábricas bem no meio das duas cidade. Mas é que fica perto da capital, as pessoa acaba indo e vindo todo dia e Adenauer não movimenta. Não fica povoada, sabe?

O táxi avança, e o motorista, pigarreando, dá continuidade à conversa. Ao mesmo tempo em que conduz o automóvel e fala, enxuga a face suada com o dorso da mão, como se o ato de limpar-se pudesse disfarçar o nervosismo.

— A fábrica que a senhorita vai fica no meio das duas cidade, numa estradinha de chão batido, é de uma marca bem conhecida. Parece que eles faz as campanhas que a senhorita falou por aqui mesmo, mas chama pessoas de fora pra posar. De Porto Alegre, de São Paulo, até do Rio de Janeiro.

Patrícia começa a prestar atenção nos comentários do taxista, detalhes de coisas que ele parecia não ter conhecimento agora vêm à tona. Atenta ao trajeto e à conversa, retira da bolsa o celular e liga para Alberto. O som da primeira chamada surge. Patrícia ouve o segundo sinal, segura o aparelho com a mão esquerda, enquanto desliza a outra sobre a calça jeans para secar o suor, e a terceira

chamada acontece, vem a quarta, a quinta, a sexta, e a sétima é interrompida pela mensagem da caixa postal que ecoa em seus ouvidos. Ela desvia o olhar para o lado, o rosto voltado para o nada, encerra a ligação sem deixar recado, coloca o telefone de volta na bolsa, ajeita-se no assento e decide acabar com a mornidão de seu comportamento. Desanimada pela impotência de não conseguir se comunicar com Alberto, ou sair daquele carro, ou voltar para o centro, ou fazer qualquer coisa que atenuasse sua impaciência, resolve explorar mais os fatos, conversando com o taxista.

— Pelo jeito, tu conhece bem a cidade.

— É como te falei, dona! Cidade pequena a gente acaba sabendo de tudo, mesmo sem querer.

— Tu é daqui?

— Não. Mas já me sinto como se fosse — reforça, olhando-a pelo espelho.

A modelo eleva os ombros. Os traços suaves do rosto transformam-se numa feição perturbada, a voz fica tensa. Então, pergunta se estão longe e por que têm que rodar e rodar numa estrada de terra e por que não enxerga placas ou sinais da fábrica.

— Mais uns dez minutinhos, dona! A gente anda mais uns três quilômetros, aí eu quebro à direita.

Não há casas, apenas uma planície adormecida de vegetação amarelada com o gado magro pastando. Patrícia retira da bolsa outro lenço de papel e seca o suor.

— Calor? Eu posso ligar a ventilação pra senhorita. O ar não dá, porque quebrou. Preciso consertar, mas, pra isso, tenho que ir pra capital, daí perco o dia todo, a gente que trabalha por conta não pode se dar o luxo de ficar parado um dia, então acabo adiando, e o ar fica desse jeito — gira para o máximo o botão do ventilador.

Vinte minutos transcorridos desde que deixaram a rodoviária, e Patrícia estremece dentro do táxi. Num ato repentino, pega o celular e liga para Alberto, a gravação da secretária eletrônica ressoa. Aperta a tecla vermelha, e a conexão cai. Tem a sensação de que uma tempestade está por iniciar-se. “Por que o Alberto desligou o telefone? Por que as casas de Adenauer ficaram pra trás?”. Uma nuvem de poeira forma-se ao redor do veículo, que

anda em velocidade superior às condições da estrada, num caminho repleto de curvas e pedras de saibro soltas. Patrícia, mais uma vez, olha o relógio, de minuto em minuto vai contando o tempo perdido, a respiração fica cada vez mais arquejante. A paisagem antes vista, campos e gado pastando, agora se transforma em algo sombrio. Não eram mais as casas de Adenauer que tinham ficado para trás; as planícies amareladas também, pois cediam espaço a um matagal virgem e escuro, preenchido pelo marrom das sombras das árvores. Forçada pelo medo, Patrícia inclina o tronco à frente.

— Como é teu nome?

— Anselmo.

— Anselmo, tu tem certeza que estamos no caminho certo?

O sujeito revela um riso bobo, como sempre fazia.

— Claro que sim, não te preocupa, a senhorita vai chegar exatamente onde precisa chegar, na hora certa.

Como parte de um mesmo ritual, Patrícia volta o corpo para trás e olha mais uma vez pela janela na tentativa de avistar algum sinal de urbanização. Anselmo dirige em silêncio; o bege da estrada levanta-se, envolvendo o carro. Patrícia inclina-se de novo à frente.

— Tu me disse que não é daqui de Adenauer.

— Ahã. Mudei pra cá faz pouco tempo — responde sem olhar para a jovem. — Vim pra trabalhar de DJ numa danceteria, aquela que te falei antes, é nova na cidade, sabe? Mas não deu certo — disse, coçando a cabeça. — Então, acabei arrendando um táxi e fiquei por aqui mesmo.

— Anselmo, aquele endereço que te dei, tu sabe onde fica?

— Como a palma da minha mão, dona! — responde, espiando-a pelo retrovisor. — Não fica assustada. Conheço muito bem o lugar pra onde levo a senhorita. Passo aqui todos os dias.

Patrícia volta-se para trás, encosta-se no banco, cruza os braços e vira o rosto para o lado direito. A paisagem ao redor é de eucaliptos altos e escuros.

— Estamos chegando... — o motorista dobra numa estrada menor, ainda mais estreita e em piores condições. — Esqueci de falar pra senhorita, o fotógrafo que vai fazer as fotos é meu brother.

Sempre descola uns bicos pra mim. Ainda mais quando é mulher bonita que nem a senhorita.

Patrícia, com o estômago embrulhado, acha estranho o comentário e, mesmo com dúvidas, não questiona. Ambos transpiram muito.

— Preciso confessar um negócio pra senhorita...

Patrícia tem vontade de fugir.

— Quando o Alberto me disse que ia trazer uma modelo, perguntei se a senhorita era bonita.

Ela não tem coragem de responder. Prefere obedecer às circunstâncias. Impedida de qualquer ação para se livrar daquele homem, escolhe o silêncio. Remói os pensamentos, indo e voltando aos detalhes da conversa. Lembra-se do início, quando ele perguntou a profissão e demonstrou não saber nada. Tudo mentira.

— Sabe o que ele falou? Que a senhorita tem uns pezinho lindo!

Patrícia faz que não ouve.

— Perfeitinho — repete, franzindo o cenho e encolhendo os ombros, num sorriso abestalhado. — E fiquei curioso pra ver. É que eu e meu amigo somos ligado num pezinho.

Patrícia estremece, precisa fugir do teor da conversa. Sem saber exatamente o que dizer, apenas concorda com a cabeça. Anselmo freia subitamente o carro. Os pneus vibram sobre as britas, disparando rajadas de cascalho por todos os lados. Uma nuvem de poeira levanta-se. Patrícia fica imóvel. A estrada do tamanho de um veículo pequeno, com capins no meio, atravessa o matagal e parece não ter fim. O taxista volta-se para a moça, apoia o cotovelo sobre o banco e repete em tom suave:

— Sabe, sou ligado num pezinho.

Patrícia engole em seco e respira fundo.

— Tu já me disse isso.

— Sabe que é a primeira coisa que olho numa mulher?

Patrícia fixa-se, gélida, nos olhos dele.

— Entendo, mas precisamos ir, senão vou me atrasar.

— A senhorita fala alemão?

— Não.

— Então, não sabe o que quer dizer o nome da mata, né?

— Que mata?

— Essa aí.

— Não.

— Dunkel Loch. Buraco negro. Parece que os alemão que não obedecia as regra do Seu Axel eram enterrado vivo nessa mata.

— Anselmo, por favor, precisamos ir.

Ele a fita por um instante. Vira-se para frente, engata a primeira marcha e a olha pelo retrovisor.

— Antes de chegar lá, a senhorita vai me mostrar os seus lindos pezinho, não vai?

Quinta-feira, 22 de janeiro

Na delegacia, inclinado sobre a mesa, Fernão Weber despacha as atividades de rotina. De rosto redondo, marcado por um bigode preto nada natural – um contraste em relação ao cabelo castanho acinzentado e as sobrancelhas ralas –, e de corpo pesado, escondido dentro de terno escuro, consegue manter o charme de um quarentão, embora já esteja com cinquenta anos. A postura ereta e altiva aliada à pele clara, com nariz proporcional ao rosto e cabeleira vasta, porém bem aparada, dão a ele a elegância que muitos homens gostariam de ter. Delegado há vinte e três anos, é homem de pouca fala, frases curtas e, às vezes, pouco polidas.

Costuma ficar horas sentado, lendo e relendo a documentação em seu gabinete. Passou o tempo em que, como parte de um ritual, saía da delegacia para acompanhar a perícia ou a equipe de investigação. Agora, designa Nestor, um jovem investigador policial que ele pretende preparar.

O relógio, no alto da parede, marca oito e meia, e a movimentação na DP já é intensa. Com a sirene ligada, chega uma viatura da Brigada Militar. Estaciona. Dois policiais descem e arrancam do fundo da velha caminhonete três adolescentes algemados acusados de furto. No plantão, uma fila pequena se forma. Uma mulher, com parte do rosto inchado e arroxeadado, debruça-se no guichê de atendimento; quer registrar queixa, apanhou do marido. No teto da secretaria, um ventilador empoeirado gira lentamente e uma das lâmpadas fluorescentes pisca dando sinais de exaustão. Funcionários da delegacia entram e saem frenéticos a todo instante em busca de documentos, atendem

o telefone, pedem qualquer coisa uns aos outros, remexem no arquivo; enquanto Heidi, a secretária de Weber, senta-se diante da escrivaninha lotada de papéis e relatórios. O som do telefone mistura-se ao ruído dos passos de entra-e-sai e das portas que se batem. Toca quatro vezes até que Heidi levanta o braço, espicha-se e atende. Do outro lado, é Nestor.

O delegado despachava a documentação do dia anterior, lendo e imprimindo vistos em cada uma das folhas. Distante do barulho que se criou fora da sala, consegue concentrar-se em seu trabalho de rotina até ser interpelado pela campainha do telefone.

— Bom dia, doutor!

— Bom dia!

— Mais um assassinato. Me avisaram agora, pelo celular. Tá sabendo?

Weber larga a caneta e recosta-se na cadeira.

— Não! Como foi?

— Pelo que pude apurar, igual ao outro. Mesmo procedimento, mesmo biótipo da vítima e no mesmo lugar. A moça ainda não foi identificada. O que se sabe é que ela não é de Adenauer. A Brigada está isolando a área, e os peritos, a caminho. Liguei pra capital pedindo a presença deles. Estou indo pra lá também, ou melhor, já estou quase chegando.

— Perfeito! Me mantém em contato.

O rosto do delegado enche-se de preocupação. Retira os óculos e comprime as órbitas dos olhos com as mãos ao passo que respira fundo. Levanta-se e retira do bolso um molho de chaves, larga-o sobre a mesa, tira o paletó, coloca-o num cabide de madeira, fixado na parede lateral, e vai à térmica de café. Sempre faz isso ao chegar, mas, hoje, foi impossível devido à demanda. Ao servir-se, olha pela janela, enxerga apenas o pátio da delegacia: “Hoje é um daqueles dias que parecem prenunciar uma explosão”, pensa. Engole, num único e rápido gole, o café, coça de leve a barba, pressentindo que a jornada será longa.

O telefone rompe o silêncio. Weber caminha de volta à escrivaninha.

— Pois não?

- Cheguei.
- E, então?
- O vagabundo fez igualzinho à outra vez.
- Sei. Por mais parecido que seja, Nestor, sempre existe um indício que diferencia um crime do outro. Presta atenção! Não deixa passar um detalhe.
- Sei disso, Weber. Fica tranquilo, estou ligado.
- Ainda hoje quero o boletim na minha mesa. Se der, dou uma passada aí mais tarde.
- O fone é largado sobre o aparelho.



Weber deixa de lado as atividades de rotina. Caminha até o arquivo – os tacos dos sapatos cortam o silêncio num ruído inútil, interrompido no momento em que para diante do móvel; o ranger da velha gaveta de aço espalha-se na sala – e retira dele uma pasta. Na etiqueta, *Crime do dia 7*. Volta à mesa, senta-se, acende um cigarro e começa a ler o boletim de ocorrência. A fumaça é inalada com prazer, percorre as vias respiratórias e é devolvida ao ar, criando uma nuvem esbranquiçada diante do rosto. Bate as primeiras cinzas – que caem no chão –, folheia o material e passa direto aos anexos, às fotografias. Fixa o olhar por alguns segundos em cada uma das imagens, vai largando uma a uma e pressiona o botão do telefone. Em minutos, Heidi entra na sala.

— Separa e manda pro meu correio particular todas as fotos do caso do dia 7, inclusive as que Nestor tá trazendo.

— Alguma novidade, doutor?

Ele agradece à secretária e faz um sinal para se retirar. Heidi vira-se e deixa a sala em silêncio. O delegado volta à pasta, agora atento ao texto.

Em meio à vegetação da mata Dunkel Loch, encontrava-se o cadáver de uma mulher, com cerca de vinte anos de idade, cabelos pretos, cútis morena, medindo 1,70m, posteriormente identificada como sendo MARINA CUNHA.

O cadáver foi encontrado no dia 8 de janeiro tendo os pulsos manietados por algemas ao redor de um tronco de eucalipto localizado cerca de duzentos metros da margem leste da mata.

No solo, não havia marcas de arrastamento. O corpo estava totalmente desnudo, remanesciam apenas, próximo dele, as seguintes peças de roupa: vestido, anágua, calcinha, porta-seios e cinta-liga, todos de tecido preto. A vítima teve as roupas íntimas rasgadas e havia um par de sandálias pretas ao lado do corpo. Apresentava sinais de violência sexual, lesões, escoriações, sulcos e equimoses no pescoço e no rosto. Na boca do cadáver, havia um papel amassado em forma de bola. A mulher teve os pés decepados. Segundo a perícia, foram cortados abruptamente por um machado ou instrumento similar e, como não estavam no local do crime, acredita-se que o assassino os tenha levado consigo.

Quanto à causa da morte, a última palavra a respeito cabe ao DML do Estado, numa transcrição parcial do laudo do Instituto de Polícia Técnica, a vítima agonizou e morreu, não se sabe precisar o tempo, mas, certamente, estava consciente durante o ato.

Ao ser encontrada, às dez horas do dia 6 de janeiro, estava morta há aproximadamente dezesseis horas.

Era o que havia a relatar.

“Algemada num tronco”, pensa. “Pés decepados”, esfrega os dedos no bigode. “E não foram encontrados”. Levanta a cabeça e olha para o nada. “Um podófilo”. Baixa o olhar e fixa-se novamente nas fotos. “Jovem e bonita... Não foi arrastada... Então, foi pra lá consciente ou o vagabundo estava armado”.

Volta ao relatório exatamente na linha que mencionava as peças de roupa. “Anágua, cinta-liga... Isso não se usa mais”. Ergue novamente a cabeça, olhando a porta à sua frente. “Talvez amantes, um programa”. O cigarro queima sozinho. “Não houve sedação. Com certeza, eram conhecidos”. Pega o toco de dentro do cinzeiro e traga novamente. “O crime aconteceu por volta das dezoito. Era dia ainda, por isso o papel amassado na boca da menina”.

O delegado firma o cotovelo sobre a mesa e apoia o rosto, lê e relê inúmeras vezes o laudo. Revira as folhas apenas com as pontas

dos dedos. Compara fotos e rabisca, num bloco, possíveis situações, desenhando a cena.

“O sujeito age metodicamente: o que indica maturidade. Não deve ser um jovem delinquente. Parece muito organizado e, pelo visto, não teve dificuldade de dominar a vítima. Talvez tivessem alguma ligação. As manifestações de sadismo são claras. É evidente que o sujeito sente prazer no sofrimento físico que infringe. Não ama a pessoa, mas uma parte dela”. Weber olha para um ponto fixo na parede branca e repete para si: “Não ama a pessoa, mas uma parte dela”.

Empurra a cadeira para trás, levanta-se, pega outro café acompanhado de mais um cigarro, pede a Heidi um lanche para o meio-dia e começa a traçar um roteiro. Identificaria ainda naquela manhã o perfil do assassino.

“Uma personalidade psicótica do tipo sexual necrófilo. Um sadomasoquista-fetichista”, conclui, escrevendo no laudo.



No meio da tarde, a porta da sala se abre, e Nestor entra secando o suor da testa com o dorso do dedo polegar.

— Muito quente! Estive lá até agora. Fui às nove e são — olha o relógio — quase três da tarde, nem almocei. O DML acabou de chegar.

Ele larga a câmera na escrivaninha e prossegue:

— A guria tá morta há vinte e quatro horas ou um pouco mais, deve ter acontecido na manhã de ontem. Pelo menos, foi o que os peritos comentaram, uma preliminar. Bem, com o calor que tá fazendo, o senhor pode imaginar a situação do corpo. Nunca vi nada igual, fede e fede muito.

Nestor caminha de um lado ao outro da sala, bebendo uma água recém-retirada do frigobar.

— Senta. Tu tá agitado.

Nestor seca mais uma vez o suor do rosto, acalma-se e encara o delegado.

— Vamos ao que interessa. Trouxe o que te pedi?

— Sim. Todos os detalhes possíveis e imagináveis — responde convencido de que está dando a melhor resposta.

— E os impossíveis e inimagináveis? Não te esquece que tu é um investigador policial.

Um olhar firme e direto é lançado sobre Nestor.

— Tu tem a obrigação de enxergar o que os outros não enxergam.

— Pois bem, aqui está — Nestor levanta-se e coloca a minuta do boletim nas mãos do delegado, que lê rapidamente.

— Patrícia Moura. O nome da garota? — passa os olhos mais para baixo, no texto.

— Pelo que vejo — fala pigarreando —, muito parecido com o outro crime.

— Dezessete anos?

Nestor apenas ouve.

— Violência sexual, escoriações, rompimento da vagina, lesões no pescoço e no rosto. Um papel amassado na boca. Teve os pés decepados. Estava morta há aproximadamente vinte e quatro horas...

Weber para a leitura. Volta-se para Nestor:

— E as fotos?

— Deixei com a Heidi.

— Como a identificaram?

— Os documentos.

— O que fazia?

— Modelo.

— Quando teremos o laudo da necropsia?

— Não sei, doutor — Nestor sacode a cabeça, levantando-se. — Estamos no Brasil... O senhor sabe que isso não é rotina aqui, ainda mais quando se trata de uma pessoa comum — responde, caminhando de um lado ao outro.

— Não interessa, Nestor! — fala seco, olhando firme em seu rosto. — A responsabilidade é tua! Que a perícia é sumária e superficial, nós já sabemos, mas cabe a nós, investigadores de polícia, aprofundarmos o processo!

Levanta-se.

— Vá ao velório, ao enterro e observe tudo. Pergunte. Investigue. Mas não volte aqui sem informações concretas, entendeu?

— Perfeitamente, delegado — responde no mesmo tom.

Nestor engole as ordens sem reagir, assente com a cabeça e sai.

Sexta-feira, 23 de janeiro

— Pra mim, o culpado é esse tal de JB — diz Nelson, debruçado sobre o balcão de vidro; dentro, uma fila de seis croquetes fritos, quatro pastéis amolecidos e um doce de massa em forma de cone, com um creme amarelo, coberto com açúcar e canela.

Nelson, um homem franzino e de feições feias, é o proprietário de um bar e café chamado Ponto Dez, reduto de aposentados e desocupados.

— Depois que ele chegou aqui, a calma terminou.

— Não acho que JB seja o assassino — replica um dos clientes.
— Com ele, veio muita gente pra cá. Depois que abriu aquele negócio, Adenauer virou um rebuliço.

— É, tem sentido o que tu tá dizendo. Mas nada me tira da cabeça que o sujeitinho tá envolvido. Pode até não ser o assassino, mas com ele veio muita desgraça e, pra mim, ele tá metido no rolo
— responde, servindo uma dose de canha aos dois.



— Ei! — diz Anita, tocando-lhe o ombro. — Tu é o dono daqui?

João Batista, um jovem magro e simpático, de olhos arregalados, pele clara, sobrancelhas em sintonia com um cavanhaque presente apenas na ponta do queixo, orelhas pequenas e cabelos curtos, finos e lisos, afasta-se do balcão, virando-se pronto para responder, no que se depara com uma bela garota e fica imóvel. Fixam o olhar um no outro, e ele sorri.

— Sou eu, sim. Por quê?

É noite, e a danceteria está cheia. Em volta do rosto da jovem, há fumaça e calor. Em seus gestos, impaciência e arrogância.

— Tenho uma reclamação pra fazer.

— O que foi?

— Podemos ir a um lugar com menos barulho?

O rapaz toca o braço da garota e, ao sentir a pele suave, estremece.

— Me acompanha, por favor!

Anita tem pele macia e clara, boca generosa e cabelo encaracolado, cor de mel. Sob as dobras da roupa, esconde-se um corpo voluptuoso e bem-torneado. Caminham alguns segundos e chegam à área externa.

— Senta! — ele puxa uma cadeira.

Mecanicamente, ela obedece.

— Vou direto ao assunto — o rosto se enrijece, como se quisesse dizer tudo num só grito. — Aconteceu um negócio estranho na entrada do banheiro.

— O que foi?

— Um dos seguranças... — a ansiedade quase a asfixia. — Um dos seguranças colocou a mão no degrau da escada e puxou meu tornozelo enquanto eu subia.

Os degraus vazados da escada de ferro que liga a pista à área VIP permitem que qualquer pessoa coloque o braço entre eles e toque as pernas dos que circulam. JB faz um sinal com as mãos.

— Mas o que tem isso?

— O cara me pediu pra pisar com força na mão dele. Disse que queria ser esmagado pelo salto da minha sandália enquanto ia ficar admirando o meu pé.

João Batista franze o rosto.

— Como assim?

— Ora! Não se faça de desentendido.

Vem-lhe um desconforto. Não gosta do modo como a garota refere-se a ele.

— Então, tenta ser mais clara!

— Tu conhece bem o pessoal que trabalha aqui?

Ela inclina o pescoço à frente, as narinas alargam-se enquanto fala. As veias do pescoço tornam-se mais salientes.

— Claro que sim!

— Nem sei por que estou te dizendo isso. Devia ter ido direto pra polícia.

— Espera aí! — o semblante de João Batista fica sério. A história, apesar de estranha, merece atenção. — Que papo é esse?

— Um dos seguranças. Ele fica embaixo da escada, olhando com cara de tarado os pés das gurias.

João Batista dá de ombros.

— Mas que mal há nisso? Ele deve ser um admirador de pés e estamos numa danceteria, aqui é lugar de paquera.

Seus olhos negros baixam num atormentado desejo de ver os pés da menina à sua frente.

— Tu não tá entendendo! Ele não fica só olhando, mas tocando nas pernas. Acorda! Esse cara pode ser o tarado que matou as meninas.

JB sente vontade de tocá-los. Seus olhos brilham numa quase-felicidade e crescem num sobressalto. Não percebe que o desejo, plantado dentro do peito, foge ao seu controle. Encolhida pelo olhar vitrificado do homem, Anita levanta-se de súbito.

— Vou procurar a polícia.

Ela segue depressa em direção à saída. João Batista, com o cotovelo apoiado no joelho e o corpo levemente inclinado à frente, passa a mão no queixo e fica observando-a de longe. Pega o celular.

A garota vai desviando das pessoas. Entra no táxi e pede que vá até Leuna.

— Pra onde?

— No centro, bem no centro — segura o isqueiro e acende um cigarro.



— Rubens! — grita João Batista, acenando para seu parceiro. — Reúne o pessoal e pede pra ninguém ir embora. Preciso falar com todos ainda hoje.

— Aconteceu alguma coisa? O senhor parece tenso.

Rubens é o braço direito de João Batista, um homem sério e honesto, cujos primeiros fios de cabelo branco começam a despontar nas têmporas. Veste-se sempre de terno escuro, aprecia uma bela gravata e fala com diplomacia.

— Não. Só preocupado. Mais tarde, tu vai saber. Agora, preciso dar uma saída rápida. Cuida de tudo pra mim. Antes do amanhecer, estou de volta.

Rubens olha o relógio, os ponteiros marcam três horas.



— Tu tá nervosa, dona? Posso ajudar?

— Me leva pra delegacia de Leuna.

— Delegacia? — pergunta, olhando-a pelo espelho.

O motorista dá a partida, engata a primeira marcha e arranca. Pega o celular sob o console do carro, liga, ouve a primeira chamada e imediatamente desliga. Em seguida, o telefone toca. De imediato, o taxista atende, solta um sorriso e troca duas ou três palavras curtas; encerra a conversa: “Combinado”. Vira para a moça e pronuncia, sorrindo, uma justificativa inútil.

— Mais uma corrida nesta noite.

Move a cabeça para trás e para frente.

— Isso é muito bom.

Ele fica movimentando a cabeça enquanto segura firme o volante. A garota não responde. Olha pela vidraça e vê o centro de Adenauer distanciar-se.

O carro segue rápido por ruas estreitas e escuras. Postes de madeira apodrecida com lâmpadas queimadas contornam o caminho. De repente, a moça percebe que o trajeto para Leuna não é aquele. Olha mais uma vez pela janela para certificar-se de que estão realmente no sentido contrário.

— Ei, moço! Posso saber pra onde estamos indo?

— Pra delegacia, dona! — e ri.

Anita olha para todos os lados, não vê sequer um facho de luz na escuridão que se aproxima.

— Que delegacia? Leuna é pra lá! — aponta para o lado oposto.

— Delegacia de Leuna, dona!

— Mas Leuna é pro outro lado!

Puxa a bolsa para cima do colo e a segura firme, está certa de que não é o caminho usual para Leuna. Fita mais uma vez a rua na tentativa de identificar o trajeto e percebe que o carro segue em direção à estrada velha que liga as duas cidades. Anita tateia dentro da bolsa, procura o celular, mas não o encontra. Pede para o motorista acender a luz.

— A senhorita tá precisando de alguma coisa? — ele diz, acendendo a pequena lâmpada.

A moça volta o olhar para dentro da bolsa e continua procurando o telefone. Pega-o e, antes de ligar, diz:

— Moço, esse não é o melhor caminho pra chegar em Leuna.

— Por que não, dona?

— Vamos pela estrada de asfalto — diz com a voz embargada, levantando a cabeça, virando-a para o lado e para trás.

Ele continua sem dar atenção. Ela inclina-se à frente, coloca a mão no ombro dele.

— Moço, decididamente, esse não é o melhor caminho pra Leuna. Eu quero saber pra onde tu tá me levando.

Sábado, 24 de janeiro

Ao primeiro toque, Weber apanha o telefone e atende.

— Pronto.

— Doutor? É Nestor.

— Sim?

— Tentei falar com o senhor mais cedo, mas o celular estava desligado. Liguei pra delegacia e o senhor não estava.

— Continua.

— Tenho novidades, mas não é por isso que estou ligando — diz, em tom de preocupação.

— O que houve?

— Mais um assassinato, e foi de madrugada.

— Prossegue.

— Estima-se que tenha sido entre três e seis horas da manhã. Brigada e DML já estão lá. Ainda não temos dados precisos, mas consegui informações relevantes. Fiz as fotos e rabisquei um relatório. Preciso falar com o senhor, que tal na delegacia em trinta minutos?

— Te aguardo.



— Desculpa acordar o senhor tão cedo, Seu João Batista, mas é muito importante, senão grave.

Rubens está impressionado do outro lado da linha.

— Não é tão cedo assim — responde, olhando o relógio de cabeceira. — O que foi?

— A moça que esteve na danceteria ontem à noite e teve problemas com o nosso segurança, lembra? — diz o secretário, como se fosse disparar uma bomba.

— Lembro.

— O senhor não imagina o que aconteceu.

— O que houve?

— Foi assassinada.

— O quê?

— Isso mesmo que o senhor ouviu. Foi assassinada.



É uma manhã quente. Weber chega antes de Nestor. Acende a luz, liga o ar-condicionado e pede uma térmica de café para Pedro, o plantonista. Coloca o jornal sobre a mesa e senta-se. De repente, entra Nestor, suado e aflito. Sem levantar os olhos, o delegado pergunta:

— Trouxe o relatório?

— Aqui está.

Com a fisionomia séria, coloca-o sobre a mesa. Weber está sentado em silêncio, enquanto o cigarro queima no cinzeiro e a fumaça sobe em espiral diante de seu rosto. Por fim, pega a minuta e lê.

A terceira vítima chama-se Anita Freitag Mendes e foi encontrada nas mesmas condições que as outras duas. As roupas, enroladas em jornal, estavam nas imediações do corpo, a cerca de cinquenta metros da vítima. Ao lado, permanecia uma bolsa de couro branca. Havia sinais de contusões, escoriações nos seios, rompimento da vagina, lesões no pescoço e no rosto, com os pés decepados. A qualificada faleceu por rompimento traumático das artérias, o que a levou a uma forte hemorragia. Ao ser encontrada, às oito horas do dia 24 de janeiro, estava morta havia aproximadamente quatro horas.

— Isso não pode continuar! — Weber exclama, ao bater as duas mãos sobre a mesa e se levantar num sobressalto. — Mal saímos

de um crime e já entramos noutra. Mal digerimos o segundo e já estamos no terceiro. Precisamos agir, Nestor! Ação, ação! — bate uma palma da mão na outra, enquanto caminha pela sala, respirando pesado como um velho.

Gotas de suor brilham nas têmporas do inspetor. Olha o delegado com a cabeça parcialmente baixa, com um ar cansado. Sente-se impotente diante da catástrofe que está se desenhando e seria inútil rebater o delegado. Mesmo assim, resolve dizer algo que amenize a indignação:

— O problema é que não temos policiais em quantidade suficiente pra fazer uma operação de vinte e quatro horas, qualquer que seja.

— E o que tu pretende fazer? Hein? Me diz! Deixar que o filho da mãe acabe com mais meia dúzia de garotas?

— Claro que não, Weber! Óbvio que não!

— Então, me diz o que vamos fazer.

Nestor pensa em contra-argumentar, mas acha por bem ficar parado, ouvindo o delegado desabafar. Caminha pensativo até o ar-condicionado, toca o botão e regula a temperatura para 18 graus. Respira fundo. Pega uma garrafa de água e, parecendo uma sombra, para atrás do delegado, girando a tampa.

— E se criarmos uma força-tarefa? — pergunta num tom mais suave.

Weber, de costas.

— Então, faça isso.

E caminha até a janela, com as mãos nos bolsos, deixando aparentes só os punhos.

— Mas não te esquece que moramos numa cidade do interior, que as vítimas são pessoas comuns. Tu vai ter que gastar o verbo pra convencer que precisamos de apoio.

— Tudo bem. Vou cuidar disso.

Com uma certa indignação ainda estampada no rosto, muda de assunto.

— Precisamos falar do segundo caso — arrisca, empinando a garrafa, deixando que o líquido lhe refresque a garganta.

O delegado mantém-se quieto, parado, com as mãos nos bolsos, os olhos concentrados no nada.

— Fui ao velório.

— Onde foi? — continua parado, diante da janela, sem virar o rosto para Nestor.

— Na capital... — bebe mais um pouco de água. — Como o senhor já sabe, a moça não era daqui. Veio fotografar pra uma campanha publicitária na fábrica da família Weissmann. Ninguém tem certeza como veio parar em Adenauer nem no local do crime — Nestor avança, ficando mais próximo do delegado. — Um amigo disse que ela tinha telefonado, à noite, e comentado sobre o convite pra posar. A garota parecia bastante motivada com o trabalho: início de carreira, poucas propostas, novas oportunidades, enfim... Ficou seduzida pelo convite.

Nestor larga a garrafa vazia sobre a mesa e se serve de café.

— Quer? — pergunta, apontando o seu.

— Aceito — responde bruto, ainda sem olhar para o inspetor.

Nestor alcança-lhe um pequeno copo plástico. Weber agradece e caminha até sua mesa.

— Quanto à fábrica, procurei o gerente de marketing, o genro do velho, e ele negou qualquer envolvimento com a Patrícia. Disse que não existe campanha publicitária e que a moça não foi contratada. Sequer a conheciam.

Depois de atravessar a sala diversas vezes, Nestor volta-se até a escrivaninha e senta diante do delegado.

— A mãe, inconsolável, me disse que não sabe a agenda da filha. Viajava de vez em quando e cuidava de tudo sozinha. Perguntei pelo empresário, supus que a moça tivesse um agenciador que intermediasse os contatos, mas a guria não tinha ninguém que cuidasse dessa parte, início de carreira, sabe como é — toma o último gole do café. — Ainda não tinha essas facilidades.

Nestor ajeita-se na cadeira.

— Pelo que pude perceber, não era modelo profissional, fazia uns trabalhos de vez em quando, talvez uma menina bonita, que conhecia um fotógrafo e... pretendia entrar nesse meio. Vinha de família humilde, creio que era ingênua e estava deslumbrada.

Assim, fica mais fácil entender como veio parar aqui. Nenhuma modelo profissional viria pra Adenauer sem a segurança de um contrato.

Na cadeira, Weber mantém-se silencioso e firma o olhar em Nestor.

— Ela tinha um amigo, um advogado que ajudava na avaliação dos contratos, quando eles existiam. O tal de Jonas é um sujeito mais velho. Dava umas orientações de vez em quando, não havia envolvimento profissional.

— E afetivo? — interpela.

— Creio que não. Eram só amigos.

Weber permanece calado, com a fronte franzida.

— Não encontraram nada muito significativo nas coisas dela, algo que esclarecesse sua vinda aqui, apenas um cartão, escrito de próprio punho, com o endereço do estúdio, que, segundo a mãe, foi escrito pela própria Patrícia. Um endereço-fantasma, diga-se. Alguém passou um trote na moça e a atraiu pra cá. Também encontraram um cartão com o endereço da fábrica. A perícia ainda não concluiu o laudo. O celular foi recolhido e tá sendo avaliado.

Weber, ainda com uma expressão carregada, fala:

— Temos um ponto a nosso favor.

— Qual?

— Ao que parece, a moça não era tão desconhecida.

— Como assim?

— Recebi um telefonema anônimo ontem à noite, voz de homem, afirmando ter visto a modelo na rodoviária, no momento em que chegou.

— É. Deve ter chamado a atenção quando desceu. Uma pessoa diferente, alta e bonita...

— Ele afirmou ter visto a moça entrar no táxi 2425. Pedi pro Pedro checar. O carro é de propriedade de um tal de Anselmo. Parece que o sujeitinho veio trabalhar de DJ na danceteria, mas não deu certo e acabou arrendando um táxi. Tudo leva a crer que foi a última pessoa que esteve na companhia da garota.

— E o que estamos esperando pra interrogar?

O telefone toca. Weber pede licença e atende. Nestor aproveita para se levantar.

— Sei. Perfeito. Obrigado.

— O que foi? — Nestor arregala os olhos, enquanto se serve do segundo café.

— O Pedro acabou de me confirmar. Testemunhas afirmam que o tal Anselmo trabalhou no ponto de táxi em frente à danceteria, e a moça assassinada nesta madrugada saiu de lá com ele.

Quarta-feira, 28 de janeiro

Weber chega cedo à delegacia. Em seguida, aponta Nestor. O delegado cruza pontualmente a porta de entrada carregando sua valise de couro marrom. Solta um breve “bom dia” e, sem olhar para os lados, vai direto ao gabinete, deixando a porta da sala bater atrás de si. Weber larga o molho de chaves sobre a escrivaninha, guarda a valise num armário de fórmica bege, tira o paletó e o pendura no cabide. Acomoda-se na cadeira e começa a trabalhar. Após alguns dias conduzindo as investigações a passos lentos, a polícia por fim obteve as intimações aos possíveis suspeitos. O primeiro a prestar depoimento seria João Batista.

O silêncio se desfaz de súbito, quando o delegado levanta-se para apanhar uma pasta no arquivo. Enquanto caminha, fala para Nestor da necessidade de uma força-tarefa para agilizarem a investigação. De repente, ouvem o ruído do telefone. Do outro lado, a secretária comunica que João Batista chegou.

Weber fecha a pasta com relatórios, coloca numa gaveta e autoriza a entrada do jovem; Heidi o acompanha. Em seguida, chega André, o escrivão.

— Bom dia, João Batista! — diz o delegado, estendendo-lhe a mão, parado atrás da escrivaninha. — Senta, por favor — em pé, oferece uma cadeira.

Nestor, parado no fundo da sala, com os braços cruzados, apenas observa o comportamento de João Batista.

— Aceita um café?

— Não. Obrigado.

Weber retira do bolso da camisa um maço recém-aberto, vira-o para baixo, dá uma batidinha na palma da mão. Um cigarro surge, e ele o direciona para JB.

— Fuma?

— Não.

Weber pega um deles para si, enrola-o entre o polegar e o indicador e começa a apalpar os bolsos, procurando o isqueiro.

— Pois bem, doutor. Podemos ir direto ao assunto? Não tenho o dia todo pra ficar aqui.

Weber finalmente encontra o isqueiro no bolso da calça, examina-o como se nunca o tivesse visto, acende o cigarro e o repõe no bolso, soltando um riso irônico.

— Tá com pressa?

O delegado senta-se.

— Um pouco.

JB demonstra inquietação.

— Que engraçado! — diz, sorrindo pelo canto da boca. — Eu não!

JB suspira e esfrega as mãos.

— Tu parece tenso, rapaz... — completa o delegado.

— Impressão tua. Só um pouco agitado, porque tenho muito pra fazer ainda hoje.

O delegado recosta-se confortavelmente na cadeira de espaldar alto e expressa, em tom de deboche:

— Pensei que tu não tivesse muito a fazer. A danceteria não funciona só nas sextas e nos sábados?

Largado sobre uma cadeira dura, de frente para o chefe de polícia, João Batista cruza a perna direita por cima da esquerda e, polido, porém objetivo, confirma que a danceteria está aberta ao público somente nos fins de semana, mas que o bar atende a partir das quartas-feiras, e isso lhe dá trabalho. Acrescenta que precisa de tempo para rever o estoque, listar o que falta, fazer as compras, cuidar de coisas burocráticas. Weber levanta-se e caminha lentamente até a térmica de café.

— Então, vamos ao que interessa.

Antes de servir-se numa caneca, incita-o novamente, estalando os lábios.

— O que tu tem a dizer sobre a moça assassinada na madrugada de sexta?

— Muito pouco. Quase nada.

— Mui-to pou-co... — repete pausadamente, ao sorver o primeiro gole. Em seguida, muda o tom de voz, com as sobrancelhas franzidas. — Então, tu tem algo a dizer?

— Mais ou menos.

— Tem certeza que não quer um café, João Batista?

— Não. Obrigado — responde sem mover um músculo da face.

— Me parece que a moça foi vista discutindo contigo minutos antes de deixar a danceteria. E, depois, tu deu ordem ao teu secretário pra reunir o pessoal. Saiu de lá às três horas em ponto e voltou às seis da manhã — Weber senta-se novamente e mira direto os olhos do rapaz. — O que houve de fato entre vocês? E onde tu esteve entre três e seis da manhã?

— Na minha casa.

— Tu não respondeu a primeira pergunta.

Com uma rigidez estampada no rosto, decide falar e apenas reafirma:

— Nada relevante.

Ereto em sua cadeira, o chefe de polícia deixa evidente que não acredita em nenhuma palavra, mesmo assim, resolve não insistir, pelo menos naquele momento, e retoma a pergunta anterior.

— Muito bem! Então, quer dizer que tu estava em casa na madrugada em que a Patrícia foi morta. Logo, eu entendo que é do teu costume sair da danceteria num horário tão... Como é que eu poderia dizer? Inusitado! E voltar quando o dia tá amanhecendo?

— Não entendi aonde o senhor quer chegar.

Weber levanta-se, caminha calado até a janela e, de costas, fala.

— Não sei se é do teu conhecimento, mas posso assegurar que a moça foi assassinada entre três e quatro horas da madrugada... Período em que tu esteve fora.

O silêncio toma conta do ambiente. Weber faz um movimento repentino, projeta o tronco à frente, apoia os cotovelos sobre a mesa, cruza os dedos e questiona:

— O que o tu foi fazer em casa?

João Batista responde sem medo ou receios:

— Fui pegar os currículos do meu pessoal pra, no fim do expediente, fazer uma reunião com todos.

O delegado levanta-se, coloca as mãos nos bolsos e começa a circular pela sala.

— Quer dizer que tu ficou das três às seis da manhã de sábado em casa e foi pegar currículos? — ele solta uma risada e para próximo a João Batista. — Tu não acha que é muito tempo pra uma coisa tão simples?

Volta a caminhar e se coloca diante do suspeito.

— Veja bem! — fala ao mesmo tempo em que retira o segundo cigarro do maço. — Tu precisou de três horas pra ir na tua casa, praticamente do lado da danceteria, ler alguns currículos e voltar? Tá me achando com cara de otário, João Batista?

— Mas é exatamente isso que falei — responde, erguendo os braços e franzindo a fronte. — Além do mais, não preciso contar detalhes sobre o que fiz na minha casa, preciso?

Weber ri.

— Não. Pelo menos, por enquanto.

Senta-se novamente. Sabe que esse gesto de levantar, andar pela sala e sentar desconcentra JB.

— E a discussão com a moça?

— Não teve discussão. Ela só fez umas reclamações e foi embora.

— Que tipo de reclamações? — inclina o tronco à frente.

— Nada relevante pro senhor. Coisas de cliente insatisfeito.

— Então, me diz quais foram as reclamações? O que estava incomodando a garota?

— Ela falou que foi mal atendida, parece que um dos garçons foi grosseiro, só isso — responde, engolindo em seco. — Por isso, fiz a reunião com o pessoal.

— Certo.

Um profundo desprazer desenha-se na face de Weber. Sabe que João Batista está mentindo.

— E por que Adenauer pra abrir a danceteria?

— Porque gostei daqui. Fiz uma pesquisa e concluí que a região não tem nada parecido. Tem espaço pra um negócio como o meu.

— E quando tu esteve aqui pela primeira vez?

— Ano passado.

— Tu não acha que Adenauer é uma cidade muito pequena pra investir numa danceteria?

— Não. É melhor investir aqui do que em grandes centros, onde a concorrência é muito forte e os aluguéis também são altos. Sem contar que gosto de morar em cidades pequenas.

— Muito bem — diz Weber ao apoiar-se na mesa para levantar.

— Então, Anita só fez uma reclamação.

João Batista assente com a cabeça.

— Creio que, por hoje, já temos o suficiente. Mas não saia da cidade sem nos avisar. Certamente, vamos precisar de mais informações.



Ao chegar de volta à danceteria, a camisa marcada pelo suor e o rosto corado pelo sol, JB larga a chave no balcão do bar, debruça-se nele e pede para Rubens, que está organizando as garrafas e pendurando as taças, uma água gelada, com gás e limão.

— Como foi?

— Cara, me meti numa encrenca, e de graça! Não posso abrir pro delegado o que aconteceu entre a guria e o segurança. Não dá! Já pensou um negócio desses se espalhando numa cidade pequena como Adenauer? Num momento como este? Seria o fim do meu negócio.

João Batista passa a mão na cabeça e suspira.

— Ainda tenho dívidas, Rubens, preciso pagar o empréstimo que fiz pra reforma. Se eu falar, tá na cara que vão pensar que o

segurança da minha danceteria é o assassino. Já pensou na repercussão que isso vai dar?

JB serve água no copo e bebe em um só gole. Em seguida, comprime o maxilar e solta um leve arrotto sem ruído.

— O que me preocupa, Rubens, é que o cara, o tal do segurança, pode ser o assassino, e eu estou omitindo isso da polícia. Se é que aquela maluca falou a verdade... Quem me garante que as coisas aconteceram como ela disse?

Rubens, sem pressa, com o semblante endurecido, responde:

— A história não tá bem contada, João Batista. Pra mim, a garota se enganou — diz prudente, como se tivesse examinado detalhe por detalhe com atenção.

— Não sei, Rubens. Também achei estranho o comportamento dela e, depois, tu viu quando dei uma prensa no pessoal e ninguém ficou incomodado, pelo contrário, todos surpresos, olhando uns pros outros como se também quisessem saber quem foi o culpado.

— Todos e nenhum de nós somos cúmplices — o homem tira os óculos, respira e bota-os de novo.

— O que tu quer dizer?

— Todos e nenhum de nós somos cúmplices.

— Cúmplices?

— Todos e nenhum de nós podemos ser meros cúmplices ou até mesmo assassinos.

JB apenas fita-o.

— Não te preocupa. A menina fez confusão. Não foi ninguém da danceteria — Rubens completa.



— Mais um.

O barman serve outra dose de uísque e dá as costas ao homem, que, com o copo imobilizado na mão, pega a câmera fotográfica, caminha até as mesas da pista e senta-se distante do balcão.

Eury, o atendente do bar, é um homem robusto, os músculos do tórax e dos braços, em conjunto com o pescoço largo e um rosto

grande, dão a nítida impressão de que muito anabolizante foi ingerido ao longo dos anos. Lutador de jiu-jítsu, ganhou alguns títulos no passado, mas, como aos trinta e cinco anos era considerado um veterano para competições, largou o esporte e hoje só acompanha de longe o desempenho dos colegas. Os clientes não entendem como João Batista o mantém naquele posto: antipático, fechado e, algumas vezes, intolerante.

Dutra retira da bolsa a tiracolo o jornal de Adenauer e acomoda-se confortavelmente numa das poltronas de veludo que forma conjunto com uma mesa circular pequena e outras duas cadeiras da mesma cor. No mesmo instante, entra João Batista e vai em direção ao bar.

— Já fez a lista que pedi? — pergunta a Eury.

— Estou acabando.

Quando João Batista vira o rosto para o lado, vê o novo cliente sentado sozinho com as pernas cruzadas e o rosto encoberto pelo jornal. Em cima da mesa, permanecem o copo de uísque e a máquina fotográfica. Antes que Eury lhe peça algo ou que Rubens surja por ali, decide ir ao encontro do jovem para apresentar-se e ver se foi bem atendido. Enquanto JB caminha, Eury pergunta-lhe se há garrafas de rum no estoque, e João responde alto, andando na direção do cliente. Dutra, ao ouvir a voz do proprietário, baixa lentamente o jornal e desfere-lhe um olhar de soberba.

O rosto de João Batista endurece. O choque fica estampado, mas disfarça, clientes entram pela porta lateral e Eury recebe um fornecedor na entrada principal; não é o momento para comentários que podem se transformar em discussões. Então, faz de conta que o novo cliente é realmente alguém desconhecido e, num tom bastante profissional, apresenta-se.

— Muito prazer, me chamo João Batista e sou o proprietário.

O homem de aparência descolada, vestindo uma calça jeans de bainha desfiada, sandálias rasteiras de couro e camiseta amarela descorada, olha-o com flauteio e responde:

— Muito prazer, me chamo Alberto Dutra e sou fotógrafo.

— Tu não é de Adenauer, não é mesmo?

O homem fecha o jornal e larga-o sobre a mesa.

— Não. E tu sabe disso. Por que pergunta, então?

João Batista sente o rosto esquentar, presume ter ficado rubro. Dutra ajeita-se na poltrona.

— Cheguei há uns dias atrás.

O rosto do empresário permanece inexpressivo enquanto responde:

— Mas tenho certeza que em breve vai estar acostumado à rotina da cidade.

— Creio que sim — retruca sorrindo. — Estava mesmo lendo o jornal e vi a matéria do serial killer. Chato isso, não?

Embora esteja cansado das provocações de Dutra, João Batista leva a conversa adiante num tom educado e sem insultos. Com os braços cruzados, faz perguntas para entender por que o fotógrafo se mudou para Adenauer. Dutra olha para João Batista e João Batista olha para Dutra.

— Tu tá rosado, JB. Tá sentindo alguma coisa?

— O que tu veio fazer aqui?

— Trabalhar.

— Aqui, não tem trabalho pra um profissional que nem tu.

O fotógrafo lembra-lhe da fábrica de calçados, das campanhas publicitárias, do polo industrial, do setor calçadista, das feiras nas cidades vizinhas e das oportunidades futuras. Acrescenta, com riso seco, que cidades pequenas o seduzem porque procura uma vida tranquila, longe da agitação dos grandes centros.

O fotógrafo percorre com o olhar todos os lados do salão, analisa paredes, teto, decoração. Afirma ter simpatizado. O copo é erguido pela mão direita – uma pequena quantidade de água escorrida do vidro suado empoça-se sobre a mesa e ele a seca com a esquerda, enquanto bebe dois goles. Depois, larga o copo no mesmo lugar, emite um som de satisfação – semelhante ao sussurro de um gozo – e olha fixo para JB.

— Já tive uma assim.

Valendo-se do que disse, pois tem a certeza de que o comentário incomoda João Batista, sorri.

O jovem empresário lança-lhe um olhar sem pronunciar uma palavra. Ouve-se a música do celular de Dutra, ele pega-o e atende

sem desviar os olhos do rosto de JB, troca poucas palavras e diz onde está. Desliga-o e levanta-se. Pega a máquina fotográfica, bebe o último gole de uísque e atira sobre a mesa uma nota de vinte reais.

— A gente se cruza por aí, JB.

O rapaz, parado, observa a saída do fotógrafo. Vai até janela para acompanhar os passos de Alberto Dutra e o vê, na calçada, retirar da bolsa um envelope branco e entregá-lo a Anselmo. Os dois sorriem, despedem-se, e o fotógrafo segue ladeira abaixo. “Dutra e Anselmo. Tá explicado por que veio pra cá”.

Quinta-feira, 29 de janeiro

Weber aperta a tecla do viva-voz enquanto retira o paletó, um hábito pouco comum que às vezes utilizava: falar ao telefone circulando pela sala, guardando documentos, servindo café. Do outro lado, Heidi avisa que Anselmo está na recepção. O delegado chama Nestor e o escrivão e, em segundos, os dois adentram a sala.

O procedimento segue sempre na mesma ordem: André senta-se diante do computador, liga-o, aguarda a conexão, entra com o seu login e avisa que está pronto. Nestor para próximo da janela e sinaliza com a cabeça. Weber digita os três números do ramal da secretária e pede que o interrogado entre.

Parado atrás da escrivaninha, de frente para a entrada, tem uma expressão séria. Assim, aguarda a chegada do suspeito. Heidi abre a porta e indica a passagem para Anselmo, que entra meio sem jeito, de cabeça baixa e olhar furtivo. Carrega debaixo do braço direito uma leva-tudo de couro ocre com ranhuras brancas – trincas de um material desgastado pelo uso – e, na mão esquerda, a chave do carro, que, em seguida, coloca no bolso. Veste uma bermuda estampada e uma camiseta do Corinthians e calça chinelos vermelhos. Ao entrar, pede licença e dá bom dia.

O único ruído vem do computador, que serve para registrar cada palavra proferida por Anselmo. O delegado, ainda de pé, retribui o cumprimento e o manda sentar.

— Anselmo. Não é isso? — diz, retirando alguns papéis que estão no centro da mesa para apoiar os cotovelos enquanto conversa.

— Eu mesmo, doutor, muito prazer.

Larga a leva-tudo em cima da mesa e estende o braço para cumprimentar Weber, que não lhe retribui. Fica novamente sem jeito, olha para o lado e enxerga o rosto circunspeto do inspetor. Abaixa a cabeça e se senta.

— Muito bem — começa Weber. — Tu sabe por que motivo foi chamado. Então, vamos logo ao que interessa — sai de trás da escrivaninha e começa a caminhar de um lado a outro atrás de Anselmo. — Sabemos que tu foi o motorista que apanhou a modelo na rodoviária horas antes do crime e também foi tu que levou a garota da danceteria pra algum lugar na sexta de madrugada. Correto?

— Não senhor, doutor! O senhor tá enganado. Eu tive com as moça, sim, mas... — os primeiros sinais de nervosismo aparecem, o suor faz com que a malha de fibra sintética grude no peito. — Mas eu não matei as gurias, doutor. Não ia ter coragem pra uma coisa dessa, ainda mais do jeito que fizeram.

Weber desliza o dedo indicador no queixo.

— Mas eu não disse que tu matou as moças. Só afirmei que tu foi o motorista que transportou as meninas. Quem tá na defensiva, logo de cara, é tu.

— Desculpa, doutor!

— Muito bem. Tu afirma que não matou as moças. Mas confirma que esteve com elas momentos antes. Correto?

Anselmo tem os ombros caídos – um arco se forma em suas costas – e as mãos largadas sobre as coxas. “Uma postura lânguida, própria de pessoas de personalidade fraca”, pensa o inspetor. Com o olhar baixo e voltado para frente, o taxista não encara o delegado ou qualquer um dos presentes.

— Sim.

Weber aproxima-se.

— O que tu sabe sobre os casos, Anselmo?

Hesita um momento e, sem mover um músculo, diz:

— Não sei de nada, doutor.

— Sabe, sim. Fala, Anselmo! O que tu sabe?

As mãos começam a ficar trêmulas, e pequenas bolhas de suor aglomeram-se na testa.

— A primeira moça pediu pra mim deixar na fábrica de sapatos e a outra pediu pra ir na delegacia de Leuna e foi o que eu fiz.

O rosto enrubesce. Nestor aproveita a situação para se aproximar e exhibir um olhar frio.

— Anselmo — continua Weber em voz baixa —, a polícia sabe que as moças não chegaram nos locais de destino.

Ele fica em silêncio. O delegado percebe que surgem os primeiros sinais de abalo.

— É do conhecimento da polícia que a modelo tinha um cartão com um endereço falso. Por que tu não disse que o endereço não existia?

— Ela não me falou de nenhum endereço, doutor. Disse que queria ir pra fábrica de sapato.

O delegado caminha por trás do suspeito e para do outro lado.

— Estranho... porque a tua informação não combina com a que tivemos de um amigo da modelo — ajeita o cinturão, deixando o 38 à vista.

— Como assim? — gagueja. O suor escorre pelas têmporas.

O chefe de polícia aproxima-se tanto que quase encosta o seu rosto no dele. Pode sentir o hálito quente.

— A moça comentou com o amigo que não conhecia ab-so-lu-ta-mente nada de Leuna e Adenauer, mas estava tranquila porque haveria um carro esperando na rodoviária pra levá-la ao estúdio. Ao que parece, o tal motorista do táxi, tu — aponta o dedo na direção de Anselmo —, sabia exatamente onde deixar a garota. Correto?

Nestor acompanha tudo atento. Weber prossegue:

— Anselmo! Tu te aproveitou da situação, tirou vantagem da juventude, inocência e fraqueza dessa jovem.

Ele, na mesma posição desajeitada, responde.

— O senhor não pode provar que eu fiz isso, doutor!

A resposta desafiadora irrita o delegado e sua equipe.

— Ah, mas vamos dar um jeito de saber, e se eu descobrir que tu foi o responsável pela morte das garotas, ou que tu tá

escondendo uma informação importante, cuidarei de ti pessoalmente, entendeu bem?

Weber fita Anselmo como um cão. Os olhos do taxista se endurecem. Enquanto isso, Nestor vai ao estacionamento para checar o interior do carro; antes, passa noutra sala e apanha um par de luvas cirúrgicas e uma chave-mestra, cruza rapidamente pela secretaria e sai por uma porta lateral. Dá uma olhada geral em todos os lados e abre a porta do carona, vai direto ao porta-luvas, curva o tronco para enxergar melhor, revira, retira o que tem dentro, mas não encontra nada elucidativo, apenas documentos, um rolo de papel higiênico, uma toalha pequena e uma imagem desgastada de Nossa Senhora Aparecida. Remexe nas laterais das portas e encontra, do lado esquerdo, um bloco de anotações e uma caneta velha. Sai do carro e curva-se para ver debaixo dos tapetes. Resvala a mão no chão, embaixo do banco do carona, e tateia. Um embrulho. Segura-o pela extremidade e puxa. Surge um envelope branco. Levanta a aba, retira o material e folheia rapidamente. “Weber vai gostar disso”, pensa. Dobra o envelope, coloca debaixo da camisa, preso às calças. Trava as portas e volta à sala.

— Doutor delegado, uma pessoa me ligou perguntando se eu estava disposto a fazer uma corrida. Eu topei, né? Sabe, a vida tá dura, as despesa aumenta, não posso rejeitar serviço.

E o rubor mescla-se ao branco da pele do rosto. Para Weber, é evidente que Anselmo mente.

— Daí, perguntei o que era pra mim fazer. O cara me disse que ia dar o número do meu táxi pruma modelo que ia chegar em Adenauer. Daí, era pra mim esperar na frente da rodoviária que ela mesma ia me procurar, então eu esperei, né, e daí devia levar ela na fábrica.

— Quem telefonou encomendendo o serviço? E por que não falou isso antes? — insiste Weber.

— Porque eu não me lembrei. Achei que não tinha importância. Eu não sei quem telefonou, não perguntei nome, só disse que podia e pronto. Não achei que a moça ia ser morta e que depois eu ia precisar saber o nome do camarada.

O cabelo fino e desalinhado gruda na testa suada. Anselmo transpira muito, tanto que pede um copo d'água. Nestor alcança-lhe uma garrafa de água gelada com gás. Anselmo bebe um gole, depois outro e repete simplório:

— Porque eu não me lembrei, doutor. Achei que não tinha importância.

Weber, ainda de pé ao lado do homem, deixa transparecer sinais de irritabilidade, ao passo que se dirige à cadeira.

— E a moça de sábado?

O delegado senta e movimenta-se, abrindo a gaveta da escrivaninha.

— O que tem ela, doutor?

— Como o que tem ela? — grita, colocando em cima da mesa um par de algemas. — Tu tá me achando com cara de otário?

O chefe de polícia mostra impaciência.

— Fala logo, porque não tenho a tarde toda pra ficar te ouvindo.

— ...

— Anselmo, vou repetir, apenas pra avivar tua memória: a-mo-ça-não-che-gou-na-de-le-ga-cia-de-Leu-na. Quero saber onde tu largou ela.

— Na frente da delegacia, doutor. Se ela não entrou lá e foi pros outros lado, eu não sei.

Weber passa a mão na cabeça e dirige o olhar para Nestor, como se quisesse dizer "o que eu faço com essa criatura?". Volta-se de frente para o taxista, que permanece de cabeça baixa.

— Tudo bem, Anselmo. Tudo bem. Por hoje, chega. Tu tá liberado, mas não sai da cidade, porque vamos conversar de novo.

O rapaz levanta-se num impulso, pega a leva-tudo com pressa, tateia os bolsos à procura da chave e sai porta afora sem se despedir.

— E aí, doutor? O que me diz?

— Um abestalhado! É óbvio que o vagabundo tá sabendo alguma coisa e tá com medo de falar. Estou começando a achar que tá rolando grana preta por trás desse negócio. O sujeitinho ganhou uma boa quantia pra calar o bico.

Weber alonga os braços e pega o maço. Retira o último cigarro e o acende; com ele pendurado entre os lábios, começa a mexer nos papéis na lateral da mesa. Nestor levanta a camisa e retira o envelope, colocando-o em cima da escrivaninha, sob o olhar do delegado.

— O que é isso?

— O material que encontrei no carro do vagabundo. O senhor não vai acreditar no que tem aí.

— E o que é? — fala com o cigarro na boca.

Nestor o pega de volta e abre, retirando fotos de meninas no formato dez por quinze, entre elas, as três assassinadas. Weber ergue as sobancelhas e segura as fotos, passando uma a uma.

— Então, temos um suspeito viável.

— Presumo que o senhor esteja presumindo isso.

— Quanto a mim, nenhuma dúvida — Weber as observa por cima dos óculos de leitura.

As fotografias eram de corpo inteiro. Junto delas, existiam outras, maiores, no formato vinte por vinte e quatro, mostrando os pés das garotas.



— Boa tarde! — diz o delegado, estendendo a mão.

— Boa tarde, doutor! — responde Rubens, diplomático. Ele veste uma calça de corte clássico, de tom escuro, uma camisa de manga longa marfim, com mangas dobradas até o cotovelo, e um sapato preto.

— Não vou fazer rodeios, Rubens. Tu sabe por que foi chamado — diz, sentando-se.

— Perfeitamente, doutor — faz o mesmo.

— Há quanto tempo tu trabalha pro JB?

— Seis meses.

— E onde se conheceram?

— Em Manaus.

Weber recosta-se no espaldar alto e uma expressão de curiosidade estampa-se no rosto.

— Tu é de lá?

— Não. Nem eu, nem ele. Nos encontramos por acaso, numa viagem. Conversamos, ficamos amigos e, tempos depois, ele me chamou pra trabalhar com ele.

O delegado reacomoda-se na cadeira, sentando meio de lado, cruzando a perna direita sobre a esquerda e batendo de leve a ponta da caneta, que está entre os dedos polegar e indicador, na mesa.

— O que houve na madrugada de sexta pra sábado entre JB e a moça assassinada?

— Não sei, delegado.

Rubens demonstra calma.

— Mas vocês tiveram uma reunião depois.

— Tivemos, mas foi apenas pra tratar de assuntos burocráticos.

Weber descruza as pernas, apoia-se na mesa para ajeitar-se na cadeira, coloca os dois cotovelos sobre a escrivaninha e inclina o tronco à frente.

— Rubens! Tu me parece um homem sensato, bem instruído. Então, vamos falar de igual pra igual, sem rodeios.

Ele não responde, espera o delegado concluir a ideia, mas o rosto mostra um “pois não, estou disposto a ajudar”.

— Não temos tempo a perder. Um serial killer tá atuando em nossa região de forma trágica e devastadora e precisamos da colaboração de todos. Não podemos permitir que outros crimes aconteçam pelo puro prazer de um louco.

Weber adota outra estratégia para arrancar alguma informação. Rubens não é como Anselmo, não responde sob pressão. Nem como João Batista.

— Rubens! Tudo o que tu disser aqui será mantido no mais absoluto sigilo. Dou minha palavra de honra. Se tu tá inseguro, com medo de prejudicar teu patrão, pensa nas famílias das vítimas, em como elas estão neste momento, e nas outras meninas que esse descontrolado poderá atacar. Mutilar. Matar... Porque ele vai atacar de novo. Sabemos disso!

Rubens suspira e olha firme para o delegado.

— O que aconteceu naquela noite entre a moça e JB? — agora, Rubens repete a pergunta diante do delegado. — Bem, ela foi molestada enquanto subia a escada. Um homem agarrou a garota pelo tornozelo e entrou em devaneios, desejando seus pés, falando obscenidades, coisa e tal. Acho que foi isso...

Weber faz um sinal para que continue.

— Ela disse que foi atacada por um dos seguranças e foi reclamar para o JB. Falou inclusive que contaria tudo pra polícia. Mas tenho dúvidas, doutor.

— Dúvidas? Que tipo de dúvida?

— Nenhum deles tem um perfil assim. E nunca houve uma manifestação que nos fizesse desconfiar. Eu acho que a moça se confundiu. Naquela noite, havia muita gente na danceteria, estava muito escuro, uma banda ia tocar, e a fumaça do gelo seco tinha sido lançada. Por isso, eu acho que ela não viu quem a agarrou.

Weber ouve concentrado.

— Por que tu acha que ela se confundiu?

— Primeiro, porque os seguranças não usam uniformes, não é tão simples identificar, e, depois, porque nenhum deles é um aficionado por pés, pelo menos nunca fizeram nenhum comentário a esse respeito, e, pelo relato da guria, o sujeito é um louco, um louco por pés, chega a ser um doente. Diz ela que o homem pediu pra ter a mão esmagada pelo salto da sandália. Por isso, eu acho que foi molestada por um dos frequentadores, não acredito que tenha sido um segurança.

— Mas baseada em que essa sua suposição?

— Intuição, doutor.

Weber ri educadamente.

— Não podemos trabalhar baseados em intuição, Rubens!

— Eu sei disso, mas precisamos levar em consideração esse fato. É uma hipótese.

— Tá certo. É uma hipótese.

— Posso assegurar que JB ficou bastante perturbado e preocupado.

— Com o quê?

— Que viesse à tona, porque colocaria em risco todo o negócio. Ele investiu muito.

— Tu quer dizer que João Batista seria capaz de acobertar um possível suspeito pra proteger o seu próprio negócio?

— Eu não disse isso, doutor!

— Mas ficou nas entrelinhas.

— Desculpa. Talvez o senhor esteja tirando conclusões precipitadas.

— Quem foi o segurança que a moça denunciou?

— Não sabemos. JB também não sabe. Fez a reunião pra levar o problema ao conhecimento de todos. Tinha a esperança de que tudo se esclarecesse, mas ninguém deixou transparecer nada.

— E o que o teu chefe pretende fazer agora?

— Tá observando o comportamento do pessoal.

— Sei... Ok, Rubens! Muito obrigado pelo depoimento. Creio que voltaremos a conversar num outro momento. Fica por perto.

O homem levanta-se devagar, também agradece, olhando primeiro para o delegado e depois para Nestor. Coloca-se à disposição para interrogatórios futuros, vira-se e sai.

Nestor aproxima-se do delegado.

— Então? O que o senhor achou?

— Só tenho uma dúvida.

— Qual?

— Será que a preocupação de JB é com o negócio? Ou ficou apreensivo porque tá por trás dos crimes e, com o relato da moça e a ameaça de denúncia, muita coisa poderia vir à tona e resolveu dar um fim na guria?

— Mas JB não tem o perfil que o senhor traçou.

— Aparentemente, nenhum deles tem. Mas nenhum psicopata tem uma placa estampada no peito, dizendo sou psicopata. Esses tipos disfarçam muito bem, vivem na sociedade como pessoas comuns.

— O senhor acha que JB é o assassino?

— Não acho nada, rapaz. Estamos apenas ouvindo as pessoas e levantando fatos.

Weber irrita-se com a pergunta e, ao se erguer num impulso, completa:

— E tu já deveria saber disso!

Sexta-feira, 30 de janeiro

O som do telefone quebra o silêncio do quarto. Uma breve pausa e toca de novo. Ao ouvi-lo, desliga o chuveiro e sai do banho às pressas, enrola-se numa toalha e corre para atender. Como a voz é conhecida, o outro vai direto ao assunto.

— Quero falar contigo ainda hoje.

— O que é?

Dutra ri e sussurra.

— Te espero...

A ligação cai.



Vinte e uma horas e quinze minutos, e Weber está na delegacia, de posse das fotos encontradas no carro do taxista, dos boletins de ocorrência e dos depoimentos de João Batista, de Rubens e de Anselmo.

Nestor estaciona o carro a cerca de cem metros da casa de Anselmo, liga o rádio e fica à espreita. Em seguida, a música do celular mistura-se ao som que sai do rádio, olha e não reconhece o número, tecla o botão verde, uma voz feminina e doce, num tom ofegante, pergunta se é o detetive Nestor. Um simples “sim” é proferido. Do outro lado, é Clara, a irmã de Marina. Por um instante, esquece que é um investigador de polícia e deixa o jovem Nestor falar. A ligação está ruim, ouve apenas, num compasso entrecortado, que ela tem uma informação importante a passar. Inclina o tronco à frente, debruçando-se sobre o volante, e pede

que repita. Clara não entende e pergunta quando podem conversar. “Agora, se tu quiser. No bar da República de Isaías 53, pode ser?”. Um “ok” entrecortado e distante chega aos seus ouvidos, ele tenta falar mais alguma coisa, a ligação cai.

O relógio do painel do carro mostra vinte e uma horas e trinta minutos. A diligência vai ficar para mais tarde, o encontro com Clara lhe parece mais importante e, sem dúvida, mais estimulante. No espelho retrovisor, ajeita o cabelo, olhando-se de lado. Um sorriso largo, projetando os dentes à frente, é refletido. Levanta o lábio superior, deixando a gengiva à mostra, por último, solta uma baforada na palma da mão, abre o porta-luvas e pega um chiclete de menta. Dá partida no carro e arranca.

Ao entrar na danceteria, Nestor vê João Batista vindo ao seu encontro. Cumprimenta-o brevemente, sem alongar a conversa. João Batista pede para falarem por um instante. Ele aceita. Olha para os lados, questionando se seria ali mesmo. O empresário aponta para o caminho do escritório e mostra o corredor a ser percorrido. Os dois seguem e, enquanto caminham, João Batista comenta:

— Aconteceu um negócio estranho, que me deixou intrigado.

Na frente do inspetor, andando meio de lado para não lhe dar as costas, abre a porta da pequena sala, segurando-a com o braço direito para que Nestor entre.

— Pode não ter relação com os crimes, mas acho bom falar. Senta aí, detetive.

A porta se fecha sozinha, mas não se ouve ruído, a mola fixada no topo a segura para que encoste devagar. Nestor apoia o cotovelo na mesa e inclina de leve o tronco à frente, segurando o queixo, sem entender a atitude de João Batista; noutra dia, na delegacia, tinha se mostrado tão resistente em dar informações.

— Conheci um sujeito que não é de Adenauer. Chegou aqui faz pouco tempo. Ele se chama Dutra e é fotógrafo. Tu conhece?

Nestor curva um pouco mais o tronco à frente depois de ouvir a palavra fotógrafo, mas não responde. JB segue:

— Achei estranho o cara vir trabalhar em Adenauer. Mas até aí, tudo bem. A gente faz de conta que entende. Só que, logo depois

que saiu, eu fui até a janela e o vi entregar um envelope branco pro Anselmo.

— Como é mesmo o nome dele?

Nestor retira da pasta um bloco.

— Dutra.

Puxa a caneta do bolso da camisa e anota.

— E onde vocês se conheceram?

— Aqui.

— E por que o teu interesse em mencionar esse cara?

— Porque é um estranho. É um fotógrafo. É conhecido do Anselmo. Isso não basta? E te digo mais, o que um fotógrafo vem fazer em Adenauer? Montar um estúdio?

— Tu não montou uma danceteria?

— É diferente.

— Não sei onde. Às vezes, me pergunto o que tu veio fazer em Adenauer, João Batista.

— Vocês acham que eu matei as moças, não é mesmo?

— Eu não acho nada, só estou fazendo o meu trabalho. Como é que tu sabe desses detalhes?

— Porque conversamos.

— Onde?

— Aqui.

— Quando?

— Na quarta-feira.

— E o que descobriu?

— Nada. Só o que falei.

— Que o tal fotógrafo é de fora e é amigo do Anselmo.

— Exatamente.

— E por que o interesse de vocês em Adenauer?

— O deles eu não sei. O meu eu já expliquei na delegacia.

— Sei. Ok. Mais alguma coisa?

— Não. Só isso.

— Então, agradeço a tua colaboração. Agora, preciso ir, uma pessoa me espera lá fora.

O inspetor levanta-se, guarda o bloco de anotações na pasta e a caneta no bolso traseiro e sai.

Ao chegar perto do bar, avista Clara de perfil e vai ao seu encontro. A meia-luz do ambiente o deixa com vontade de abraçá-la. O coração palpita acelerado e se instala em seu corpo uma breve ansiedade. Aproxima-se, sem deixar transparecer qualquer tipo de desejo e, formal, cumprimenta.

— Boa noite!

De cabeça baixa, fazendo dobras num guardanapo, a garota mexe e remexe no papel. Ao ouvir a voz do inspetor, levanta o olhar e se depara com Nestor. Ergue o corpo, cumprimenta-o e o convida a sentar.

— Quer beber alguma coisa, Clara? — pergunta, olhando-a nos olhos.

— Já pedi um suco. Obrigada!

Ela estende o braço em direção à cadeira, mostrando-a. Ele a puxa e senta.

— Te importa que eu fume?

— Não. Fica à vontade. Também preciso de um.

Nestor alcança-lhe o cigarro. Ao colocá-lo na boca, ele pressiona o botão do isqueiro e flameja uma chama alta, iluminando o rosto da moça. Em segundos, o fogo desaparece. Nestor retira outro para si, direciona o isqueiro próximo da face e acende.

— O que tu quer me contar?

Da bolsa, retira um pedaço de papel com o endereço de um site.

— Encontrei isso aqui na agenda da minha irmã.

— O que é?

— Um site. Dei uma olhada, é uma página de fetiches. Garotas se mostram e divulgam seus corpos.

Clara olha fixo o rosto do inspetor.

— Tu sabe que a Marina fazia programas.

— Sim.

— Pois é. Ela colocou fotos nesse site.

Clara segura firme o braço de Nestor.

— Precisamos encontrar o assassino. Por favor! É um apelo que eu faço! Não é justo. Não é justo, inspetor! E não é porque minha irmã era uma garota de programa que o crime pode ficar sem solução. O que esse vagabundo ordinário tá fazendo por aí é muito

cruel. Adenauer está em pânico. A qualquer hora, qualquer uma de nós pode ser uma vítima.

Lágrimas de um choro silencioso escorrem. Não há soluços, somente pesar. Nestor sente vontade de abraçá-la, mas não demonstra nenhum gesto de afeto. Mesmo assim, não pode deixar de tocar o braço estendido sobre a mesa, precisa acalmá-la e, durante todo o tempo em que está ali, pensa em dizer o quanto ela é linda.

— Só precisamos de mais uns dias, uma força-tarefa será montada e, depois que os peritos liberarem o laudo, poderemos trabalhar melhor. Vou fazer de tudo pra colocar esse animal na cadeia.

Nestor fita o rosto de Clara. Ela segura a mão dele entre as suas e ele sorri sem mexer os lábios.

— As fotos da minha irmã estavam publicadas num link de podolatria e existem muitas taras masculinas ligadas aos pés das mulheres, muito mais do que se imagina — ela fala suave. — Nem eu sabia que os homens tinham tanta adoração pelos pés — interrompe a conversa para beber um gole do suco. — Bom, o site é este aqui, dá uma olhada.

Clara coloca o papel na palma de Nestor e desliza os dedos sobre os dele. Os olhos úmidos revelam desespero e pedem ajuda. Inspira o ar, pega o copo, leva-o próximo dos lábios e suga outro gole. O silêncio se instaura entre eles, e se comunicam apenas com o olhar. O canudo escorrega leve sobre os lábios enquanto leva o copo de volta à mesa.

— Por favor, é um apelo que te faço. Descubra quem foi o calhorda que matou minha irmã.

Ela seca as lágrimas, retira da bolsa o dinheiro para pagar a bebida, coloca a alça de couro sobre o ombro, despede-se e sai.



Nestor entra em casa e, ainda na sala, abre a camisa, tira os sapatos com a ajuda dos próprios pés; caminha só de meias e calça

jeans. A cabeça ferve. Alonga os braços, abre o zíper e deixa a calça escorregar, alonga as pernas e pressiona as têmporas com o dedo indicador e médio. De cueca, vai até o quarto e pega uma toalha, joga-a sobre o ombro direito e volta à cozinha, precisa de uma cerveja gelada. Os detalhes das conversas lhe vêm à mente. Segura firme a garrafa e, com a mão direita, gira a tampa de rosca – está tão concentrado na lembrança dos fatos que olha fixo para um ponto no azulejo em frente. “Uma indagação tendenciosa que merece atenção”, pensa.

Desvia o olhar para a garrafa e a leva à boca, deixa que o líquido lhe refresque a garganta. Inclina a cabeça de volta, largando a garrafa sobre o inox da pia. “Por que Dutra, um fotógrafo profissional, viria para uma cidade como Adenauer? Qual a ligação de JB com o taxista? Qual a ligação deles com os crimes? O que o site tem a ver com tudo isso?”.

Volta à sala, junta a calça do chão e retira do bolso o papel que Clara lhe deu. Segurando a garrafa de cerveja, liga o computador e senta, prometendo para si mesmo que não sairia dali enquanto não visse tudo.



Dutra, um homem magro, de lábios graúdos, rosto quadrado e cabeça raspada, abre a porta da casa só de sunga. Sem dizer uma palavra, apenas ouve o amante.

— Também queria te ver.

Anselmo entra, Dutra fecha a porta e beija a boca pálida de lábios finos e dentes irregulares. Depois, seguem juntos até o centro da pequena sala de estar. Prepara duas doses de uísque sem falar nada, larga um cubo de gelo, que se mistura ao ocre da bebida, acomodando-se no fundo do copo, e o alcança ao amante. Apanha o baseado que está sobre a mesa de centro, descansa-o entre os lábios e dá uma puxada longa, fecha os olhos, segura e, ao abri-los, entrega ao parceiro, que faz o mesmo. Apaga a luz dos abajures, velas grandes e vermelhas iluminam o ambiente,

aumenta o volume do som. Com o rosto coberto por uma mortal brancura, lança um olhar sardônico e, com o dedo indicador em movimento, chama o parceiro. Os dois se agarram. Numa ânsia de fibrilar o corpo, Dutra aperta as nádegas do amante. Passa a língua no pescoço e sobe até a orelha, morde como se estivesse rompendo um invólucro, e um filete de sangue escorre. Sem camisa, pede para que toque seu peito nu, totalmente liso, e chupe o mamilo, puxando com os dentes o piercing de metal ao passo que o som pesado do rock'n'roll serve de fundo para o seu delírio. Nos cantos da sala, velas vermelhas queimam. Ordena que pegue a maior e deixe a cera quente pingar em suas costas. Anselmo ergue o tronco, vira-se como um androide e traz uma delas, inclina-a sobre o dorso de Dutra, a chama flameja alto, e gotas quentes caem. Ouve-se um gemido como o grito lamentoso de um cão. Estende o braço, pega novamente o baseado e dá três puxadas curtas. Segura. A fumaça percorre as vias respiratórias e penetra nos pulmões. A sensibilidade aflora. Eles não falam, existe uma linguagem de rosto em que desejo e confiança se comunicam. Está excitado e, no vaivém dos quadris, dança lentamente, torce-se, gesticula, lança-se ao parceiro, que lhe acaricia mais uma vez o peito. E seguem para o quarto, um local ainda mais lúgubre, decorado com esculturas eróticas e espelhos numa parede e no teto. Ao fundo, uma pintura na cor bordô.

— Olha aqui, neném!

Pega um chicote decorado com rebites metálicos.

— Vira! Anda, seu merda! Vira, rápido!

Anselmo dá as costas, e Dutra lança o chicote, lanhando a pele.

— Tá vendo como tu gosta? — diz o fotógrafo, batendo mais uma vez, abrindo uma fenda de sangue.

Anselmo berra.

— Ai! Isso me excita!

E bate de novo, imprimindo toda sua força.

— Pega aqui e faz o mesmo comigo. Anda! Pega! Pega!

Dutra fica de quatro em cima da cama e ordena que bata até sangrar. Anselmo obedece; vergões vermelhos levantam-se sobre a pele.

— Bate! Bate com mais força, seu frouxo! Faz o que eu mando, senão não tem mais pra ti, veado de merda!

A dor, aflorada pelo efeito do haxixe, o excita ainda mais, e faz o amante jurar fidelidade absoluta.

— Tua vida pertence a mim, seu frouxo.

Anselmo bate, puxa o chicote de volta e bate com mais força.

— Serei teu servo até a morte.

Dutra levanta o tronco e fica de joelhos na cama. Vai baixando em movimentos sinuosos uma tanga minúscula e a retira por completo, ordenando ao amante que bata mais uma vez.



Nestor mistura ao amargo da bebida a pesquisa e o desejo. Navega pelos sites de podolatria e, aos poucos, começa a entender o que os fetichistas por pés sentem. Excitado, está cada vez mais atraído pelas fotos. De repente, para e direciona a seta do cursor sobre uma. Clica. Brigadeiros amolecidos com balas de goma coloridas cobrem o dorso de um pé, o chocolate misturado ao leite condensado escorre entre os dedos finos e brancos. Amplia a foto, seus ombros elevam-se, passa uma a uma, ouve-se apenas o ruído do mouse. O silêncio e uma sala vazia: sem quadros, sem adornos, apenas um homem e seu computador. Segue lento, deixando que a tela baixe, derramando uma sequência de cores fortes. Olha fixo o monitor, sente desejo pelo pé que está à sua frente.

A tensão diminui, os ombros abaixam-se e os olhos se fecham. Imagina como seria aquela mulher. Não pode ver o rosto nem o corpo, mas, se forem como os pés, é linda e sensual. Volta a atenção ao seu desejo involuntário e enxerga Clara totalmente nua, calçando uma sandália de tiras finas e brancas. A panturrilha perfeitamente desenhada, erguida sobre um salto agulha, e o corpo de coxas torneadas, seios fartos e cintura fina, coberto por uma pele alva e macia, confunde seus pensamentos, uma força que o excita e perturba ao mesmo tempo. Deseja estar com ela, ainda que seja só por uma noite.

De súbito, abre os olhos e vê o monitor, desliza a mão sobre o mouse e volta a descer a página, atento aos detalhes de cada imagem, passa uma. Analisa outra. Outro clique se pronuncia. Minimiza a galeria de fotos e abre uma nova página de fundo preto e com várias miniaturas. Corre o olhar rapidamente sobre o todo. A atenção volta-se para uma foto em que a cor vermelha, derramada sobre um par de pés, salta-lhe aos olhos. Parece sangue. Amplia a foto. Ela abre imensa, tomando a tela, então vê que são morangos esmagados: uma geleia cobrindo o dorso do pé; escorrega a mão para o teclado, tocando a seta da direita, quer ver a próxima, que lhe parece ainda mais picante. É molho de tomate, ou talvez pimenta picada esmagada com óleo. “Um óleo de cozinha corriqueiro ou um óleo perfumado com cheiro de baunilha?”, pensa em seu delírio fetichista. “Será que é doce como as balas da outra foto?”. Meneando a cabeça, a boca entreaberta, não se dá conta de que os olhos estão cada vez mais fundos dentro das fotos, que, sem pressa, o hipnotizam. Preso, como se sua mão estivesse grudada no mouse, continua passando a sequência. “Que cheiro eles teriam? Que textura de pele havia neles?”. Devagar, ele desce, até chegar à última: um dedo mordido sangra. Agora, é o vermelho dos morangos misturado ao do sangue. De olhos pequenos e cansados, antes que o corpo baqueie ali mesmo, Nestor separa as fotos numa pasta e não consegue pensar noutra coisa senão na perversão masculina em querer punir os pés. Segue a pesquisa e se depara com pés espremidos dentro de sapatos.

Levanta-se e vai à geladeira, precisa de outra bebida. Embora tenha chovido, a noite continua abafada. Em pé, diante da bancada da pia, belisca um pedaço de queijo, aproxima outro do nariz, o cheiro azedo o repugna, então o larga e separa castanhas, enche a mão, empurra umas quatro ou cinco para dentro da boca e volta à sala do computador levando consigo a cerveja e o pote cheio. Senta-se e volta a passar cada página, vai baixando várias. De repente, para. O rosto enrijece. Olha fixo a tela. Depara-se com as três vítimas de Adenauer. Amplia. Inclina o tronco. Dá outro zoom. Eram elas: Marina, Patrícia e Anita, na mesma ordem em que foram assassinadas. Olha com mais atenção. Ao lado delas, na quarta

posição, está a foto de Verônica, a sobrinha de Weber. Fica desesperado.



Dutra e o amante se recompõem.

— Quero tu aqui, amanhã, no mesmo horário, entendeu? — diz o fotógrafo.

— Tu sabe que faço tudo o que tu me pede.

— Tu é um idiota mesmo, Anselmo!

O taxista não responde.

— Agora, vai embora. Sai daqui!



Guiado pelo que descobriu, Nestor pega o telefone, pensa em ligar para Jonas. O relógio marca vinte e três horas. Coloca duas castanhas inteiras na boca, mastiga devagar, encosta os lábios no bico da garrafa umedecida e vira o líquido.

Na sala, permanece imóvel com a cerveja na mão e o cansaço desenhado no rosto. Mosquitos giram em torno da lâmpada e um ventilador trabalha diante de seu rosto. De novo, olha o relógio. A tela do computador. As meninas sorrindo. Não tem dúvida. Precisa agir. Levanta o fone. Na segunda chamada, Jonas atende.

— Boa noite, Jonas! Aqui é o inspetor Nestor, de Adenauer.

— Boa noite!

— Desculpa ligar tão tarde, mas preciso falar contigo.

— Não tem problema. O que houve?

— Tu pode passar na delegacia amanhã de manhã para conversarmos? É urgente.

— Que horas? Porque tenho um compromisso às dez e meia em Leuna.

— Às nove. É jogo rápido. Mas muito importante.

— Pode ser.

— Combinado.

Nestor desliga. São vinte e três horas e cinco minutos. Retira o fone da base, tecla e, depois de três toques, alguém atende.

— Boa noite! Aqui é o inspetor Nestor da polícia civil. Com quem eu falo?

— Com Helena — responde em voz baixa, sonolenta.

O forte sotaque alemão não deixava dúvidas de que ligou para a pessoa certa.

— Desculpa incomodar a essa hora, mas é realmente muito importante.

— Aconteceu alguma coisa, inspetor?

— Preciso falar com a senhora sobre o caso da Anita...

Por um instante, ficam em silêncio.

— Eu sei que é duro pra senhora falar disso, mas é urgente. Alguns detalhes precisam ser esclarecidos — ele faz uma pausa e continua. — Eu sei o quanto isso tudo é difícil, mas, se não tivermos a colaboração dos familiares, ficará ainda mais difícil colocarmos a mão no assassino.

— Eu entendo.

— Podemos nos encontrar amanhã à tarde na delegacia?

— Claro! Também quero falar com vocês. Encontrei umas coisas no quarto da minha filha que podem ajudar.

— Às três, então?

— Certo. Vou estar lá.

Nestor corta a ligação e telefona para o delegado. “Coisas, coisas. Que coisas seriam essas?”, pensa. A conversa com Helena e a imagem de Verônica ao lado das meninas mortas o agitam. “Atende, Weber, atende!”. O ruído das chamadas não se desfaz. “Atende, Weber”. A chamada vai para a caixa postal. Nestor desliga e liga de novo. Depois de três chamadas, Weber atende.

— Weber! Verônica, tua sobrinha, tá em risco. Tira ela da cidade.

— Como assim?

— Depois te explico, mas tira ela de Adenauer.

— O que houve?

— Ela é a próxima vítima do maníaco dos pés.

— Como tu sabe?

— Depois te explico, porra! Manda a guria sair da cidade ou pelo menos não andar sozinha.

Weber suspira, faz uma pausa para assimilar a informação e responde.

— Muito bem. Vou ligar pra lá.

— Ótimo.

— Tu tá muito afoito, rapaz.

— O que tu quer, Weber? Que eu recolha mais um corpo na mata? Que eu te ligue pra dizer que a tua sobrinha foi assassinada?

— Amanhã cedo, na delegacia, na primeira hora, falamos, ok? —
conclui o delegado.

— Ok. Te pego às sete.

— Combinado.

Nestor desliga, vai à geladeira, apanha outra cerveja, caminha de um lado ao outro, passa a mão no cabelo e decide dar mais uma olhada no site antes de deitar. Na parede, uma aranha negra, não muito grande, contrasta com o branco da pintura.

Sábado, 31 de janeiro

O início da manhã parece uma madrugada de inverno, não pelo frio e penumbra, mas pelo vazio que toma conta das ruas de Adenauer. Para a equipe de investigação, feriados e fins de semana são dias comuns.

Uma viatura para diante da porta principal, Weber e Nestor descem juntos e passam pelo plantão, dobram à esquerda, cruzam a secretaria e, logo à direita, tomam o corredor principal que leva ao gabinete do delegado.

O advogado chega pontualmente às nove horas, tira os óculos escuros, passa a mão quadrada pelos cabelos lisos e encosta-se no guichê, apoiando-se nas bordas do tampo de madeira. O plantonista não tira os olhos do jornal para dar bom dia. Jonas apresenta-se e o homem, sem uma palavra sequer, levanta-se e o encaminha à sala de Weber. Com os nós dos dedos, bate na porta, abre e põe a cabeça para dentro.

— Doutor, o rapaz que veio pra depoimento tá aqui.

— Pode passar.

Weber levanta-se e estende a mão.

— Bom dia, Jonas!

— Bom dia, delegado!

— Weber. Me chame de Weber.

— Muito prazer, Weber.

O delegado ajeita a camisa para dentro das calças e continua.

— Aceita uma água, café?

— Não, obrigado!

Os dois permanecem em pé.

— Senta.

Ele puxa uma cadeira.

— Então, tu é o advogado, amigo da Patrícia.

— Sim.

Weber encara Jonas.

— Qual o grau de amizade entre vocês?

— Éramos muito amigos. Conversávamos quase todos os dias.

— Íntimos?

— Também.

— Então, tu sabia muito da vida dela.

— Acho que sim.

— Por acaso, ela andou publicando fotografias num site de garotas de programa?

— Que eu saiba, não. Patrícia queria ser modelo profissional, estava em início de carreira, mas acho que não faria algo assim.

— Então, como se explica o fato de termos encontrado fotos dela num site chamado... Deixa eu ver aqui.

Weber pega o relatório de Nestor, que está em cima da mesa, folheia e pergunta:

— Taras Masculinas?

Jonas titubeia. As grossas sobrancelhas aproximam-se uma da outra.

— Não sei. Talvez um fotógrafo tenha enviado.

Por um instante, desvia a visão do delegado e concentra-se no café preto que verte do bico da térmica, indo ao encontro do pequeno copo plástico em cima da escrivaninha. Weber inclina o copo com segurança, bebe o líquido, larga-o e consulta o sabor da boca.

— Posso saber o porquê da pergunta, delegado?

— Porque a página trata de fetiches, e uma das taras masculinas encontradas num dos links é a adoração aos pés femininos.

Weber levanta-se.

— E precisamos saber que tipo de relação Patrícia tinha com os fotógrafos e se ela sabia da existência do site.

— Até onde eu sei, a relação era exclusivamente profissional, e ela não tinha conhecimento do site. A Patrícia me tinha como confidente, me pedia opinião quando aparecia um trabalho novo, enfim, confiava em mim.

— Sabe me dizer se ela chegou a posar para um fotógrafo chamado Dutra?

— Creio que sim. Esse nome não me é estranho.

— Tu tem como descobrir?

— Tenho. Posso ir no apartamento dela e procurar.

— Nestor irá contigo.

— Tudo bem.

— Na segunda de manhã?

— Perfeito. Algo mais, delegado?

— Sim. Tu falou com ela na noite anterior?

— Falei. Ela me disse que vinha pra cá pra posar.

— Disse mais alguma coisa?

— Não. Só comentou que era a primeira vez aqui, que vinha de ônibus, que um amigo fotógrafo arranhou tudo.

— Algum detalhe que tu não tenha lembrado antes?

Jonas pensa.

— Não. Nada.

— Como ela chegaria na fábrica?

— Ia ter um táxi esperando na rodoviária.

Jonas fica à espera de alguma palavra, e Weber pergunta a Nestor se ele quer acrescentar algo. Girando a cabeça de um lado a outro, sinaliza que não.

— Muito bem, Jonas, se tu lembrar alguma coisa, nos comunica — diz, erguendo o corpo e estendendo a mão para se despedir.

— Combinado.

Jonas levanta-se, aperta a mão de Weber e dirige-se à saída na companhia do inspetor. Ao voltar, Nestor deixa a porta se fechar atrás de si e escuta.

— Tu vai acompanhar o advogado e dar uma geral no apartamento da moça.



No início da tarde, entram no restaurante. O garçom se aproxima cortês e oferece uma mesa. Em seguida, traz uma garrafa dentro de uma vasilha de gelo, derrama o líquido nas taças, registra o pedido e sai. Enquanto os pratos não chegam, os dois aproveitam para conversar. Nestor olha para o delegado.

— E Verônica?

— Tá em lugar seguro. Qual tua preocupação?

— Não sei. Apenas vi a foto dela ao lado das fotos das gurias, no site, e fiquei com medo. Na minha opinião, Verônica tá na mira.

— Fica tranquilo, rapaz! Ela tá segura.

— Ótimo.

Depois de alguns minutos, o garçom chega e coloca a salada e as batatas nas laterais e, no centro da mesa, o prato maior. Nele, estão dois pedaços tenros de carne malpassada e, ao redor, o sangue escorrido. O vermelho do molho causa repulsa em Nestor, relaciona com o que viu, lembra dos corpos, da mutilação da carne.

— O que houve?

— Não dá! Não consigo.

— Te acostuma. É o teu trabalho.

Nestor empurra o prato.



De volta à delegacia, Weber larga o molho de chaves na mesa, tira o paletó, coloca-o sobre o encosto da cadeira e vai direto à térmica de café. Depois, sobre um bloco de anotações, inclina-se e traça três possibilidades que o levam a suspeitar de João Batista, de Anselmo e de Dutra. Para ele, não há outros suspeitos: o assassino é um deles.

“Três mulheres assassinadas e três suspeitos”, pensa, ao levantar a cabeça olhando para o nada. O telefone toca.



— Boa tarde!

O plantonista ouve a suave voz feminina carregada de sotaque alemão. Com a boca apertada e os olhos cerrados, a mulher continua.

— Marquei com o inspetor Nestor.

— Como é teu nome?

— Helena. A mãe da Anita.

Helena é uma mulher de cinquenta e três anos, mas, depois da morte da filha, parece ter adquirido uns dez anos.

— Pode sentar. Vai demorar um pouco, porque o delegado tá numa ligação. Assim que desocupar, eu aviso.

Helena acomoda-se num banco de madeira próximo ao guichê e fica observando a movimentação da DP, conversas e risadas saem da outra sala. No teto, um ventilador gira devagar e as paredes mostram sinais de desgaste.

O plantonista solta o fone no gancho logo após duas chamadas breves e diz para Helena entrar na primeira porta à esquerda, cruzar a secretaria, virar à direita e seguir até o fim do corredor. O delegado e Nestor a aguardam.

— Como tem passado, Dona Helena?

Weber estende-lhe o braço para dar um cordial aperto de mãos.

— Sobrevivendo.

— A senhora falou ao Nestor que tem algo importante a nos relatar.

— Ach! Tenho. Mas não sei por onde começar, estou nervosa.

Helena inclina o tronco e, num gesto quase infantil, cobre a face com as mãos e começa a chorar, os ombros sacodem-se com os soluços. Weber pede um copo d'água a Nestor.

— A minha vida tá sem sentido, delegado. Tá sendo muito difícil pra todos nós.

— Dona Helena, sabemos o quanto isso tudo é duro pra senhora e tua família, mas procura te acalmar, precisamos da tua ajuda pra chegarmos ao criminoso. Temos pistas importantes e estamos

trabalhando com afinco pra montar o perfil do sujeito, e eu não tenho dúvidas de que muito em breve vamos colocar as mãos nele.

Ela retira da bolsa um lenço de papel, esfrega os dedos no nariz e funga.

— Precisamos saber que tipo de relação tua filha tinha com o dono da danceteria.

— Nenhuma. Eles não se conheciam. Só de vista.

— Anita tinha namorado?

— Não, senhor.

— Algum flerte? Ficava com alguém?

— Não que eu saiba.

— Tua filha pretendia ser modelo?

— Às vezes, falava nisso, mas o pai não incentivava. A gente não dava força. A gente queria que ela estudasse primeiro, tivesse uma profissão pra vida toda.

— A senhora sabe se ela andou fazendo fotografias?

— Pois é, doutor. É isso mesmo que queria dizer. Resolvi entrar no quarto da Anita. Ainda não tinha tido coragem, mas esta semana fui fazer uma arrumação, separar umas roupas pra dar e achei umas fotos.

Weber faz sinal para que continue.

— Tenho um pouco de vergonha pra falar nisso, mas eu preciso contar. Fiquei chocada, doutor, ao ver ela sem roupa numas fotos. Ela era tão menina ainda...

Pega novamente o lenço para secar as lágrimas que se acumulam embaixo dos olhos.

— Continua, Dona Helena, continua!

— O que me deixou mais intrigada, doutor, foi ter encontrado fotos só dos pés da Anita. Não é estranho? Foram feitas em vários, vários, como vou explicar, doutor?

— Ângulos, Dona Helena?

— É, ângulos. E em lugares diferentes.

— Que tipo de lugares?

— Numa sala e ao ar livre também, mas não tem como saber exatamente onde. Em algumas, Anita caminhava sem calçados na areia, mas não era areia de praia, era areão mesmo.

— Deve ter sido perto da cachoeira. Lá tem uma areia mais grossa — diz o delegado.

— O que nos confirma, delegado, que o fotógrafo esteve em Adenauer. A menina não saiu daqui e são fotos recentes — complementa Nestor.

— Depois, tinha num gramado, acho que na mata, dava pra ver as folhas secas em volta.

— As folhas secas nos confirmam: as fotos foram feitas recentemente — diz Nestor.

— E, por último, com pétalas de flores. Depois, vi as fotos feitas numa sala, tinha de tudo: lenços de seda vermelha, panos pretos no fundo, sandálias de vários tipos, plumas, muitas plumas, daquelas que a gente vê em fantasias de carnaval, sabe?

— Dona Helena, escuta bem. Essa informação é muito importante. Estamos trabalhando arduamente nesses casos, dia após dia, e já temos, como falei pra senhora, pistas relevantes que nos levam a alguns suspeitos. Por isso, presta atenção no que vou perguntar. Existe alguma coisa escrita, um carimbo ou qualquer informação no verso das fotos?

— Não, acho que não.

— A senhora tem certeza?

— Tenho. Não tem nada escrito.

— E o envelope? Tem o timbre de alguma empresa? Veja bem, eu pergunto isso porque essas fotografias, pelo visto, foram feitas por um profissional, e eles costumam deixar impresso, em algum lugar, uma marca ou dados pra contato.

— Não, doutor. Ele não deixou marcas.

— A senhora pode me trazer as fotos?

— Elas estão aqui comigo.

Retira o envelope da bolsa e o alcança. Weber pega, olha rapidamente, passando-as de uma mão a outra.

— Vou ficar com elas.

— Sim, doutor.

— A senhora tem mais alguma coisa pra acrescentar?

— Tenho. Depois de achar o envelope, peguei o diário da Anita e achei um nome diferente. Minha filha nunca saiu sozinha da cidade,

não estava acostumada a viajar sem que eu ou meu marido fosse junto. A gente conhecia bem os amigos e eram todos daqui das redondezas, então, quando vi aquele nome diferente, fiquei desconfiada.

— Que nome a senhora viu?

— Dutra.

— Dutra? — repete e olha para o inspetor sentado numa cadeira ao lado. — A senhora tem o diário aqui?

— Não. Mas o telefone dele eu anotei pro senhor.

Retira de dentro da bolsa uma folha de papel dobrada ao meio e pergunta se o delegado o conhece, entregando-a em suas mãos. Weber dá uma olhada rápida e fala sem levantar os olhos.

— Nestor, convoca o cara!



Na cidade, toca o sino e os católicos entram devagar na igreja. As poucas árvores que ladeiam a paróquia não balançam os ramos, e o gramado está cada vez mais bege. Enquanto amigos e familiares de Anita dirigem-se à igreja, Nestor deixa a DP na companhia de Helena para levá-la à missa de sétimo dia da filha. Estaciona próximo e fica acompanhando a movimentação das pessoas, observando de longe a casa de Anselmo.

Clara sobe correndo a escadaria da igreja e entra. Nestor, ao vê-la, desce do carro. “Como é linda”, pensa. Bate a porta do veículo e vai ao boteco da esquina tomar um café.

— E aí, Seu Nestor, alguma novidade no caso das gurias? — pergunta o proprietário do bar no instante em que o inspetor coloca o pé no degrau da entrada.

— Nada não, Seu Nelson. A polícia tá trabalhando, mas ainda não descobriu muita coisa... Me dá um expresso — fala, tateando os bolsos à procura do maço de cigarros.

— Tão dizendo por aí que o JB é um dos suspeitos — diz, enquanto retira um copo pequeno de dentro de uma vasilha com água quente. — Eu vou te confessar que nunca fui com a cara do

sujeitinho. Chegou de mansinho, veio se instalando em Adenauer e, daí por diante, foi essa onda de desgraças.

— É, Seu Nelson, o senhor pode ter razão, mas como não temos provas, não podemos acusar ninguém.

— Também ouvi dizer que o Anselmo tá com a vida enrolada...

— fala, girando a torneira da máquina de café, liberando o líquido negro que escorre dentro do pequeno copo de vidro. — O coitado fez corrida pras três moças... Tu vê, que falta de sorte.

— Como assim?

— Tu não sabe? Ele esteve com a modelo e com a Anita.

O velho pigarreia e ri soltando um chiado.

— Tu que é da polícia tá mais desinformado que eu, Seu Nestor!

O inspetor debruça-se sobre o balcão e olha sério para o proprietário do bar.

— Do que tu tá falando?

— Da tal garota de programa, a Marina. Ela ia pra capital naquele dia 7 de janeiro. Parece que ela tinha um executivo lá que bancava tudo, até o táxi pra ir até lá. A guria nunca pegava ônibus. Anselmo levava ela por tudo, parecia até motorista particular.

Nestor passa os dedos pela barba rala e suspira fundo.

— Como tu sabe disso?

— Ora, ele mesmo falou aqui no bar.

“Aquele canalha do Anselmo não comentou nada sobre a vida da Marina, tá escondendo informações da polícia. Então, tem o rabo preso”, pensa. Os músculos do rosto de Nestor comprimem-se.

— Como Anselmo pode afirmar que Marina tinha um caso com um executivo se ele tá há pouco tempo na cidade?

— Mas ele falou. Aqui, debruçado nesse balcão, que nem tu tá agora.

— Como podia conhecer tão bem a vida da guria se ele chegou há três meses?

— Aí eu não sei. Só posso dizer o que vi e ouvi. E ele e JB já se conheciam antes de chegarem em Adenauer. Essa cambada veio tudo junto pra cá. Olha, parece que os dois andaram se estranhando antes. O Anselmo fala pra todo mundo que veio pra

colocar som na danceteria. Papo-furado. É desculpa, precisava de um motivo pra justificar sua vinda pra cá.

— Então, por que veio pra Adenauer?

— Não sei.

— Como tu sabe que ele não é DJ?

— Falam por aí.

— Quem fala?

— Todo mundo.

— De onde saiu a informação?

— Não sei.

— Então, João Batista é amigo do Anselmo?

Nelson assente com a cabeça, parado atrás do balcão, apoiado com a palma da mão aberta virada para baixo e os braços estendidos. Nestor olha para um ponto fixo. “Mas se eles se conhecem, por que JB estava tão intrigado com a relação do Anselmo e do Dutra? Certamente, Dutra não é um estranho como ele tentou me dizer. Então, João Batista é um dissimulado e tentou despistar alguma coisa. Os três são amigos e JB tentou tirar o corpo fora”, conclui o inspetor em pensamento. Ergue o tronco inclinado sobre o balcão, bota a mão no bolso da calça e retira uns trocados.

— Quanto pago pelo café?

— Nada, não. É cortesia da casa. Pros amigos, a gente sempre faz uma camaradagem, ainda mais quando o sujeito é da polícia — responde cheio de orgulho.

Nestor agradece e despede-se, pedindo que Nelson o procure caso saiba de mais alguma coisa.



O padre dá a bênção final, ouvida através dos alto-falantes embutidos nas paredes da igreja. Clara sai pela porta lateral e caminha a passos largos. Seu rosto tem feições indígenas; os cabelos escorridos estão presos com grampos atrás das orelhas. No semblante, é possível ver a falta que a irmã lhe faz. Para Nestor, estar próximo dela é um alento. Não sabe explicar o porquê da

sensação, apenas sabe que Clara o atrai demais. Sempre a observou de longe, admirando sua graça, mas só agora teve o primeiro contato. Caminha rápido ao encontro dela e pergunta como passou os últimos dias. Os olhos vermelhos e inchados lhe dão a resposta. Ele, ao perceber o sentimento de fragilidade e nostalgia, sente vontade de abraçá-la. Ela coloca os óculos escuros e comenta do encontro que marcou com João Batista, está com pressa. Despede-se e passa por ele no mesmo ritmo que saíra da igreja. No rosto do inspetor, enxerga-se o incômodo que a notícia lhe causara. “Será que estão tendo um caso?”, pensa, imóvel, no meio da calçada. Coloca a mão no bolso, retira a chave do carro e resolve seguir para a delegacia. Ainda naquela noite, voltaria a vigiar a residência de Anselmo.



Dezenove horas, Nestor estaciona o carro perto da casa do taxista. Avista o Santana, que está parado no abrigo, na lateral. Acomoda-se no banco, ajeita os óculos de sol e, ao olhar pelo espelho retrovisor, avista um estranho aproximando-se. Ele entra pelo portão, sem bater ou tocar a campainha. Coloca a mão esquerda no trinco da porta, retira do bolso direito uma chave, a coloca na fechadura, abre e entra.

Atento à movimentação, o inspetor escorrega no assento para não ser visto. “Anselmo mora sozinho. Então, quem é essa pessoa que tem a chave?”. Desce do carro e resolve observar mais de perto, quer entender a relação do homem com Anselmo. Passando pela casa, pode ver, através de uma janela ampla e com a cortina semiaberta, os dois em pé, frente a frente, gesticulando e discutindo. O desconhecido toca as mãos na cabeça e a sacode veemente. Vira-se rápido para Anselmo, de costas e de frente. Com as mãos na cintura, esbraveja. O taxista ergue os ombros com a palma das mãos para cima, parece sem ação e quase não responde à ira do outro. Senta no sofá, abaixa a cabeça, apoia os cotovelos nos joelhos, cruza as mãos diante de si e se cala, ao passo que o

desconhecido caminha de um lado ao outro, apontando o dedo em riste.

Nestor aproxima-se. Abre o portão num movimento súbito e entra no pátio. Os dois estão tão concentrados que sequer ouvem o forte rangido das dobradiças enferrujadas. O inspetor fecha-o devagar para que o ruído não volte a soar. Chega perto da enorme janela, põe-se de cócoras no canto, atrás de um arbusto, e ouve a voz de um deles. Embora não consiga identificar o que o sujeito diz, percebe que a relação entre os dois é íntima.

Enquanto Nestor se prepara para mudar de posição, Anselmo se levanta.

— Já falei, porra! Não sei como o envelope sumiu do carro. Tô tentando te dizer que não sei como isso aconteceu. Que merda!

Nestor se lembra do envelope que retirou do Santana. Buscando na memória o que João Batista disse naqueles dias, conclui que o desconhecido é Dutra.

— Merda digo eu! Isso não podia ter acontecido. Não podia, entendeu? — responde o outro, aos berros, enquanto caminha.

— O que tu quer que eu faça, porra?

— Preciso pensar. Me deixa pensar, seu imbecil!

Anselmo retruca, mas Nestor não entende. O taxista fala baixo e está de costas para a janela. Os dois caminham em direção à porta falando e gesticulando; de repente, param. O inspetor ergue lentamente o corpo e espia: suas pernas começam a ficar dormentes, mexe-se um pouco e decide sair logo dali antes que seja visto.

Nestor abre o portão devagar para que as dobradiças não denunciem a sua presença; sai, atravessa a rua e entra no carro. Espera Dutra deixar a casa. Nos postes, as luzes da noite já estão acesas. Procura um lugar longe das lâmpadas e se protege no negro da noite. Não demora, o fotógrafo sai sozinho. Nestor espera até ele se distanciar. Gira a chave e segue devagar, acompanhando-o de longe. Dutra desce a ladeira a pé em direção ao centro da cidade, entra numa tabacaria, compra cigarros e revista e atravessa a rua estreita até alcançar a esquina, onde um ônibus para Leuna passaria em minutos.

O ônibus aproxima-se vagaroso, e Dutra ergue o braço, sinalizando para que ele pare. Então, sobe sério.

Nestor olha o relógio: vinte horas. Embora ele esteja cansado, o boletim diário precisará ficar pronto ainda nessa noite, sem opção. Segue para a delegacia. Estaciona o veículo nos fundos da DP e entra pela porta lateral. No gabinete do delegado, a luz está acesa, a borracha da sola dos tênis marca o piso; assim, ele caminha pelo corredor. Ao chegar à sala, dá duas batidas leves com o nó do dedo indicador e entra.

— O senhor aqui a esta hora?

— Muita coisa pra fazer — responde, fechando uma pasta AZ.

Nestor acomoda-se na cadeira em frente à escrivaninha e olha o cinzeiro lotado de tocos de cigarro.

— Ficou aqui o dia todo?

O delegado alonga-se e boceja.

— Não. Dei uma passada lá na mata com a Bruna e o Saulo.

— Encontraram algo?

— Nada. Mas recebi um e-mail.

Weber remexe os papéis em cima da mesa na tentativa de localizá-lo; Nestor questiona.

— O que diz?

O delegado vai respondendo enquanto procura o documento.

— Outros assassinatos iguais andaram acontecendo numa cidade no interior de Roraima, perto de Boa Vista.

— Roraima?

Quando finalmente o encontra, alcança ao inspetor.

— A pessoa que enviou , dá uma olhada aí, disse que sabe quem matou as moças de lá e daqui. Ela afirma, inclusive, que o assassino é o mesmo.

— Filho da puta! — responde, lendo. — Como alguém lá do interior de Roraima sabe o que tá acontecendo no outro extremo do país?

— Também já fiz essa pergunta.

— O senhor não acha muita coincidência?

— Acho. Aliás, a pessoa que enviou esse recadinho, meu caro, tá envolvida e tá aqui, pode ter certeza. É alguém que acompanhou os

fatos lá e veio pra cá junto com o assassino. Talvez esteja querendo livrar a própria pele.

— O senhor acha que é um dos três?

— O que a gente sabe é que com a chegada de JB muita coisa mudou e os indícios apontam pros três, mas não temos como saber se são eles ou se tem mais alguém. Estou começando a acreditar que possa haver outras pessoas envolvidas, o assassino pode ser um, até porque o perfil é sempre o mesmo, mas acho que existem cúmplices.

Weber retira os óculos, coloca as duas mãos na face, esfrega os olhos e complementa.

— Agora, nos resta saber se João Batista andou por Boa Vista.

— Então, o senhor acha que o assassino é sempre o mesmo?

— Acho. Pelo perfil que traçamos, não tenho dúvidas. Mas não age sozinho.

O inspetor pensa.

— Pistas de quem mandou o e-mail? — pergunta levantando o papel.

— Pseudônimo. Desses provedores gratuitos.

— Mas dá pra checar a procedência...

— Eu sei, e é o que tu vai fazer.

Nestor levanta-se, larga na mesa a pasta que estava sobre o colo e vai na direção da geladeira. Fica sem jeito ao se dar conta de que estava falando com o delegado de igual pra igual. Sente, no tom da resposta, que foi infeliz em sua colocação.

— Acabei de chegar da casa do Anselmo.

— E como foi?

Nestor sorri, senta-se novamente e cruza as pernas.

— Quer uma? — mostra a garrafa d'água para Weber.

— Não, obrigado. Quero saber o que tu viu lá.

— O suficiente, doutor.

Nestor aproxima a cadeira da escrivaninha e relata. O delegado recosta-se como de costume, quando está interessado em algo, e escuta.

— Mais um forte motivo pra interrogarmos o fotógrafo. Esse cara tá no rolo — completa Nestor.

Domingo, 1º de fevereiro

Sem indícios de que a noite tenha sido agitada, o domingo desponta sossegado. As portas da danceteria estão fechadas, e o silêncio é quebrado apenas pelo cantar dos pássaros. A calçada está marcada por pedaços de papel, folhetos, copos plásticos amassados e tocos de cigarro.

Uma pequena movimentação se forma em frente à igreja católica, no centro da cidade. Adenauer se divide entre cristãos e luteranos, e o hábito de ir à missa ou ao culto nos domingos de manhã é obedecido com disciplina.

No outro extremo, a bocha azul é lançada, aproximando-se do bolim rosado na cancha de terra batida, na praça. Gritos ecoam. Ali, reúnem-se os mais jovens e alguns veteranos para disputar categorias diversas. O chimarrão faz parte do encontro e, entre urros e assovios, falam de futebol, do governo e da vida alheia. O drama do momento corre de boca em boca, veloz como um leopardo – quem seria o podófilo de Adenauer?

A pergunta está estampada nas primeiras páginas dos jornais da região. Jornalistas e repórteres das redes de tevê mais conhecidas desembarcam para entrevistar moradores, policiais e familiares das vítimas. Os crimes de Adenauer se transformam em notícia nacional.

Nelson abre o boteco no mesmo horário de sempre. A pesada porta rolante, de metal cinza-chumbo, tem um ruído peculiar, que não deixa dúvida: o bar-café aguarda seus clientes. A três quadras dali, de janelas e portas cerradas e a lâmpada da varanda acesa, encontra-se a casa de Clara. Nestor passa devagar, olhando em

torno, procurando inutilmente vê-la, mirando o muro enquanto um vento morno lhe rodeia o rosto e as plantas se mexem com suavidade. Fica ali, diante do branco, olhando para o nada. Convicto de que não há ninguém em casa, segue, parando no café para um expresso. Senta-se no balcão e puxa o jornal à sua direita. Na capa, fotos da mata e da equipe de investigação. A manchete aponta na primeira hora do dia: *Assassinatos em série ainda são um mistério para a polícia*. Lê atentamente e se pune calado. Uma pressão começa a se formar. Meio sem jeito, fica ali mais um pouco, conversa, ouve, anota informações e, quando são quase dez horas, telefona para Clara. Ela não atende.

Nestor guarda o celular, despede-se e vai para a casa da mãe. Mais tarde, liga de novo, repetidas vezes. Ninguém atende. Tenta o celular. Nenhum sinal. Lembra-se do encontro com João Batista, fica apreensivo. “Por onde anda Clara?”, pensa.

Caminha de um lado ao outro na cozinha, toma um suco, larga o copo sujo na pia, olha o relógio: quinze horas. “Por onde anda Clara?”.

Os crimes lhe vêm à mente, fecha os olhos, enxerga o corpo de Patrícia ensanguentado, jogado no chão sem os pés. Abre-os rapidamente, sacode a cabeça. “Por onde anda Clara?”.

Pega a chave do carro, bolhas de suor se formam na testa, as mãos ficam úmidas, o coração palpita apressado. Dobra na primeira esquina e pega o caminho que leva à mata Dunkel Loch. Sente muito medo, medo de ver o corpo de Clara esquartejado em meio às folhas secas do bosque. Pisa firme no acelerador, o ponteiro marca 80km/h, fecha o vidro, liga o ar, aumenta o volume do som, engole em seco e segue rapidamente pela estrada de terra. O sol queima o solo, a temperatura atinge os 32 graus, estaciona o carro próximo ao local dos crimes e caminha a passos largos para dentro da mata, percorre vários pontos, olha para todos os lados, a camiseta gruda-lhe no tórax, vai além, volta, segue para o lado norte e não encontra nada – apenas a imagem de uma aranha negra subindo lentamente no tronco de um eucalipto enquanto o ruído de aves ressoa em seus ouvidos. O alívio paira sobre seu

corpo, chega a amolecer, inspira o ar profundamente e decide voltar para casa.

No fim da tarde, telefona mais quatro vezes para Clara. Passa em frente à casa de João Batista; portas e janelas fechadas. Vai à danceteria e encontra o rapaz parado na calçada enquanto os empregados retiram o lixo.

— Boa tarde!

— Boa tarde, inspetor! Quanta honra em te ver aqui. — diz em tom de brincadeira. — Tá de folga ou veio me fazer perguntas? — diz ainda mais debochado.

“Que sujeitinho estranho”, pensa Nestor, “primeiro, é resistente no interrogatório, como se as perguntas de Weber estivessem incomodando; depois, me chama de forma amigável para contribuir para as investigações, falando de Dutra e Anselmo, e, agora, volta ao tom zombeteiro do início”.

— Desta vez, não vim fazer perguntas. Estou de folga. Estou dando uma caminhada e, por coincidência, passei aqui. Adenauer não é tão grande assim, sempre acabamos passando nos mesmos lugares e encontrando as mesmas pessoas, não é mesmo? — devolve-lhe a pergunta no mesmo tom.

JB passa o braço sobre a testa para secar o suor.

— Como estão as investigações, detetive?

— Acontecendo.

— Já chamaram o Dutra pra conversar?

— Eu não tenho que relatar pra ninguém, nem mesmo pra ti, os passos da polícia.

— Concordo.

— Então, por que a pergunta?

— Porque eu também sou parte interessada, afinal, fui chamado pra depor, sou um dos suspeitos ou não?

— Qualquer pessoa pode ser suspeita. Por enquanto, estamos só ouvindo o que elas têm a dizer.

Vindo do quintal do casarão, carregando algumas toras de madeira para colocar no entulho, surge Eury.

— Podando árvores? — diz Nestor, olhando o jovem carrancudo que carrega sobre os ombros largos pedaços de madeira.

— Quero aumentar a área externa. Sabe aquele bar temático que tenho lá nos fundos?

— Sei.

Nestor retira as mãos dos bolsos e cruza os braços.

— Tu tem licença do IBAMA pra cortar árvores?

— Tá tudo certo, detetive, não te preocupa. Vamos até lá que eu mostro.

João Batista passa a ser um pouco mais polido. Os dois atravessam o enorme portão de ferro e seguem conversando pela lateral direita. Nestor ajeita os óculos no rosto e começa a observar o trajeto. Os olhos correm rapidamente pelas janelas do casarão – vê apenas parapeitos irregulares e vidraças marcadas; sobe ao sótão, volta aos muros, às grades, ao chão, percorre todos os pontos até que seu olhar se fixa no enorme luminoso.

República de Isaías 53.

João Batista fala e gesticula, explica com as mãos como ficará o novo ambiente. Nestor não lhe dá a mínima atenção.

— Por que Isaías 53? — diz, interrompendo-o.

— Como?

— Por que a danceteria tem esse nome? — fala, apontando para o alto.

— Porque comercialmente é interessante.

Nestor sente-se um ignorante.

— Não consigo ver nada comercial.

— Por ser diferente, chama a atenção.

Nestor retira os óculos, dobra-os e coloca no bolso da camisa. O empresário continua.

— Instiga a curiosidade das pessoas e elas acabam falando, querem saber por que, de onde saiu, o que significa, qual a relação com o negócio e ele fica na boca do povo.

“Que besteira!”, pensa Nestor. O olhar interrogativo permanece direcionado ao luminoso. João Batista lhe desvia a atenção, chamando-o para continuarem, e ele segue. De repente, para e observa Eury cortando o tronco de uma das árvores. Ele ergue o machado, a lâmina ultrapassa a cabeça, e o abaixa veloz, estraçalhando as toras. Nestor, imóvel, acompanha a repetição dos

movimentos com os olhos. Eury apoia o pé no tronco e, com força, desencrava a lâmina. Ergue os braços e os abaixa novamente. De solavanco, arranca-o da madeira. Inspira o ar e levanta o machado, solta um urro e larga, pequenos pedaços saltam pelos lados. O inspetor fica parado com a atenção voltada somente para o instrumento enquanto a tarde cai devagar.



Nessa noite, Nestor navega na internet, digita Isaías 53 e páginas são listadas. Escolhe uma, aleatoriamente, e lê rápido; Jesus Cristo é o cumprimento de Isaías 53, foi cortado de seu povo por dois modos: ele foi executado como criminoso e morreu sem deixar filhos. Ele foi funcionalmente, não fisicamente, eunuco. Baixa lentamente a página, Jesus fala sobre três tipos de eunucos: porque há eunucos que nasceram assim; e há eunucos que, pelos homens foram feitos tais; e outros há que a si mesmos se fizeram eunucos por causa do reino dos céus. Continua atento. Baixa mais um pouco. Pode se presumir que eunucos “que pelos homens foram feitos tais” são aqueles que foram castrados.

“Castrados?”, pensa. E a pesquisa segue. O eunuco estava lendo Isaías 53, a passagem profética do Messias que descreve o destino sofredor daquele que foi cortado da terra dos viventes. O eunuco recebeu a mensagem de que aqueles que tinham sido cortados seriam incluídos.

“Santo Deus!”. E relê. Descreve o destino sofredor daquele que foi cortado da terra dos viventes. São aqueles que foram castrados. Foi cortado de seu povo por dois modos. Repete a leitura. Daquele que foi cortado da terra dos viventes. Foram castrados. Foi cortado de seu povo.

Abre outra página. Isaías usa o termo árvore seca para significado dos eunucos. É também associado ao termo cortado. Eunuco é uma palavra mais genérica que pode bem ter incluído os estéreis, os gays da corte de oficiais estrangeiros, magos e sacerdotes, bem como homens castrados. Homens castrados eram

frequentemente, funcionalmente, se não constitucionalmente, homossexuais.

“Tem muito mais coisa por trás. Isaías 53 está relacionado a homossexualismo, à castração de órgãos, à magia e à morte. Por que João Batista escolheria um nome assim para uma danceteria?”, pergunta-se. Fica engessado diante do computador. “Será que João Batista é um sociopata? A escolha funesta do nome pode definir um comportamento insano, sádico”, pensa. “Preciso falar com um psiquiatra”.

— Em Isaías, aparece o termo árvore seca associado ao termo cortado para eunucos... — fala em voz alta.

“A tatuagem no braço de João Batista!”, fala para si mesmo, espantado. “Uma árvore sem folhas”.

Segunda-feira, 2 de fevereiro

Nestor levanta cedo, passa em frente ao espelho e percebe acentuadas olheiras. Lava o rosto com água gelada e, ao escovar os dentes, fica remoendo pensamentos, lembrando a imagem tatuada na pele de JB: em tons de sépia, uma árvore com galhos finos e longos, raízes profundas, ocupando toda a extensão do braço, do cotovelo ao ombro.

“Isaías 53 está relacionado à magia, à castração de órgãos”. A questão lhe vem à mente a todo instante. Seria uma fatalidade a marca de uma ocorrência externa surgir no mesmo plano dos acontecimentos? Pensa em procurar um terreiro de umbanda, lembra-se da mãe falando dos trabalhos de magia negra que encontrava nas encruzilhadas, do perigo que havia neles, sempre o alertava para não pisar em cima, porque espíritos do mal o rondavam, alimentando-se da oferenda, e poderiam acompanhar qualquer um que passasse perto estando com a vibração baixa. Sempre foi um cético, mas, nas atuais circunstâncias, levaria em consideração qualquer coisa que pudesse ajudar no esclarecimento dos crimes – até mesmo uma ida a um terreiro de umbanda. Telefona para o delegado e relata o que viu, comenta a respeito de suas suposições. Weber ouve.

— E a procedência do machado?

— O barman disse ter comprado no começo da semana. Mas não é um machado novo, delegado. Isso eu tenho certeza.



Nestor estaciona o carro defronte ao prédio, pega o jornal e diminui o volume do rádio enquanto aguarda Jonas. A leitura o concentra, quando, de repente, surge uma batida no vidro. Olha para o lado e vê o advogado. Abre a porta do carro e desce.

— Bom dia, inspetor!

— Bom dia, Jonas! Vamos ao trabalho?

— Vamos.

Os dois atravessam a rua, entram numa porta central, tomam o elevador e chegam ao apartamento. Luvas são colocadas, só depois Nestor solta o lacre que interdita a entrada. Jonas abre a porta e o cheiro de bolor invade as narinas. Deparam-se com uma mesa, três bancos circulares, uma estante pequena, dois sofás de dois lugares e uma mesinha de cabeceira com um abajur em cima. Sobre as poltronas e a mesa, objetos pessoais estão largados. O apartamento tem uma decoração simples, sem harmonia, parece ter sido mobiliado com peças velhas, ofertadas por familiares. No centro da parede, atrás do sofá, há um pôster de mais ou menos um metro por um metro e trinta, em preto e branco, com uma foto de Patrícia ao lado da sua Yorkshire.

Caminham pela sala e, antes de seguirem ao quarto, Jonas abre uma das janelas, melhorando a iluminação. O inspetor mexe na estante, um móvel restaurado que serve de apoio para tevê, som, poucos livros e algumas revistas de moda. Abre as duas gavetas, revira e não encontra nada significativo. Abaixa-se para olhar melhor e, ao abrir uma das portinhas inferiores, encontra um álbum de fotografias; sem pressa, puxa-o para fora, as pupilas estão fixadas nele, folheia. Jonas se aproxima segurando uma caixa de cartões.

— Achei na mesinha do lado do sofá.

— Separa. Vamos levar.

De posse do álbum, o inspetor cala-se e fica observando uma das fotos.

— Jonas, dá uma olhada nesse cara aqui — e aponta para um dos homens no meio da turma.

— Conhece?

— Sim. É João Batista, um dos melhores amigos da Patrícia. Aliás, ela me comentou que não tinha notícias dele há mais ou menos seis meses. Parece que o cara é meio aventureiro. A última vez que Patrícia falou com ele foi em Roraima.

— O que tu sabe da vida desse camarada?

— Não sei muita coisa. Parece que ele era dono de uma danceteria em Boa Vista. Por quê?

— Porque ele é o proprietário da danceteria de Adenauer. Lá, é conhecido por JB. Eu não sabia que era amigo da Patrícia.

Com a mão enluvada, Nestor retira a foto do álbum e a coloca no bolso da camisa. O rosto esvazia-se enquanto fecha o álbum.

Jonas aponta para o computador, um PC antigo instalado em cima de um suporte improvisado.

— Já saiu o laudo da perícia?

— Na investigação de conteúdo, acessos e arquivos apagados?

Sim.

— E o que diz?

— Não sei. Ainda não li.

Não abriria, em hipótese alguma, qualquer informação confidencial. O relatório técnico emitido pelos peritos mostrava um e-mail recebido no dia anterior ao crime, confirmando a sessão de fotos em Adenauer e que o táxi 2425 aguardaria Patrícia na rodoviária. A mensagem ainda pedia para levar o endereço fornecido. Foi enviado através do pseudônimo AD, que, ao ser investigado nos servidores do provedor, indicava Alfredo Dupont como o emissor.

Nestor pergunta onde Patrícia guarda os books. Jonas supõe que no dormitório. Seguem até lá. Ele abre a janela, desprotegida de cortinas, e a claridade invade o ambiente, ofuscando um pouco a visão dos dois. É um quarto pequeno, composto de um guarda-roupa de três portas, uma cama de casal e duas mesinhas de cabeceira improvisadas com tijolos envernizados e vidro por cima. O inspetor abre uma das portas do roupeiro, o espaço tem quatro divisórias horizontais. Na do meio, estão os porta-joias, caixinhas de madeira decoradas, algumas bijuterias soltas, itens de maquiagem, um espelho de mão, escova e secador de cabelo.

Desce o olhar e encontra, na última repartição, três álbuns empilhados. Ele senta-se na cama, coloca um deles sobre o colo e começa a folhear. Passa página por página. De repente, sorri satisfeito. Apenas no terceiro álbum encontrou o que queria.

— Aqui está, Jonas! — bate os dedos sobre a foto.

— Patrícia foi fotografada por Dutra.

Retira e olha o verso, o carimbo mostra: AD – Alberto Dutra Produções Fotográficas.

— AD! AD! Então, foi o desgraçado do Dutra quem enviou o e-mail.



— A modelo tinha ligação com o tal de Dutra, Weber! Eu trouxe as fotos, estão todas carimbadas com o nome dele.

Weber vira uma foto, no verso aparece AD – Alberto Dutra Produções Fotográficas.

— Pouco original, não? — complementa Nestor.

— Ainda bem. Assim, facilita o nosso trabalho. Vamos continuar apostando na pouca criatividade do sujeito.

Nestor para ao lado do chefe de polícia e aponta para a fotografia, chamando atenção para o físico do fotógrafo.

— Hoje, ele tá bem diferente.

Segundo Jonas, a foto tinha cerca de um ano. Na época, Dutra estava mais gordo e tinha cabelo comprido. Agora, parece outro homem, de cabeça raspada, de corpo muito magro e com uma cor de pele branco-amarelada, o fotógrafo parece um doente em fase terminal. Após o comentário de Nestor, Weber inclina o tronco e estica o pescoço para ver melhor.

— É ele mesmo — o inspetor continua falando, enquanto o delegado segura a foto entre as duas mãos.

— Patrícia também era amiga do João Batista.

E estende até o alcance da visão a outra fotografia. Weber sorri pelo canto da boca e fica em silêncio.

— O Jonas me contou que o tal João Batista esteve em Roraima antes de vir pra cá.

O delegado não diz nada.

— Lembrei do e-mail que o senhor recebeu dos crimes de Roraima. A propósito, já descobriu quem enviou?

— Não. A perícia tá verificando, suponho. Falei que era tarefa tua, já encaminhou pra eles?

— Lógico! No sábado.

O inspetor coloca sobre a escrivaninha a caixa de cartões. O chefe de polícia levanta o olhar.

— O que é isso?

— Cartões — retira a tampa.

— Tarefa tua.

Weber apresenta sinais de cansaço, já não é mais jovem como Nestor, e a rotina estafante das últimas semanas está deixando-o sem paciência. O tempo corre muito rápido e a cobrança das pessoas, da imprensa e da sociedade torna-se maior. Sente como se a responsabilidade pela solução do caso fosse unicamente sua. A irritabilidade pelo insucesso está explícita em seu rosto e na comunicação breve e objetiva, às vezes quase grosseira; mas tem admiração por Nestor e sabe que está chegando o momento de passar mais responsabilidades a ele.

— Senta aqui, já tenho uma prévia do resultado da perícia. Ainda não recebi o documento oficial, mas o doutor Onofre, o médico-legista, me telefonou e forneceu uma preliminar.

— O que ele disse?

— Que em nenhum dos crimes foram encontradas impressões digitais, e as duas últimas garotas foram desfalecidas com éter. Uma dose pequena. Estavam lúcidas na hora do crime. E o exame para espermatozoides humanos deu negativo, mas o resultado do exame das peças de roupa mostrou manchas de sangue do grupo sanguíneo B, enquanto o tipo de sangue da Anita, por exemplo, é A positivo.

— O vagabundo é um estrategista, planejou tudo.

— Só não contava que vestígios de sangue, possivelmente dele, ficariam nas roupas.

— E dos fios de cabelo, o que diz o laudo?

— Nada foi encontrado.

— Nada?

— Conclui-se que o assassino não tem cabelo.

Nestor fica em silêncio diante da afirmação.

— O papel amassado utilizado para anular a articulação vocal era de papel higiênico, um tipo comum.

O inspetor se lembra do rolo de papel encontrado no carro do taxista. Lembra também o nome da danceteria e a relação com os eunucos. “Sem vestígios de esperma. Será que o assassino é um eunuco?”, pensa.

— Em todos os casos, houve luta corporal, foram agarradas pela garganta e tiveram a boca tampada. O exame de corpo de delito comprovou que havia lesões no pescoço e no rosto. Talvez nesse momento, ele tenha se machucado e sangrado.

Nestor fica pensativo.

— A cerca de dez metros de onde se achou o cadáver, refiro-me ao último, foi encontrado um lenço de tecido com éter, usado somente pra dominar a garota porque, durante o ato, ela estava lúcida e viva. Acredita-se que todas estavam nessa condição. Passaram por momentos de puro terror.

Nestor dá um murro na mesa.

— Desgraçado! Filho da puta!

— Primeiro, ele abordou; depois, dominou à força; então, deve ter usado o éter pra facilitar, aí algemou as garotas no tronco da árvore, violentou de todas as formas, inclusive introduzindo objetos na vagina e no ânus. Por último cortou os pés. Pro monstro, era importante que elas assistissem e sentissem cada fase do processo.

Nestor enrubesce.

— A mordança de pano encontrada na boca da Anita era um pedaço da blusa que vestia. Rastrearam as últimas vinte ligações telefônicas da Patrícia, as recebidas e as feitas, tanto no fixo quanto no móvel, e Dutra fez contato duas vezes no dia anterior à chegada dela em Adenauer.

— Mas isso não prova nada. Ele pode alegar que tratavam de assuntos profissionais, que eram amigos...

— Eu sei disso, mas temos que considerar um fator importante que tu não tá percebendo.

Nestor desfere um olhar interrogativo.

— Dutra tá com a cabeça raspada.

Nestor passa a mão no queixo, vira-se e levanta.

— O que o senhor pretende fazer?

— Vou interrogar o vagabundo amanhã.



Com os olhos franzidos pela enxaqueca, Nestor coloca os óculos escuros ao sair da delegacia, tem que atravessar o estacionamento até alcançar o automóvel, e a claridade, ainda que pouca, lhe incomoda. Enquanto ele caminha, a figura de Clara lhe vem à mente. Desde o domingo, depois das tentativas frustradas de encontrá-la, não repetiu mais as ligações. Não sabe por onde ela anda, tampouco como está. Ressurge-lhe uma súbita vontade de fazer uma nova tentativa, mas se contém. Entra no carro e, ao ligá-lo, vê João Batista passar na rua; resolve segui-lo. Dá uma ré rápida, gira o volante com uma das mãos e deixa o pátio da DP sem fazer estardalhaço para não chamar a atenção. Para na saída do estacionamento, olha para os dois lados, dobra à esquerda e vai atrás. O jovem desce a rua central, dobra à direita, depois à direita de novo e segue em direção à saída da cidade. Chega à RS-118 e vira como se fosse à Serra Gaúcha. Nestor, discreto, segue. João Batista anda cerca de doze quilômetros, sai para o acostamento, reduz a velocidade e entra à direita, numa estrada pequena de paralelepípedos. Anda mais uns oitocentos metros e para na frente de uma casa de madeira azul-clara, muito simples, com um jardim pequeno e descuidado. Nestor desliga as sinaleiras e estaciona cerca de cinquenta metros antes. Para o carro e gira a chave, o motor cessa. João Batista desce, tranca com a chave, dá uma espiada em ambos os lados e atravessa a rua. Abre o portão e entra; em seguida, desaparece. O inspetor sai do carro, também o tranca e chega mais perto. Na fachada da casa, bem ao alto, numa

placa branca acima da porta, lê: Babalorixá Juarez de Xangô. Fica sem ação. Precisa entrar, mas não sabe como. Caminha pela calçada e espia na lateral direita, tenta encontrar uma forma de enxergar através do pátio da casa vizinha. Não há passagem entre as casas. Ouve o barulho dos batuques e uma linguagem bastante grosseira, que não consegue identificar. São palavras africanas seguidas de cantos e estouros de pólvoras. Volta a passar em frente e verifica a lateral esquerda. Há um pequeno corredor entre o muro e a casa do lado. Decide embrenhar-se por ali. Enquanto tenta entrar no pátio, escuta o uivo de um animal, parecido com um cabrito. Precisa ser mais ágil, senão perderá o ritual. Está escuro e o acesso é difícil, supõe que seja uma casa abandonada, porque os pés afundam-se entre os capins e a grama alta. Caminha ligeiro, abaixa-se ao passar por um arbusto repleto de espinhos e segue pelo corredor. Os batuques e cânticos aproximam-se. Precisa dar um jeito de subir no muro e enxergar do outro lado. Não vê nada que possa utilizar como base ou degrau, tateia o muro na intenção de achar um buraco para colocar o pé e subir. A cerimônia prossegue. Ouve uma movimentação estranha, como se dançassem ao som dos batuques. Vai até os fundos da casa, retira um isqueiro do bolso, ilumina parcialmente o chão e enxerga, não muito longe, uma pilha de tijolos. Busca dois rapidamente, assenta-os no chão, volta, pega mais dois e sobe. Do lado oposto, avista um pai de santo sentado numa cadeira de palha. A camisa de cetim vermelha e o chapéu negro, os vários colares pendurados no pescoço e a dança em torno de uma roda nas quais invocam os exus lhe dão a certeza de que é um terreiro de quimbanda. Arrepiam-se com o que vê. Sua força não é nada diante do incompreensível que enxerga. Dois galos grandes são sacrificados na frente do mestre. Nestor choca-se com o ritual. Verte sangue, que é aparado por um cálice de prata entregue ao velho sentado na cadeira. Engrandecido, toma um gole com segurança, larga a taça e consulta o sabor da boca, traços de aprovação surgem em seu rosto; então, inclina o cálice de uma vez só e bebe. De repente, vindo do interior da casa, chega João Batista, que parece estar em transe. Pálido e sem expressões, carrega um charuto entre os dedos da mão esquerda. Veste um

manto negro e traz, na mão direita, um boneco de pano. Larga-o sobre uma bancada de madeira no centro da roda. Todos começam a cantar e dançar em torno do boneco, até que, inesperadamente, um dos participantes corta-lhe os membros. Pernas, braços e cabeça são amputados um a um. Nestor estremece. Transpira e sente o coração acelerar. Pela primeira vez em sua vida, assiste a um ritual de magia negra. Agora, entende o nome da danceteria, o significado da tatuagem...

Terça-feira, 3 de fevereiro

Dutra chega a pé à delegacia. Entra calmo e vai direto ao guichê de atendimento. Distraída, Heidi está de costas para a vidraça, mexendo no arquivo – um gaveteiro de aço cinza-escuro com os cantos e as laterais oxidados. Ele desfere um olhar de cima a baixo no corpo da secretária, tendo como ponto fixo o pé. Antes de apresentar-se, ela vira de repente, pressentindo a presença de alguém, e percebe o olhar efusivo. Sem jeito, entrando naqueles olhos que sem pressa a fitavam, pergunta o que deseja. Ele sorri meneando a cabeça e, tranquilo, escora os cotovelos na bancada dizendo por que está ali.

Heidi informa que avisará o delegado. Ainda de pé, pede para aguardar e mostra o banco encostado na parede. Com a boca entreaberta, ele agradece e fica onde está. Ela põe os dedos no teclado do telefone e pressiona os três números da sala de Weber. Fala baixo, larga o telefone no gancho e explica como chegar ao gabinete do delegado. Ele vai, passos lentos percorrendo o pequeno corredor com as mãos no bolso. Abre a porta, sem bater, e entra. Para Weber, aquele primeiro contato é de repulsa. A aparência desleixada e displicente, combinada ao jeito arrogante, desagradava o chefe de polícia.

— Bom dia! Pode sentar.

— Obrigado! — responde Dutra.

Weber também senta, e Nestor fica de pé, atrás do suspeito.

— Bem, tu sabe por que foi chamado.

— Perfeitamente, doutor. E o que mais quero é ajudar a polícia.

Weber olha para Nestor. Atitudes como essa são desprezadas pela equipe.

— Desde quando tu mora aqui?

— Um mês. Cheguei no início de janeiro.

Weber abre as mãos, deixando as palmas viradas para cima.

— O que tu pretende fazer numa cidade tão pequena?

Lentamente, responde que escolheu a cidade para viver. O olhar indagador do delegado faz que com ele prossiga. Leuna e Adenauer não passariam de cidades-dormitório, pois continuaria viajando e trabalhando em outros lugares.

— Sou um profissional liberal, doutor — repete. — Não tenho lugar fixo. Posso escolher onde quero morar.

Weber e Nestor entreolham-se, e o delegado pergunta da relação com a modelo.

— Grandes amigos — afirma Dutra, reforçando que Patrícia foi fotografada por ele diversas vezes.

— O que tu tem a dizer sobre o crime do dia 21 de janeiro?

A imobilidade do corpo combina com o tom sereno da voz. Fixa no delegado o rosto emagrecido e conta que ficou atordoado quando soube da morte, pressentindo que ela não tivesse suportado sentir o que sentiu. Ouve-se apenas o ruído das teclas do computador. Weber não fala. Nestor não se move. E um simples gesto do delegado indica que continue. Dutra acrescenta que foi ao sepultamento para prestar pesar à família.

— Como tu soube do crime?

Desvia o olhar. Mas, em seguida, encara o delegado.

— Não tinha como não saber, os comentários da morte não passaram com uma brisa de primavera.

Weber, desagradado com o tom de deboche, sem dar tempo, engata uma pergunta na outra.

— Onde tu estava quando ficou sabendo? Que horas eram?

— No boteco do Nelson.

Entrara no bar e café do Nelson no momento em que a cidade chorava a perda de mais uma adolescente, logo depois do almoço, no dia em que encontraram o corpo.

— A notícia se alastrou rapidamente — continua o fotógrafo.

— Impossível tu ter ouvido o nome dela — o delegado levanta-se, coloca as mãos na cintura e vira de costas. — Ele não foi revelado a ninguém.

Gira o corpo e, cruzando os braços, fica de frente para Dutra.

— Os documentos não foram encontrados logo.

Coloca as mãos nos bolsos e dá dois passos, aproximando-se da escrivaninha.

— A identificação demorou e só ficamos sabendo o nome da vítima um dia depois.

Continua olhando-o por cima.

— Aí, sim, tivemos a certeza de que era Patrícia Moura.

Dutra mantém-se calmo, mesmo sentindo-se insultado.

— Então, acho que me enganei. Devo ter ouvido que uma moça foi assassinada e só depois fiquei sabendo que era a Patrícia.

Ele pensa.

— É isso! Naquela tarde, ouvi a notícia no rádio e o burburinho no café do Nelson. Não se falava noutra coisa. Mas foi só no dia seguinte que comentaram que a moça era modelo e o nome era Patrícia Moura.

Sorri sem graça e prossegue, batendo suavemente as mãos nas coxas, reforçando que não entende como não lembrou antes.

Nestor o observa. Cada movimento, cada gesto e cada palavra são apontados no bloco. Weber, de maneira irônica, pede ao inspetor para lhe clarear a memória, perguntando o que dizia o laudo da perícia quanto à identificação da moça. Lá estavam eles: Nestor, o delegado, Dutra e o escrivão, parados à espera de uma resposta. O inspetor não olha o rosto, nem a boca, mira apenas os olhos, respira e, enfim, aproxima-se sem pressa, pega o relatório técnico de cima da mesa e o lê.

— Ela foi encontrada às dez horas do dia 22 de janeiro e se chamava Patrícia Moura. Os documentos foram largados próximos do corpo.

O delegado sai detrás da escrivaninha, contornando-a, e para atrás de Dutra, de frente para suas costas.

— Acho que quem se enganou fui eu. De fato, a identificação da moça aconteceu na manhã do crime e a notícia se espalhou

rapidamente.

Sai e para à direita.

— Estou começando a acreditar na tua primeira versão, aquela em que tu dizia ter escutado, no comecinho da tarde, que a moça encontrada no matagal era a Patrícia.

Então, Dutra se desconcerta, mas reafirma a segunda versão. O delegado caminha em direção à janela, para e olha para fora, pensativo – evidente que Dutra mente –, e vira-se de novo.

— Sabemos que tu entregou um envelope com fotografias de várias moças para o Anselmo, inclusive, fotografias dos pés dessas moças. O que significam essas fotos?

— Uma espécie de dossiê, um material que seria entregue à fábrica de calçados. Só tentei unir o útil ao agradável.

— Se o envelope era pra fábrica, por que dar pro Anselmo?

Volta à sua mesa.

— Porque ele ia fazer a entrega pra mim. A fábrica fica longe do centro, o senhor sabe disso, e Anselmo também faz esse tipo de serviço.

— Ok, Dutra. Mas nem todas as moças fotografadas eram modelos. Por que estavam no dossiê?

— Acontece, doutor — Dutra irrita-se —, que tinham me procurado uns dias antes, ficaram sabendo da minha profissão e queriam fazer um book.

Weber, apoiando as mãos na mesa com os braços eretos, pergunta quando.

— Dias antes.

O delegado incomoda-se com a resposta vaga.

— Quantos dias antes? Uma semana? Um mês?

— Um mês e pouco.

— Tu me disse, no início da conversa, que veio pra cá no princípio de janeiro, correto? Então, um mês antes seria na segunda quinzena de dezembro.

— É que aluguei uma casa em Adenauer no início de janeiro, mas fiquei hospedado numa pensão em Leuna mais ou menos um mês antes. Cheguei na metade de dezembro.

Revela-se, para Weber, a segunda mentira. O delegado pergunta da relação com Anselmo.

— Profissional — responde o fotógrafo.

O delegado começa a circular pela sala. Ouve-se apenas o ranger da sola do sapato no piso. Pergunta se o rapaz costuma frequentar a casa do taxista. Um silêncio paira. Weber para. Olham-se, e Dutra, sem mover um músculo sequer, responde.

— Absolutamente!

— Tu nunca esteve lá?

— Nunca.

— Mas tu foi visto entrando e saindo da casa do Anselmo dias atrás. Tu ficou cerca de uma hora e discutiu com ele — Weber faz uma pausa e enfatiza. — Pouco profissional essa tua relação, não é?

Dutra fica desconcentrado, mas tenta disfarçar. Mesmo impaciente e irritado, mostra-se seguro.

— Fui acertar uma corrida até Porto Alegre e entregar a documentação que o taxista devia levar.

O delegado pressiona.

— E os correios? Documentação costuma ser despachada pelos correios.

Sem dar chance à resposta, lança-lhe um olhar frio.

— Ou tu é abonado? Pelo visto, tu pode te dar ao luxo de pagar motorista particular pra carregar teus documentos.

— Não tinha tempo pra isso. O material tinha que estar numa agência de Porto Alegre no outro dia bem cedo.

Para o delegado, está claro que se trata de outra mentira. Weber muda o rumo do interrogatório e questiona sobre a amizade com Patrícia.

— Há quanto tempo vocês se conheciam?

— Três anos.

O delegado supõe que conversavam com frequência e insinua que Dutra deveria saber bastante da vida da garota, inclusive as pessoas com as quais se relacionava.

O primeiro instante é de serenidade, mas o fotógrafo começa a se perder nos fatos, pois afirma que não tinha contato com a moça

havia dois meses. Weber dá-lhe uma prensa, largando folhas presas num clipe em cima da mesa e apontando para os itens em destaque amarelo.

— Teu telefone estava registrado no celular da Patrícia. Duas chamadas, um dia antes do crime.

— Não falei com ela, apenas liguei e ela não atendeu.

Weber enfurece.

— Mentira! O registro não estava nas ligações não-atendidas, mas sim nas recebidas.

Dutra sente um calafrio, mas se mantém firme.

— Não lembro disso, doutor.

— Depois do telefonema, tu mandou um e-mail confirmando a sessão de fotos.

— Não.

— Mandou.

— Não, doutor.

Uma irritação extrema desenha-se na face do delegado, que acaba gritando.

— Mandou, sim! Admite!

Dutra não responde. Nestor faz um gesto ao longe para que Weber se acalme. A expressão apática e displicente do fotógrafo o irrita profundamente, mas não pode cair nas armadilhas do malandro. O delegado relaxa, suspira e pergunta.

— Quem é Alfredo Dupont?

— Não sei.

— Por causa desse nome chegamos a um pseudônimo... A. D.

Como se não se importasse com o interrogatório, Dutra responde:

— O que tem a ver o pseudônimo, doutor?

— Ele é teu!

Dutra sorri.

— Nada a ver, delegado.

— Ele é teu, Dutra! Foi encontrado no verso de algumas fotos.

— E se fosse, doutor? O que isso provaria?



Quase no fim do dia, Clara chega à DP.

— Preciso falar com o delegado. É importante!

Heidi nem a questiona. Ergue um rosto cansado e vai direto ao telefone, informa o chefe de polícia e pergunta em que momento pode passá-la.

Clara tem olheiras profundas e azuladas e um semblante sério. Carrega nas costas uma mochila de viagem e uma bolsa a tiracolo, atravessada sobre o ombro direito, e permanece estática dentro da própria meditação.

Ruídos de passos surgem do corredor em sua direção. Chega o comissário Rodrigo e, da janela do guichê, diz que o delegado já vai atender, pede para aguardar mais um minuto. A moça agradece e senta num banco de madeira, encostando na parede. Balança a cabeça de um lado para o outro, mantendo a boca apertada e os olhos cerrados. Abre-os de súbito quando alguém lhe toca o ombro.

— Oi!

— Por onde tu andou? Liguei várias vezes no domingo.

— Viajando.

Faz um sinal com a cabeça, indicando que deveriam falar a sós. Nestor pega a mochila e os dois passam para o corredor que os levaria ao gabinete do delegado. Clara sorri, está muito cansada e prefere ficar calada. Os dois continuam em silêncio até chegarem à sala do delegado. Atrás da mesa, encontra-se Weber, sentado, lendo. Ele se levanta e a cumprimenta. Ela estende-lhe a mão, soltando um singelo “como vai, delegado?”; ele, antes de responder, oferece-lhe uma cadeira. Clara agradece.

— Estou bem, e tu?

— Me adaptando!

— O que te traz aqui?

— Não aguento mais esperar, delegado!

E desaba em lágrimas.

Sentado ao lado, Nestor sente desejo de envolvê-la em seus braços. Weber pede que se acalme e reforça: em breve, pegarão o

assassino.

Ela cruza as mãos trêmulas sobre o colo e, em voz baixa, diz que será objetiva. Viajou a Santa Catarina depois que soube do passado de João Batista. Weber franze o cenho e indaga sobre o passado do rapaz.

— João Batista, Anselmo e Dutra foram sócios numa danceteria em Boa Vista.

Nestor, encostado sobre o canto da mesa com o cotovelo apoiado na coxa, interpela:

— Mas João Batista me disse que Dutra é um desconhecido e ele ficou surpreso quando viu o cara conversando com o Anselmo, um dia desses, na calçada na frente da danceteria.

O chefe de polícia dá uma leve risada e enfatiza.

— Teatro. Sem dúvida, fingia pra afastar qualquer suspeita.

Clara olha para os dois e concorda. João Batista, o taxista e o fotógrafo foram sócios em Boa Vista, assegura a moça. Weber acomoda-se na cadeira e olha firme. Ela continua em tom suave:

— Dutra e Anselmo são amantes.

Nestor fixa o olhar em Weber e lembra-lhe do comentário que fez, certa vez, apontando o taxista como veado. O delegado apenas levanta a sobrancelha e permanece calado; com um gesto simples, pede a Clara para prosseguir. Ela conta que, no domingo, viajou a Florianópolis, pois tem um amigo na ilha que morou em Roraima no mesmo período em que eles estiveram lá, e ele lhe relatou que crimes iguais aos de Adenauer tinham ocorrido em Boa Vista, sem que a polícia concluísse algo. Apenas fatos, indícios e suposições sem provas.

— O que se sabe de concreto é que, depois que a danceteria fechou e eles deixaram a cidade, os crimes pararam.

Weber inclina o tronco à frente e pede a Nestor para agilizar um contato com a DP de Boa Vista. Ele telefona a Heidi, pedindo a ligação com urgência. Clara continua: em Roraima, foram sete casos em dez meses. As vítimas, todas moças entre quinze e vinte anos, tiveram os pés cortados, e uma delas foi esquartejada, acrescenta com os olhos umedecidos. Ressurge em Nestor uma

vontade repentina de abraçá-la. Aproxima-se, sente desejo de tocar suas mãos, mas reprime-se, mira seu rosto e indaga.

— Tu sabe por que a danceteria fechou?

A moça põe-se de frente para o inspetor e diz que ouviu rumores de um desentendimento entre João Batista e Dutra. Algumas pessoas comentaram que o fotógrafo era um sujeito estranho, de personalidade antissocial e agressiva, e que Anselmo se sujeitava a qualquer negócio para manter o caso. O taxista era uma espécie de servo do fotógrafo, um sujeito fraco e dependente. Então, para manter o caso, fazia tudo o que o amante mandava.

Nestor se volta a Weber e questiona a sexualidade de Anselmo. Que problemas seriam esses? E como eram de conhecimento público? O delegado apenas olha Clara como se pedisse mais detalhes.

— Não tenho certeza de nada, delegado! Pessoas que conheciam ele me disseram que tinha umas perversões sexuais. Às vezes, se vestia com roupas chamativas e sexys. A veedagem, desculpe a expressão, doutor, se tornou clara e os vizinhos contavam que várias vezes ouviram gritos de animais vindos de dentro da casa, achavam que faziam sadismo com os bichos. Mas ninguém tem certeza de nada.

O chefe de polícia levanta-se em silêncio, dá dois passos para o lado e vira-se, ficando de frente para os dois.

— As peças começam a se encaixar... Temos duas hipóteses. Se Anselmo é capaz de fazer qualquer negócio por Dutra, ele pode ser o autor dos crimes. Com a intenção de satisfazer os desejos sadomasoquistas do amante, Anselmo pode ter matado as gurias e levado os pés pro amante, que não é chegado em mulher, mas é um louco por pés — caminha para o outro lado, pensativo, com a mão no queixo. — Ou... Dutra pode ser o autor dos crimes. Um cara com problemas sexuais e mentais pode cometer brutalidades dessa natureza. Quem nos garante que ele não se excita com mulheres também? Talvez tenha ódio delas pelo simples fato de serem mulheres e acaba exterminando essa imagem que tanto o incomoda. Ou... É um podófilo e, pra isso, não há explicação. E, nesse caso, Anselmo seria apenas um cúmplice. O que pode

perceber no interrogatório é que ele tem uma postura muito característica de psicopatas.

Nestor levanta-se e questiona sobre João Batista. Weber acredita num envolvimento indireto de alguém que sabe algo mais, mas não pode falar. Para o delegado, os sinais que apontam o taxista e o fotógrafo são mais fortes e convincentes.

Clara interrompe a conversa, discorda de Weber e afirma que João Batista é um sujeito estranho. Soube de uma amiga que contou, muito assustada, que JB teve um comportamento insano com ela. Com força, a segurou pelos braços diversas vezes, momentos de fúria, de ira sem explicação aparente.

O delegado senta-se novamente, com um cigarro – que acendeu sem pedir licença a Clara – e acomoda-se diante da garota. Ela para de falar, o gesto de Weber a desconcentrou. Suspira e conta que a amiga teve manchas roxas no corpo, inclusive no pescoço, onde ele avançou com os braços esticados e as mãos abertas, dizendo que já estrangulara muitas, que, se não se comportasse, a estrangularia também. Ela reclamou, ele largou e riu, riu muito alto, gargalhou, perguntando se sentira medo. Ela ficou estática, ele parou inesperadamente e foi para cima dela de novo, então a beijou e, numa mudança radical de comportamento, a mordeu, jogando-se a seus pés... E os mordeu também.

Cala-se e firma o olhar em Nestor.

— O que ela falou dos pés? — pergunta o inspetor.

— Pra ele, uma área totalmente erógena. Chegou a lavar com sais de banho mais de cinco vezes e ficava acariciando e sussurrando com cara de tarado. O mais impressionante foi que, com toda a excitação, ele brochou duas vezes e ficou transtornado. Ela sentiu pavor, ficou com medo e tratou ele com carinho. As palavras doces desarmaram JB, e ele se acalmou. Então, chorando, contou que as mulheres eram culpadas por tudo. Ela não fez perguntas; se manteve submissa até que ele se acalmasse, esperou que dormisse e fugiu do quarto.

— Porra! Esse cara é o filho da puta que apagou as gurias — conclui Nestor.

Weber interpela.

— Calma! Tem um detalhe importante.

— Qual?

— O laudo da perícia diz que não foram encontrados pelos no corpo das vítimas. Quem tá com a cabeça raspada?

Weber levanta-se e para de frente para os dois com as mãos no bolso, enquanto o cigarro repousa no cinzeiro.

— E as garotas foram estupradas. Se JB não consegue concluir o ato sexual, como se explica o fato?

— Ele pode ficar excitado nas situações de risco ou em situações de contrariedade. Ao forçar as moças, fica com tesão. O pânico o excita.

— E por que da relação com eunucos?

— Pra mim, um demente. Apenas admira práticas grotescas e se alimenta disso.

— Não concordo. Se o sujeito estivesse numa situação de transe, como tu disse, não teria discernimento de se preocupar com o sêmen. A perícia foi clara, não foi encontrado sêmen nas garotas. O vagabundo filho da mãe premeditou tudo. Programou passo a passo: como atrair, como deixar as moças inconscientes. Se protegeu. Transou com elas. Saciou seus instintos sádicos e, por último, cortou os pés.

— Com um machado?

— Suspeita-se, Nestor. Não temos certeza.

— Lembra que vi um na danceteria do João Batista?

Clara permanece calada. O inspetor recomeça.

— O que vamos fazer agora?

— Chegou o momento de fazermos uma visitinha aos três. Providencia um mandado. A partir de amanhã, vamos dar uma geral nas casas de João Batista, Anselmo e Dutra.

Quarta-feira, 4 de fevereiro

Nestor e Weber estacionam em frente à casa de Anselmo às oito horas em ponto. O carro no abrigo confirma: ele ainda não saiu.

Weber ajeita o paletó no instante em que desce, certifica-se de que o revólver está no cinturão e atravessa a rua. Nestor segue ao lado. Tocam a maçaneta do portão e asseguram-se de que não está trancado; abrem-no e, ao movê-lo, ouvem o ranger das dobradiças oxidadas. Nestor vai direto ao carro. O delegado pergunta pela chave, ele a mostra; coloca uma luva cirúrgica, abre a porta do carona e senta-se no banco. O primeiro ponto a investigar é o porta-luvas. Enxerga os mesmos itens que encontrou no pátio da delegacia no dia do depoimento. Weber dá ordens para que recolha tudo, levaria à perícia. Uma sacola plástica armazena o material. Na sequência, Nestor passa a mão debaixo dos bancos, levantando o tapete do lado esquerdo. Pequenos vestígios de terra estão grudados no tapete. O inspetor pega um punhado e passa entre os dedos.

— É saibro.

— Tem certeza?

— Absoluta! Esse tipo de terra avermelhada é saibro, sim. Ele foi usado pra cobrir a estrada velha que liga Adenauer a Leuna.

— E a estradinha que leva pra dentro da mata também tem esse tipo de terra?

— Não.

Weber abre a porta traseira e entra, levanta os tapetes e percebe que a terra avermelhada está apenas no lado do motorista.

— Só ele pisou na terra e voltou pro carro.

— Tu acha que foi ele quem levou as gurias até a mata?

— É uma hipótese.

O delegado dá outra olhada no veículo. Fios de cabelo longos e claros aparecem sobre o banco traseiro. Retira um lenço do bolso do paletó e recolhe os fiapos. O chefe de polícia dobra tudo e guarda novamente no bolso. Saem do carro. Nestor mal tem tempo de fechar as portas, e o delegado já toca o dedo médio no botão da campainha, que soa estridente. Weber aguarda, olha o relógio – marca oito horas e quinze minutos –, suspira e toca novamente. Anselmo abre a porta, só de bermuda e com os cabelos amarrotados. Sem dar chance para que ele fale qualquer coisa, Weber mostra a autorização judicial e invade o pequeno hall da casa.

— Espera aí, meu! — profere numa voz desafinada.

Weber dobra o mandado e o guarda no bolso.

— Vamos dar uma revista geral.

O taxista tenta impedir, estendendo o braço direito com a mão levantada.

— Espera um pouquinho. Que negócio é esse?

O delegado ordena que abaixe o braço. Não toca nele, mas o tom de voz é tão firme e rude que o jovem não contesta e faz o que ele manda. Weber chama Nestor, não há tempo a perder, cruzam por Anselmo enquanto o delegado dá as coordenadas: ele começará no quarto, e Nestor, no gabinete.

Anselmo vê os dois dividirem-se dentro da casa. Esmagado pela força de Weber, não consegue fazer nada contra. Sente as axilas umedecerem e um calorão vem de modo repentino. Vira-se devagar e segue atrás dos dois.

— Onde é o quarto?

— No fim do corredor, de frente pra rua.

Anselmo entra no banheiro e veste uma camiseta. Manchas de suor emplacam debaixo dos braços. O delegado caminha na direção contrária à que estava indo e coloca as luvas antes de tocar a porta; empurra-a e para. Primeiro, dá uma olhada geral e começa pelas gavetas da cômoda, um móvel velho e desbotado. Remexe em tudo rapidamente, nada significativo lhe aparece; levanta a

cabeça e vira para o lado esquerdo, avista o guarda-roupa, abre as portas e repete o procedimento: começa a retirar o que lhe vem à frente.

No gabinete, Nestor tira todo e qualquer objeto das gavetas, olha debaixo dos móveis, na estrutura de alumínio da persiana, nos quadros das paredes. Retira um deles, passa a mão atrás e sente uma saliência, rasga o papel pardo, mas não encontra nada, larga-o sobre a mesa, para, pensa, olha para o chão, levanta os tapetes, sacode tudo. De repente, Weber aparece questionando se encontrou algo. Acenando com a cabeça, faz um sinal negativo e, gesticulando, pergunta sobre Anselmo. Weber aponta para o banheiro e diz que vai investigar nos fundos. O inspetor pede mais um tempo, falta revistar uma estante pequena. O chefe de polícia sai e chega à cozinha. Para com as mãos na cintura, analisa o cenário e vai direto às gavetas da pia repletas de talheres velhos e misturados, abridores de garrafa, saca-rolha, funil de alumínio e outros objetos. Abre as portas do aéreo sobre a pia, uma delas quase despenca – dobradiça enferrujada sem um dos parafusos de sustentação –, tenta ajeitá-la para não cair, não consegue, deixa como está e dá uma espiada rápida nas louças empilhadas. Ao virar-se à direita, avista uma bancada de fórmica com duas portas embaixo; vai até lá, abre-as e puxa duas latas velhas, retira a tampa, olha dentro, cheira e as larga em cima do móvel, ao lado do liquidificador. Vira novamente a cabeça à direita e vê uma cortina de pano xadrez usada como porta, separando a cozinha de outra peça. Caminha até ela. É uma despensa apertada e escura. Toca a parede à procura de um interruptor, sente-o entre os dedos, levanta a tecla e uma lâmpada trêmula ilumina o ambiente. A luz fraca não alcança os cantos, e há muitas quinquilharias dentro. Passa os olhos rapidamente por tudo e vê uma estante de madeira bruta com objetos amontoados: ferramentas, mantimentos, artigos de limpeza e outros itens velhos. Weber suspira. Arreda uma caixa grande de papelão para chegar mais perto da estante, e uma aranha de coloração marrom-clara com um desenho negro em forma de seta no dorso do abdômen e as pernas recobertas por pelos avermelhados sai de trás e avança contra ele. Tenta pisar sobre ela,

mas é mais rápida e corre para debaixo de uma vassoura de palha. Aproxima-se de outra caixa, essa de isopor, e mete a mão dentro. Pensa na hipótese de ter outro bicho, tem receio de ser picado, mas vai em frente, remexe e tateia um objeto macio, liso e maleável; agarra e puxa para fora. Uma luva cirúrgica surge. Arrasta a caixa para a cozinha, onde a iluminação é melhor, e procura a outra. No fundo da caixa, avista a segunda. Pega e a puxa lentamente, traz para perto do nariz e cheira.

Levanta-se e vai à pia, pega um pedaço de papel-toalha e embrulha as duas, larga-as no chão e continua vasculhando a caixa. Nestor entra.

— Alguma coisa?

— Dá uma olhada nisso — mostra o embrulho.

Weber fala ao mesmo tempo em que mexe nos objetos dentro da caixa e, quando menos espera, encontra um vidro escuro, sem rótulo, semelhante ao frasco de um xarope. Ergue-o, desenrosca a tampa e cheira.

— Eu estava certo. É éter. O vagabundo guarda éter dentro de casa.

Anselmo adentra a cozinha e depara-se com os dois ajoelhados em frente à caixa. Mira Weber segurando o vidro e, gaguejando, tenta se justificar.

— Eu não matei as moça, delegado!

— É o que vamos ver. Me acompanha até a delegacia.



Weber entra na delegacia às pressas, sem olhar para os lados, diz que não quer ser interrompido sob hipótese alguma. Nestor acompanha Anselmo, que entra com a cabeça baixa, e o interroga seco e direto, antes mesmo de se acomodarem.

— O que tu sabe dos crimes?

— Nada!

— Cara, não me faz perder o juízo. É evidente que tu tá envolvido. Desembucha, otário!

O inspetor circula aflito. Anselmo, em pé, vira-se para o delegado.

— Eu não matei as moça!

Weber coloca as mãos nos bolsos, estufa o peito e mira Anselmo. Impulsiona o corpo à frente, apoia-se na mesa e grita.

— Quem matou então?

— Não sei.

— Por que o éter e as luvas cirúrgicas?

— Jogo futebol e, às vez, me machuco. Aí eu uso pra massagear Weber ri.

— E como tu conseguiu comprar?

— Um amigo massagista me deu.

Nestor analisa a situação com uma expressão séria. O delegado continua.

— E as luvas?

Anselmo responde sem pestanejar.

— Qualquer pessoa tem luvas em casa.

— Concordo. Mas não luvas cirúrgicas.

Com uma voz fina, Anselmo contesta.

— O tipo não importa. Luva é luva e serve pra muita coisa.

Nestor caminha em sua direção e o pega de surpresa.

— Tu foi o motorista particular da Marina.

Anselmo, esfregando as mãos uma na outra, nega o fato. Nestor altera-se, chama-o de vagabundo e ordena que fale logo a verdade. Ele nega. O inspetor afirma. Fala alto. Repete. Insiste para que Anselmo fale. Ele estremece.

— Não sei se foi sempre. Eu fiz umas duas ou três corridas pra ela.

— Inclusive no dia em que foi assassinada.

O taxista dá de ombros. Weber se manifesta no meio do interrogatório. Firme, diz que a polícia sabe que ele esteve com as três moças no dia dos crimes, que o papel encontrado na boca das garotas é do mesmo tipo do papel encontrado no carro dele e que éter e luvas cirúrgicas, objetos utilizados nos crimes, foram encontrados na casa dele. O sujeito abaixa o olhar e não responde.

— Como tu explica isso?

O taxista permanece cabisbaixo e calado.

— Anselmo — continua o delegado, gritando com os olhos arregalados —, se tu não é o assassino, quem tu tá acobertando?

Quinta-feira, 5 de fevereiro

Descem do carro. Weber ajeita o paletó e certifica-se de que o revólver está no cinturão. Nestor faz o mesmo, e seguem em direção à casa. Ao atravessar a rua, o delegado dá as coordenadas: lembra que farão o mesmo procedimento realizado na residência do taxista.

Abrem o portão, entram no pátio e tocam a campainha. De olhar sonolento, JB atende a porta, tenta sorrir. Procura disfarçar, mas a surpresa desagradável fica evidente.

— Bom dia! — procura ser cordial.

Weber responde no mesmo tom.

— Bom dia, João Batista! Temos uma autorização judicial pra revistar tua casa.

Mostra-lhe o documento. O jovem não responde, e o delegado continua.

— Então, podemos entrar?

— Claro! Fiquem à vontade.

Os dois agradecem, entram e perguntam onde ficam o gabinete e o dormitório. João Batista mostra-lhes o caminho. O delegado faz sinal para Nestor ficar atento às atitudes em relação ao telefone. Ele assente com a cabeça.

Ao chegar ao quarto, Weber dá uma olhada geral, retira as luvas do bolso, veste-as vagaroso e decide começar pela cômoda. Abre as duas primeiras gavetas de cima, objetos pessoais ficam visíveis, fecha-as e vai descendo; abre a primeira gaveta grande, logo abaixo das duas menores, e revira o que tem dentro. Quando chega à segunda, encontra um capuz de motociclista, levanta-o e fica

observando. Nunca viu João Batista de moto; por essa razão, apanha a touca e a coloca num saco plástico, depois no bolso; agachado, verifica cada um dos outros compartimentos. Fecha tudo, levanta-se e segue até o guarda-roupa, abre todas as portas, afasta-se um pouco e dá uma olhada geral de longe. Caminha em direção à primeira porta e mexe na parte superior, incluindo as gavetas de dentro do armário, mas não encontra nada importante. Vira-se para trás e enxerga as mesinhas de cabeceira; caminha até a do lado direito e, ao abrir a portinha, encontra uma caixa pequena com alguns preservativos. Pega-os e conta: são oito. “Preservativos... Mas isso não prova nada”, pensa, segurando a caixa em uma das mãos. “O estoque é razoável, mas não significa muita coisa”. Larga em cima do móvel e segue em direção à mesinha da esquerda.

Enquanto isso, Nestor verifica o gabinete, mas não se defronta com nada significativo. Deixa tudo como está – portas da estante abertas, gavetas semifechadas e quadros sobre uma poltrona – e sai da peça, no mesmo momento em que encontra Weber no corredor. Trocam poucas palavras e seguem juntos para a cozinha. João Batista aguarda-os sentado numa cadeira.

— E então, delegado?

Weber corre os olhos por todos os lados, rapidamente computa o que há dentro da cozinha e o que precisa ser analisado.

— Vamos dar um olhada aqui. Tu nos dá licença?

João Batista levanta-se calado, abre os braços e indica com as mãos que a peça está à disposição deles. Não pronuncia uma palavra sequer e vai à porta; abre-a, parando na varanda que há nos fundos.

Nestor avista uma pequena construção de alvenaria levantada bem na divisa dos terrenos. Entre ele e a casa, existe um gramado curto e um caminho de lajes rosadas ligando as duas portas. O inspetor chama a atenção do delegado. Weber fala baixo, diz que depois seguirão até lá. Na cozinha, há um armário em madeira com vidros nas portas, deixando aparentes as louças, uma bancada em granito com quatro banquinhos altos, dois em cada lado, um balcão-pia com duas portinhas em madeira vazada, que guarda

panelas, uma frigideira e o material de limpeza da louça, uma geladeira, fogão e poucos eletrodomésticos sobre um aparador fixado na parede.

— Aqui não tem nada — diz o delegado. — Vamos pra rua.

Os dois seguem juntos e deparam-se com João Batista. Weber retira um maço de cigarros fechado do bolso interno do casaco. Rasga o filme plástico, segura-o com a mão direita e bate contra a esquerda até que um cigarro deslize para fora. Segura-o entre os dedos e apalpa-se à procura do isqueiro.

— O que é que tem ali? — fala apontando para a construção à frente.

— Nada importante, delegado. É um amontoado de coisas velhas, ferramentas, utensílios de jardim, máquina de cortar grama, coisas desse tipo.

Weber, tragando calmo o cigarro, com o semblante fechado, diz:

— Vamos lá, Nestor.

O inspetor e João Batista seguem-no lado a lado. Ao abrir a porta de madeira desgastada, sentem o forte cheiro de pó e bolor. Não enxergam nada pela falta de iluminação.

— O interruptor é na lâmpada, deixa que eu ligo.

João Batista pede licença e passa por Weber. Vai até o centro da peça e acende a luz. Aranhas haviam tecido suas teias em quase todos os lados, conectando objetos. Nestor e Weber dão uma olhada geral. O delegado dá uns passos à frente, entra no recinto e vira-se para ver o que há na parede de trás. Nestor o acompanha e fecha a porta.

— Não falei que só tinha objetos velhos, sem utilidade?

Weber não responde e segue analisando. De repente, dá uma risadinha irônica.

— E aquele machado ali? — diz, indicando-o com a cabeça.

— O que tem ele?

— É novo?

O inspetor vai até ele e o retira do suporte; passa delicadamente a mão enluvada.

— É novo sim, delegado. E tá bem afiado.

— Recolhe. Vamos levar.

— Espera aí — diz João Batista com os braços abertos. — Como assim, vão levar?

Os dois largam uma risada debochada.

— Ora, João Batista, tu é um dos suspeitos, esqueceu? A morte das moças se deu com um instrumento como este, e tu ainda te acha no direito de questionar alguma coisa?

— Mas eu não tenho nada a ver com essa história.

— Acho que tu não tá entendendo — Nestor fala alto. — Tu não tem escolha, cara.

— Eu não matei as gurias! — retruca na mesma intensidade.

— Abaixa o tom, rapaz! Tu não tá em condições de gritar, dar ordens ou determinar o nosso trabalho. Aliás, eu sugiro que tu fique calado, porque qualquer coisa dita poderá ser usada contra ti. Só responde os nossos questionamentos, entendido?

João Batista cala-se. O inspetor, ao se dirigir à porta, bate o braço num recipiente de vidro sob um aparador de madeira velha, derrubando-o no chão. O pote cai e quebra, e um cheiro de substância química mistura-se ao ar.

— O que é isso? — pergunta o delegado.

Nestor abaixa-se e toca o líquido, leva a ponta do dedo perto do nariz.

— Formol.

Weber volta-se para João Batista.

— Pra que tu usa formol, João Batista?

Não há resposta.

— Onde tu conseguiu isso?

Segue calado.

— Fala, cara! Não tenho tempo a perder.

— Não é meu. É de um amigo.

— Que amigo! — fala ainda mais alto e irritado.

— Vocês não conhecem, ele não é daqui.

Weber vai até a porta e acena com a cabeça.

— João Batista, me acompanha até a delegacia. Precisamos conversar.



Weber, Nestor e João Batista entram pela porta do plantão, na lateral direita do prédio, e seguem até o fim do corredor, direto para a sala do delegado.

— Senta aí e... — Weber arreda uma cadeira — começa a falar!

O delegado abre o paletó e senta.

— O que tu quer saber? — JB é breve e direto.

— Tua ligação com os crimes.

— Nenhuma.

Weber suspira e indaga novamente.

— Tua ligação com Dutra e Anselmo.

— Anselmo eu conheço superficialmente, Dutra fiquei conhecendo outro dia quando estive no bar.

— Não mente! — fala alto, os olhos parecem saltar.

— Não estou mentindo.

— Tá me achando com cara de otário? Sabemos que vocês foram sócios em Boa Vista e tiveram um desentendimento. Também chegou até nós a informação de que crimes semelhantes aos de Adenauer aconteceram lá enquanto vocês moravam em Roraima. Desembucha, cara! — grita Weber, levantando-se subitamente. — Senão, terei que tomar uma medida mais severa!

Nesse momento, João Batista pensa no advogado que já deveria ter contratado.

— Ok, delegado. Vou contar o que sei.

Nestor faz um sinal positivo com a cabeça.

— Anselmo trabalhou comigo em Boa Vista, ele era DJ na danceteria. Éramos sócios, sim. Eu conheci ele em São Paulo, num bar no Bexiga. Estávamos sem trabalho, sem muita grana e com um mesmo ideal. Então, decidimos colocar um negócio próprio, mas tinha que ser fora de São Paulo, porque a concorrência era muito grande e tudo mais caro. Pensamos e falamos em diferentes lugares no interior do estado, mas não tínhamos chegado a nenhuma conclusão. Foi aí que apareceu Dutra. Anselmo nos apresentou e comentou a ideia. Dutra sugeriu Boa Vista, disse que

conhecia bem a cidade e que valia a pena investir lá. Na semana seguinte, viajamos pra Roraima pra conhecer o lugar.

— Quem viajou?

— Anselmo, Dutra e eu.

— Continue... — diz Weber, com os cotovelos apoiados na mesa e as mãos cruzadas próximas ao queixo, o tronco inclinado à frente.

— Gostamos da cidade, juntamos nossas economias e, pouco tempo depois, abrimos uma danceteria.

— E o que mais? — Weber apressa o rapaz.

— É isso!

O delegado irrita-se.

— Me fala do caso do Dutra com o veado do taxista.

João Batista fica em silêncio.

— Sabemos que os dois são amantes. Fala!

— Nada a ver, delegado, não estou tentando omitir, o caso do Anselmo e do Dutra nunca foi um segredo. Desde o início, deixaram bem claro que eram amantes. Mas, pra mim — antes de concluir, olha para Nestor —, Anselmo sempre esteve mais envolvido ou dependente desse relacionamento do que Dutra.

— Como assim? — pergunta Weber, levantando-se.

— Anselmo fazia qualquer coisa que Dutra ordenasse. Era totalmente submisso, aceitava com resignação tudo, inclusive as humilhações que passava.

— Que tipo de humilhação?

— Humilhações de qualquer tipo.

— Perguntei que tipo! Dá pra ser mais claro?

— Dutra gritava e insultava ele toda vez que fazia uma coisa diferente do que tinha mandado. Debochava das limitações do Anselmo na frente de qualquer pessoa, nunca o respeitou. Era uma violência psicológica absurda. Só que... Quanto mais Dutra pisava, mais ele obedecia.

— Tu acha que o Anselmo seria capaz de uma atrocidade pra manter o caso ou pra satisfazer o amante?

— Sem dúvida.

— Por que tanta certeza?

— Porque Anselmo é fraco, é submisso e não vive sem Dutra. E Dutra é um louco.

— Muito bem, mas vamos deixar isso pra depois. Continue. O que tu dizia mesmo sobre vocês? — pede o delegado abruptamente.

— Juntamos uma grana e inauguramos a danceteria em Roraima. Mas não demorou muito pros problemas aparecerem.

— Que problemas?

— Todos os tipos de problemas.

— Que problemas, droga?

João Batista suspira, faz uma pausa, lança um olhar de indignação ao delegado e fala:

— Dutra era um cara antissocial e violento. Acho até que ele batia no Anselmo. Além do mais, não tinha tempo pro negócio, estava sempre envolvido com as fotografias. Então, comecei a cobrar mais a participação dele, e ele não gostou. Discutíamos bastante e, aos poucos, ele começou a se mostrar uma pessoa perturbada, tinha um comportamento oscilante, ora violento, ora calmo, e tinha relações sadomasoquistas com o Anselmo. Quando os crimes começaram a acontecer, suspeitei dele.

— Por quê?

— Algumas coisas apontavam pra isso.

— Que coisas?

— Ele tinha um book com aproximadamente quatrocentas fotos de pés femininos e, às vezes, passava horas olhando. Ele é um aficionado por pés, e todas as garotas assassinadas tinham sido fotografadas por ele.

— E o que mais?

João Batista cala-se, pensativo.

— Vamos, cara, fala! Tu mencionou que algumas coisas apontavam Dutra como o assassino, e até agora só me apresentou uma.

João Batista olha Nestor; depois, volta o olhar para o delegado.

— Uma vez, encontrei, dentro do estúdio de revelação, uma caixa com cinco algemas. As meninas assassinadas foram algemadas nos troncos das árvores, exatamente como aconteceu

aqui. Achei estranho alguém que não é nem nunca foi da polícia guardar tantas algemas.

Nestor interpela enquanto se levanta.

— Ele podia usar nas relações sadomasoquistas.

O jovem altera-se.

— É. Pode ser. Mas vocês me pediram pra falar o que sei. E o que eu acho é que tem muita coincidência aí.

— Pois bem — continua o inspetor. — Então, como tu explica o fato de ter algemas guardadas na tua casa?

— Como assim?

Nestor caminha até uma pasta de couro que estava sobre uma cadeira, abre-a e retira duas algemas encontradas no gabinete da casa de João Batista.

Weber olha interrogativo para o empresário.

— Não adianta me perguntar, doutor. Não sei como elas foram parar lá. Não são minhas.

O delegado solta uma risada.

— Tu já notou que tudo o que encontramos hoje dentro da tua casa tu não sabe de onde saiu? Não sabe como o formol foi parar lá, não sabe como as algemas foram parar lá, não sabe explicar como um machado novo foi parar lá...

Weber suspira e senta.

— Tudo bem, JB. Pode até ser uma coincidência, mas tu não acha que são muitas coincidências?

— Acho, delegado. Mas é a verdade. O machado foi comprado pelo Eury. O formol é de um amigo, acho que veio junto na mudança, e as algemas... bem, não sei como foram parar na minha casa.

Weber levanta-se, coça o queixo e anda pela sala.

— Vocês moravam juntos em Boa Vista?

— Sim.

— Na mesma casa?

— Sim.

— Quem fez a mudança?

— Uma transportadora.

— E o vidro de formol veio na mudança?

— Sim.

— De quem era? Anselmo ou Dutra? — circula pela sala batendo uma caneta na palma da mão.

— Não sei.

Nestor interrompe a conversa.

— A venda de formol é controlada pra pessoa física, ainda mais em grandes quantidades, essas substâncias tu não consegue assim...

— Mas ele pode ter sido roubado — complementa Weber, direcionando o olhar para o inspetor.

— Onde?

Vira-se para o jovem.

— Universidades, centros de pesquisa, indústrias químicas...

Nestor também para diante de João Batista.

— João Batista, tu lembra se um deles teve algum tipo de contato com instituições desse tipo?

— Não sei.

— Não sabe mesmo?

— Lembro que Dutra teve um caso com um rapaz que trabalhava numa ferragem. Ele era químico.

— Como tu soube disso?

— Anselmo me contou, estava desnorteado porque os dois andavam juntos.

O delegado e Nestor se entreolham.

— E o que mais? Vamos! Fale!

— Mais nada, doutor. Isso é tudo o que sei.



João Batista deixa a DP cabisbaixo. Os dois investigadores ficam no gabinete do delegado. Weber, calado e pensativo, vai até a térmica e serve um café. Nestor pergunta a que conclusão chegou. O delegado bebe um gole, pressiona os lábios, solta um estalido com a boca, bebe outro gole e diz que os indícios que apontam para

João Batista são fortes, mas que os de Anselmo também são e ainda não é possível concluir nada.

Nesse instante, ouve-se uma batida leve na porta. Weber manda entrar, a porta se abre e aparece Heidi.

— Com licença, doutor Weber?

— Sim.

— Chegaram os extratos das contas telefônicas de Dutra, Anselmo e João Batista. Já fiz o levantamento, e aqui estão.

O delegado ajeita os óculos no rosto e olha com atenção. Não fala nada, e Heidi retira-se. Ele passa folha por folha, de cima a baixo, e vai largando-as sobre a mesa. Sério, repete a ação para cada um dos envolvidos e, por último, lê o laudo técnico da perícia. Sorri, lança o tronco para trás, recosta-se no espaldar alto da cadeira e repete em voz alta o que está escrito.

— JB e Anselmo se falaram nos dias dos crimes e sempre nos horários próximos aos assassinatos.

Nestor ouve em silêncio.

— Ambos ligaram um pro outro.

— O que isso significa?

O delegado acende um charuto.

— Anselmo pode ser o cara que aborda as gurias. Com o éter, desfalece e leva pra mata. Então, telefona pra João Batista avisando. Ele, por sua vez, vai ao encontro deles e executa o serviço.

— E a ausência de cabelos?

Weber retira do bolso do paletó o saco plástico com o capuz de motociclista. Nestor levanta a sobrancelha e não diz nada. O delegado continua:

— João Batista pode ter usado isso aqui pra se proteger, pra não ser visto nem reconhecido, tampouco deixar vestígios.

— Então, tu acha que JB é o assassino?

Sexta-feira, 6 de fevereiro

Às oito horas em ponto, Nestor estaciona a viatura em frente ao portão da casa de Dutra. Ao contrário dos demais, o fotógrafo alugou uma pequena chácara distante dez quilômetros do centro de Adenauer. A casa, construída com pedras de alicerce e telhado inclinado, tem uma varanda ampla com pilares finos, corroídos pelos cupins. Ao olhá-los, tem-se a impressão de que podem cair a qualquer momento, como se a fina madeira que segura o telhado, de tão fraca e envelhecida, fosse romper com o sopro do vento. Acima da porta principal, há a inscrição 1890.

O inspetor desce do carro e caminha até a porteira. Depois de abrir, volta, dá a partida no veículo, passa para dentro da propriedade e desce novamente para fechá-la. Seguem por um caminho de chão batido estreito e sinuoso. Como moldura, o campo revestido por uma vegetação quase morta, ora bege, ora esverdeada.

— Acho que hoje a gente conclui essa tarefa, não é mesmo, doutor?

— Assim espero.

— O senhor continua achando que João Batista é o assassino?

— Não sei.

— Depois do que ele falou do Dutra, cheguei a pensar que o fotógrafo pode ser o filho da puta que apagou as gurias — responde, enquanto guia o automóvel.

— Mas temos o depoimento da Clara. Não te esquece: ela afirma que JB tem problemas sexuais e fetiche por pés.

A viatura aproxima-se da casa e estaciona sobre o gramado da frente. Os dois descem. Weber, como de costume, ajeita o paletó e o revólver no cinturão; depois, levanta a cabeça, inclinando-a para o alto, e avista uma pequena janela.

O delegado segue o inspetor, e batem na porta com os nós dos dedos. Ninguém atende. Repetem a ação, esperam um pouco e batem novamente. Ninguém aparece. Weber bate palmas, dá mais um tempo e, quando vai bater de novo, ouve passos sobre o capim. Alguém vem do quintal, pelo lado esquerdo. Espera um pouco, espia e se depara com o fotógrafo.

— Bom dia!

— Bom dia, Dutra! — o delegado estufa o peito e abre o casaco, deixando a arma à mostra. — Temos um mandado que nos permite revistar a tua casa — fala, seco.

— Já disse, doutor, quero ajudar a polícia a solucionar os casos, estou à disposição pra prestar depoimento a qualquer hora.

Dutra caminha na direção deles e abre a porta pelo lado de fora.

— Entrem, por favor.

Nestor dá um passo à frente.

— Em que posso ajudar?

Ninguém responde. O excesso de gentileza incomoda Weber. Os dois colocam os pés na sala e começam a vasculhar o ambiente. O fotógrafo senta-se sossegado numa das poltronas. Weber e Nestor reviram todos os ambientes e não encontram nada além de inúmeras fotografias, que só confirmam suposições passadas.

— Nada, delegado! — diz Nestor, ao se deparar com ele na cozinha.

— Nada! — responde secando o suor com um pedaço de papel-toalha. — Vamos até a sala, quero conversar com o sujeitinho.

Passadas largas estalam no assoalho envelhecido. Weber e Nestor surgem e ficam de pé.

— Dutra, precisamos conversar.

Nestor tira o bloco de anotações do bolso. Sem tempo para ouvir a resposta, o delegado emenda:

— Como é a tua relação com Anselmo e João Batista?

— Tranquila.

- Quero detalhes.
- Uma relação superficial.
- Nada disso. Sabemos que não tem nada de superficial.
- Ok. Anselmo faz uns serviços pra mim, e o JB eu conheço há pouco tempo, nos vimos pela primeira vez na danceteria.

O delegado, com as mãos nos bolsos, começa a circular pela sala.

— Mentira!

Weber fala em voz baixa, mas firme.

— Vocês foram sócios em Boa Vista. Desembucha!

— Se vocês já sabem de tudo, por que ainda me perguntam?

Weber vai na direção de Dutra.

— Não tente me desafiar, seu moleque! — responde-lhe, apontando o dedo enquanto Nestor o impede de ir em frente.

— Tu não tá limpo nessa história.

Dutra cruza a perna, apoia o cotovelo no braço do sofá e segura a cabeça levemente inclinada.

— O que tu quer de mim?

Weber ajeita o paletó e respira fundo.

— Ouvir a tua versão dos fatos.

— Que fatos?

— Como foi a sociedade de vocês? Onde se conheceram? Por que ela se desfez?

— Bem, doutor, já que o senhor insiste. Nossa sociedade foi normal, sobreviveu ao tempo que deveria sobreviver, tivemos alguns desentendimentos, como em qualquer sociedade, até que resolvemos desmanchar.

— Que tipo de desentendimentos?

— Ah, delegado — Dutra levanta-se e vai até o carrinho de bebidas. — Vocês aceitam um drinque?

Weber ignora.

— Que tipo de desentendimentos, Dutra? — seus olhos faíscam.

— Como ia dizendo... O João Batista é um cara de difícil relacionamento, tem lá seus problemas com mulheres e não consegue superar.

— E o que mais?

— JB nunca estava na danceteria, sempre correndo atrás das garotinhas. Eu e o Anselmo tínhamos que dar conta de tudo. Como o capital era dele, se achava o dono de tudo e capaz de dar ordens. Uma vez, começou a namorar uma menina, a garota tinha quinze anos, ficou deslumbrado! Uma putinha, sabe? — falava enquanto bebia. — Gostava de umas orgias, e a guriazinha fazia o serviço completo. O otário do JB se apaixonou e aí... bem, aí não deu mais pra aguentar o sujeitinho.

Weber lança-lhe um olhar frio.

— O que houve depois?

Dutra muda a fisionomia. Fica tenso, com os olhos parados e arregalados.

— Encontraram ela morta, sem os pés, dias depois.

— Dias depois? Depois do quê? — grita Weber.

— Deles terem rompido. A garota era uma puta, como já disse, e saía com qualquer um, bastava querer. JB se deu conta disso, que além de otário era motivo de chacota do pessoal, e terminou com ela.

— E matou a menina?

— Não sei. Ninguém sabe. JB se desestruturou, resolveu vender tudo e sair de lá. A nossa relação também não estava indo bem, então, aproveitei pra desfazer a sociedade. Acabamos discutindo várias vezes pelos motivos mais banais... Ele é um irresponsável, metido a playboy, eu sou um profissional, tinha um nome a zelar, brigamos certo dia e nunca mais nos falamos. Deixei que um advogado cuidasse de tudo. Foi assim que terminou.

Dutra caminha lentamente até o centro da sala com o mesmo olhar tenso e larga o copo de uísque na mesinha.

— Se vocês não me levam a mal, tenho um compromisso e preciso me arrumar.

— A nossa conversa ainda não terminou.

Weber retira o paletó, deixando o 38 à vista. Dutra para na frente dele com um olhar fixo e desafiador.

— O que mais quero, delegado, é ajudar a polícia na solução dos crimes. Adoraria colaborar mais, mas hoje não posso.

— Mas tu não vai a lugar nenhum agora.

— Quem pode me impedir, delegado?

— Eu.

E parte para cima dele. Nestor larga tudo e o impede novamente. Dutra debocha do delegado. O inspetor se intromete. Manda o fotógrafo calar a boca e baixar o tom, senão chamaria reforço. Ele acalma-se e senta. O delegado respira forte. Olha para o rapaz e prossegue.

— E a tua relação com Anselmo?

Dutra recua.

— Somos amigos.

— E por que omitiu o fato quando perguntei no início da nossa conversa?

— Porque não gosto de falar da minha vida.

— E por que veio pra Adenauer se tu e JB não se falam mais?

— Vim porque o Anselmo veio atrás dele.

— E por que Anselmo veio pra cá?

— Porque JB ficou devendo uma grana pra ele.

— De quê?

— Serviços particulares.

— Que serviços são esses?

— Aí, tu vai ter que perguntar pra eles.

Weber parece um vulcão em erupção.

— Não! Tu vai me dizer! Sei que tu tem intimidade suficiente pra saber do que se trata.

— Eu já disse tudo e agora preciso ir, tenho um trabalho me esperando.

— Ainda não terminamos, Dutra — Nestor informa.

O fotógrafo dá um passo para trás.

— O que mais vocês querem saber?

— Do telefonema que tu deu pra Patrícia na noite anterior ao crime.

— Só queria saber como ela estava. Éramos amigos.

Weber chega mais perto.

— Foi tu quem atraiu a moça pra cá, não foi, Dutra? Confessa!

Nestor aproxima-se, chega tão perto que desfere seu hálito quente no rosto do fotógrafo.

— Tu premeditou a morte da Patrícia, não foi?
Weber ferveilha.

— Tu e Anselmo combinaram tudo, não foi? Fala, desgraçado, antes que eu te meta a mão na cara.

O fotógrafo olha duro para os dois, totalmente imóvel e mudo. Weber está quase avançando em Dutra.

— Escuta o que vou dizer! — fala, apontando o dedo em seu rosto. — Eu vou descobrir quem foi o sacana que fez isso com as garotas. E, se foi tu, Dutra...

— Vai fazer o quê?

— Te colocar atrás das grades. Tu vai mofar numa cadeia e penar até os últimos dias da tua vida — grita.

— Muito bem, delegado! Então, prova primeiro. E, se partir pra cima de mim e me bater, eu te processo. Agora, me dá licença que tenho um compromisso.



O relógio da DP marca quinze horas e onze minutos. O delegado fecha a pasta que continha o relatório e pensa em todas as possibilidades listadas até o momento. Levanta-se e caminha até o arquivo de aço, abre a terceira gaveta e retira os laudos da perícia. Relê em pé, parado diante da gaveta aberta, raciocina e volta à escrivaninha, quando entra Nestor.

— O que tu tá fazendo?

— Analisando os laudos.

— E o que dizem?

— Nada muito esclarecedor — responde, desmotivado. — Precisamos de provas, Nestor. Provas!

— Os pés, delegado! Precisamos encontrar os pés! O assassino deve ter guardado os pés em algum lugar. Ele não os levaria em vão. O formol encontrado deve ser pra isso.

Nestor fita-o, girando a cabeça e diz:

— Ele deve colecionar fotos e pés das vítimas.

— Dutra?

- Por que não?
- Ou João Batista? Não sei. Só temos hipóteses.
- Ainda falta revistar a danceteria.
- Não deve ter nada lá, Nestor. Seria muito óbvio! JB não é burro, jamais colocaria os pés na danceteria.
- Mesmo assim, acho viável darmos uma busca geral. Vou chamar o pessoal. Vamos precisar de apoio.

Sábado, 7 de fevereiro

— Ouviu a movimentação na delegacia? — fala Anselmo ao telefone.

— Já previa. Depois da última conversa com o delegado, sabia que tomariam uma atitude mais severa. Ele tá no meu pé.

— O que vamos fazer?

— O que combinamos! Fez o que pedi?

— Sim. Antes do dia clarear, já estava tudo prontinho. Armei tudo do jeito que tu disse pra fazer.

— E como ficou?

— Igualzinho a um ritual de magia.

— Ninguém te viu entrando lá?

— Ninguém.

— Vê lá, seu imbecil.

— Tu acha que ia colocar tudo a perder?

— Muito bom. Vou indo na frente e te espero lá em Juazeiro. Não vai dar bobeira, hein?

— Claro que não!

— Já acertei tudo com a menina. Tá na mão. Tu pega ela na rodoviária e leva pra mim.

— Combinado.



As sirenes das viaturas ecoam por Adenauer. Repórteres fazem ponto em frente à DP. Pessoas saem de dentro das casas para ver o que acontece.

No bar do Nelson, todos correm para a calçada. Em algumas janelas, senhoras espiam a ação da polícia. Uma movimentação jamais vista antes acontece na rua central da cidade.

Nestor estaciona o carro próximo à danceteria, e mais duas viaturas param ao lado. Todos descem rapidamente. O delegado ajeita o 38 no cinturão, dá as coordenadas e vai entrando; os demais o seguem.

— Vamos dar uma geral — diz a João Batista, que os recebe assustado.

Nestor e mais três policiais invadem a danceteria e posicionam-se em locais estratégicos.

— O que tá havendo, Weber?

João Batista não entende o que se passa.

— Revistem tudo. Virem esse casarão do avesso! — ordena o delegado.

— Precisa tudo isso pra uma simples revista? — fala, atônito, João Batista.

O delegado não responde.



Nestor e um policial atravessam o bar e passam por uma porta que dá para um corredor que os levaria aos fundos do casarão, à área externa. Weber e o outro policial permanecem na parte central da casa, onde fica o bar, a pista de dança e o mezanino. Rubens aproxima-se.

— Não há nada por aqui, doutor.

— Isso é o que vamos ver.

João Batista fica encostado no balcão. Embora não tema nada, seu semblante denota preocupação.

Do lado de fora, Nestor caminha ao redor do casarão à procura de um apenso, algo que possa estar incorporado ao imóvel, uma dependência, talvez, comum em construções antigas, um sótão ou um porão; quando, de repente, ao passar pela lateral, vê através de um orifício – uma espécie de janela que serve apenas para

circulação de ar – uma pequena claridade semelhante à luz produzida por velas; ajoelha-se no solo e chega mais perto do buraco.

— Velas queimam lá dentro. Vamos entrar.

Levanta-se num impulso rápido, limpa as mãos e sai em direção ao quintal da casa. Depara-se com uma portinha no lado direito, bem nos fundos, atrás de uma parede de costaneiras rústicas que servem como divisória e decoração do jardim.

— Por aqui... — diz para o policial que o acompanha.

Tenta abrir a porta com a mão. Está trancada. Recua um pouco e, de lado, com o apoio do ombro direito, joga-se contra; ela solta um pouco, mas não abre. Nestor recua novamente, impulsiona o corpo e larga toda a sua força: um dos encaixes da madeira se rompe, uma fenda se abre, e consegue espiar o interior do porão.

— Vejo muitas velas.

— Deixa eu tentar — diz o outro.

O policial, mais robusto que Nestor, recua e impulsiona o corpo contra a porta, derrubando-a de vez. Descem por uma escada de pedra, de degraus curtos e desgastados, e caminham poucos metros, seguidos pela iluminação das velas. Encontram, então, uma bancada de madeira com fotografias de garotas espalhadas sobre ela; ao redor, inúmeras velas vermelhas queimam; ao lado, a imagem desfigurada de uma mulher nua; e, ao fundo, um pano de voal vermelho escondendo os objetos de uma prateleira velha e corroída. Nestor aproxima-se, devagar, toca o tecido e o puxa de cima a baixo, e ele cai no chão. Na estante, dez pares de pés humanos, embalsamados, com uma rosa vermelha sobre eles e um porta-retrato de metal com a foto das respectivas moças assassinadas.

— Achamos! Achamos o desgraçado, filho da puta!

Segunda-feira, 9 de fevereiro

Weber está sentado sozinho em seu gabinete. A fumaça de um cigarro recém-acendido sobe em espiral. Nestor entra sorrindo.

— Que cara é essa, doutor? Nem parece que acabamos de pegar o vagabundo.

Weber levanta-se e vai até a janela. Fica com o cigarro entre os dedos, olhando para fora.

— Estou pensando no Dutra e no Anselmo — o delegado vira o rosto para Nestor. — Muito suspeito o sumiço deles.

— Então, tu acha que o JB não é o assassino?

— Eu não disse isso. Só acho que não sabemos tudo que tá escondido nessas teias.

Weber traga em silêncio. Nestor o observa.

— Mas não importa — o delegado vai até o rapaz e estende-lhe a mão. O inspetor aperta forte.

— Parabéns pelo nosso trabalho, Weber.

O delegado, por fim, sorri.

— Ao nosso sucesso. E ao teu futuro.

Texto da orelha

Charles Kiefer

No futuro, quando se fizer o mapeamento da literatura policial brasileira, compreenderemos melhor por que este é um gênero que não se desenvolveu aqui como na Europa ou nos Estados Unidos. Faltou-nos um Edgar Allan Poe? Uma Agatha Christie? Faltou-nos mais paixão pela leitura em geral?

Lá, tanto na Europa quanto nos EUA, a Lei é levada a sério. Literatura é sempre uma resposta aos desejos mais profundos do indivíduo e da sociedade. Um povo que acredita nos seus ordenamentos jurídicos consome mais produtos simbólicos ligados à Lei. Não é por acaso que nos filmes norte-americanos quase sempre há um júri, advogados, juízes.

Escrever literatura policial, aqui, nestas terras da permissão, é um ato de heroísmo. Só por isso, já deveríamos ler Carina Luft. Mas devemos lê-la também pela qualidade da trama, pelos cuidados com a linguagem.

Fetiché, no futuro, estará entre os livros importantes da literatura policial brasileira, livros que marcaram o lento desenvolvimento do gênero no nosso país.

Sobre a autora



Carina Luft nasceu em Montenegro (RS), em 1971. Ingressou na oficina literária de Charles Kiefer em 2003, e participou do curso *A construção do romance*, com Luiz Antonio de Assis Brasil. Integrou as antologias de contos *101 que contam*, *103 que contam*, *Porque hoje é sábado* e *104 que contam*. Ficou em primeiro lugar na categoria conto do I Prêmio AMES/Jornal Ibiá de Literatura, em 2005. Formada em *secretariado executivo bilingue* e pós-graduada em *administração e estratégia empresarial*, foi colunista do jornal *O Progresso*, em Montenegro, e participa do programa *Pauta Livre* da TV Cultura de Montenegro.

Agradecimentos

Descobri que, para escrever um romance policial, é necessário estudo, pesquisa, leitura, técnica e, principalmente, colaboração de pessoas.

Os primeiros agradecimentos vão para o mestre e professor Charles Kiefer, assim como aos colegas de oficina literária.

Sou grata também à equipe da Delegacia de Polícia Civil de Montenegro, que me abriu portas, me orientou e mostrou a rotina de uma DP, em especial ao comissário Renato Schneider de Moraes.

Ao delegado da Polícia Regional de Montenegro, Ciríaco da Costa Caetano Filho, ao comandante da Brigada Militar de Montenegro, Oscar Bessi Filho, e aos amigos advogados criminalistas – todos foram muito importantes durante o processo; à psicóloga Rosângela Nunes e ao doutor Mário de Luca Júnior.

Agradeço à psicóloga, amiga e colega Eva Patricia Ghisio, que me disse certo dia: “Escolhe uma arte e segue nela, tu precisa disso, tu tem que canalizar a tua criatividade pra algo real”, e foi nesse momento que eu escolhi a literatura. Também aos colegas de trabalho – e hoje amigos – Virginia Resem e Daniel Fleischer, que reafirmaram isso.

E tem mais. Existem amigos, familiares, colegas, pessoas que vibraram comigo nesse tempo todo, gente da melhor qualidade, que me incentivou, me ouviu, me apoiou.

Fetiche não teria acontecido sem a participação de todos vocês.

Copyright © 2012 Carina Luft

ISBN: 978-85-62757-71-6

Preparação e revisão

Rodrigo Rosp

Capa

Humberto Nunes

Projeto gráfico

Porto DG

Produção para ebook

Fábrica de Pixel

Foto da autora

Cristina Moreira

Este livro foi composto em fonte Arno Pro e Bickham Script Pro.
Lançamento da primeira edição impressa: julho de 2010.



Todos os direitos desta edição
reservados à Editora Dublinense Ltda.

Av. Taquara, 98/504
Petrópolis – Porto Alegre – RS
contato@dublinense.com.br

Conheça nosso catálogo:
www.dublinense.com.br